



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

Decreto de 29 de dezembro de 1998 - D.O.U. de 30/12/98

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÉLIO VALANDRO

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR E PECULIARIDADES DA CULTURA POPULAR

Canoas, novembro 2008

ÉLIO VALANDRO

**CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR E
PECULIARIDADES DA CULTURA POPULAR**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação do Centro
Universitário La Salle –
UNILASALLE, como requisito
parcial para a obtenção do título de
mestre em Educação, sob
orientação do Prof. Dr. Evaldo Luis
Pauly

CANOAS, 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V136c Valandro, Élio

Construção do conhecimento escolar e peculiaridades da cultura popular [manuscrito] / Élio Valandro. – 2009.
166 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2009.

“Orientação: Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly”.

1. Educação. 2. Periferias urbanas. 3. Cultura popular. I. Pauly, Evaldo Luis. II. Título.

CDU: 37:316.7

Bibliotecário responsável: Kátia Rosi Possobon - CRB 10/1782

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família que sempre apoiou as minhas iniciativas na busca do conhecimento estando ao meu lado tanto nos momentos de alegria como nos momentos mais conturbados, a todos os membros da Sociedade Porvir Científico onde fui acolhido como filho e recebi o suporte necessário para que pudesse aprimorar os meus conhecimentos e as minhas vivências e aos professores pela disponibilidade e zelo em partilhar e socializar o saber com os que o buscam. E de modo especial ao meu orientar pela busca de reflexões e argumentos que corroborassem no desenvolvimento dessa dissertação.

AGRADECIMENTOS

Na condição de uma pessoa que crê em Deus quero agradecer a Ele pela graça de ter encontrado no meu interior, devido minha fé, muito força e energia para transpor todos os obstáculos e as dificuldades com as quais me deparei e pela alegria e satisfação de chegar ao objetivo a que me propus na realização desta pesquisa.

Não posso deixar de agradecer as instituições que de alguma forma colaboraram na efetivação da presente dissertação. Ao programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário La Salle por ousar no curso de mestrado a partir de uma proposta inovadora instigando os sujeitos do processo de construção do conhecimento a uma permanente socialização do saber e das produções científicas. A Sociedade Porvir Científico pelo estímulo e suporte recebido durante a realização do curso de mestrado. A Escola Fundamental La Salle Esmeralda e toda a comunidade educativa pela presteza em auxiliar, fornecendo informações, disponibilizando todos os meios e instrumentos que estavam ao alcance para tornar possível e viável a construção da presente dissertação.

Ao Irmão Provincial Marcos Antonio Corbellini pela sua insistência em convencer aos irmãos da importância de buscar permanentemente aperfeiçoamento pessoal e profissional e por zelar, na condição de Provincial, pela formação permanente dos irmãos e colaboradores.

A comunidade La Salle Esmeralda, da qual faço parte, pelo apoio recebido, pela compreensão, pelo interesse em criar condições favoráveis para a construção do conhecimento e pela contribuição recebida por parte dos meus co-irmãos.

Aos doutores integrantes da banca, cuja presença enaltece esse acontecimento e reafirma a convicção nas iniciativas de construção do conhecimento focadas na demonstração de amor ao saber.

Aos meus colegas mestrandos, pela disponibilidade, abertura e solidariedade, criando condições para tornar os momentos de estudo e reflexões ao mesmo tempo proveitosos e prazerosos. Foram parceiros solidários, críticos, convictos, entusiastas, persistentes, ousados e corajosos para refletir, questionar e agir.

Ao meu orientador Dr. Evaldo Luis Pauly pela presteza em aceitar o desafio de orientar a minha dissertação. Pelo seu empenho em colocar ao meu alcance de forma acessível, franca

e fraterna tanto sua capacidade profissional como suas vivências ao longo de sua história acadêmica. Pelo seu jeito amigo e agradável de exercer o papel de orientador.

Todas as pessoas que contribuíram com esta dissertação dando depoimento, respondendo as entrevistas, fornecendo material, dando opinião, relatando fatos, indicando pessoas em condições de fornecer informações, enfim todos os que de alguma forma deram uma parcela de contribuição.

EPÍGRAFE

“A noção de interconectividade existente entre as entidades e os fenômenos da natureza leva-nos a compreender que o indivíduo aprende não apenas usando a razão, o intelecto, mas também a intuição, as sensações, as emoções, os sentimentos; ela destaca a importância da complementaridade dos hemisférios cerebrais na construção do conhecimento e a necessidade de compreendermos o indivíduo em sua inteireza, em sua totalidade, com base na unidualidade cérebro e espírito”.

Maria Cândida Moraes

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre o processo de construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular. O referencial teórico para esta reflexão inspira-se em Paulo Freire, recorrendo-se a Carlos Rodrigues Brandão e Alberto Melucci pela compreensão de que os mesmos corroboram no enriquecimento da presente construção. A dissertação adota o caminho metodológico da reflexão-ação-reflexão, com base nos valores da dialogicidade, consciência crítica, valorização do saber dos educandos, problematização, politização, eticidade, busca do bem comum e socialização do saber, sempre, amparados pelo contexto e cotidianidade dos sujeitos do processo. Considerando, o processo dialético em que se dá a dinâmica da construção do conhecimento, intencionalmente, o texto desta dissertação faz com bastante frequência, o confronto com as ideologias dominantes que comandam os mecanismos de controle econômico, político e social. Esse confronto é necessário para perceber com clareza que a cultura popular sofre os efeitos dos mecanismos de dominação e se torna refém dos mesmos alienando-se e perdendo a autenticidade. No entanto, tal confronto não assume caráter irreduzível, pelo contrário, é uma oportunidade de crescimento e de encurtamento das distâncias uma vez que se torna canal de diálogo e reflexão da práxis dos sujeitos no processo histórico, mediante a reflexão e mudança de mentalidade tanto das culturas dominantes quanto das dependentes. O objetivo da dissertação é pensar uma práxis educativa escolar voltada para a promoção de atitudes solidárias e de respeito às diferenças capazes de instigar um processo de construção de consciência coletiva, ressaltando a importância da liberdade, igualdade e fraternidade em vista da formação de sujeitos mais autônomos e solidários, fazendo um contra-ponto ao individualismo desenfreado proposto pelo capitalismo. O foco da dissertação é a Escola Fundamental La Salle Esmeralda, inserida num contexto de periferia urbana cujos educandos, na maioria, são procedentes da cultura popular. Este estudo de caso verifica em que medida, na construção do conhecimento, esta escola consegue valorizar as peculiaridades da cultura popular e o saber dos educandos bem como formar a consciência crítica, problematizar e politizar a fim de preparar o educando integralmente.

Palavras-chave: Escolarização, cultura popular, educação em periferias urbanas.

ABSTRACT

This dissertation reflects on the process of building knowledge valuing the peculiarities of the popular culture. The theoretical reference for this reflection inspires itself in Paulo Freire, falling back upon Carlos Rodrigues Brandão and Alberto Melucci by the comprehension of which they corroborate in the enrichment of the present building. The dissertation adopts the methodological way of the reflection-action-reflection, with the basis in the values of the dialogue, critical consciousness, valorization of the students' knowledge, rendering problematic, politicizing, ethics, search of common good and knowledge socialization, always supported by the context and the everyday of the subjects' process. Considering the dialectic process in which the dynamics of knowledge building is done, intentionally, the text of this dissertation makes quite frequently the confrontation with the dominant ideologies that command the mechanisms of economic, political and social control. This confrontation is necessary to perceive clearly that the popular culture suffers from the effects of the dominant mechanisms and becomes hostage of them, alienating and losing authenticity. However, such a confrontation does not assume an irreducible character. On the contrary, it is an opportunity of growing and shortening distances, once this becomes the channel of dialogue and reflection of the praxis of the subjects in the historic process, by means of reflection and change of mentality, as much of the dominant cultures as of the dependent ones. The objective of the dissertation is to think of a school educative praxis directed to the promotion of solitary attitudes, and of respect to the differences capable of instigating a process of building a collective consciousness, pointing out the importance of liberty, equality and fraternity in view of the formation of more autonomous and solitary subjects, making a counter point to the unrestrained individualism proposed by the capitalism. The focus of the dissertation is the Escola Fundamental La Salle Esmeralda, inserted in a context of urban suburb whose students, most of them, proceeding from the popular culture. This case study verifies in which measure, in the building of knowledge, this school attains to value the peculiarities of the popular culture and the students' knowledge, as well as to educate the critical consciousness, to render problematic and politicize in order to prepare the student integrally.

Keywords: Schooling, popular culture, education in urban suburbs.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Fotografia do conselheiro Gil Ozi Goulart em reunião do Orçamento Participativo.....	33
FIGURA 2 – Proporção dos responsáveis pelas famílias na cidade de Porto Alegre.....	35
FIGURA 3 – Número de mulheres com idade entre 10 e 19 anos, número de filhos nascidos vivos e proporção de adolescentes com experiência reprodutiva na cidade de Porto Alegre.....	35
FIGURA 4 – Aspecto da Escola Fundamental La Salle Esmeralda.....	44
FIGURA 5 – Índio morador da região.....	46
FIGURA 6 – Alunos da terceira série em dia de reflexão na Escola Fundamental La Salle Esmeralda.....	47
FIGURA 7 – Opinião sobre a inclusão da mulher no mercado de trabalho.. ..	76
FIGURA 8 –Opinião se a mulher deve trabalhar fora de casa.....	77
FIGURA 9 - Gráfico da pesquisa com os alunos	165
FIGURA 10 - Gráfico da pesquisa com os alunos	166

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 CAPITULO PRIMEIRO – O contexto da comunidade educativa La Salle	
Esmeralda.....	23
1.1 Descrição do contexto das Vilas Esmeralda e Triângulo.....	24
1.2 Cotidiano : espaço de relações de poder e complexidade.....	47
1.2.1 A cotidianidade do trabalho como espaços de relações alienadas e de poder.....	52
2 CAPÍTULO SEGUNDO - Construção crítica do conhecimento, complexidade histórica e cultura popular.....	55
2.1 Conhecimento e cultura : espaços de construção e propagação das relações de poder.....	65
2.2 Culturas dominantes e dominadas.....	70
2.3 A inclusão das culturas e grupos historicamente marginalizados.....	73
2.4 Cultura de massa e cultura popular.....	79
2.5 Ação pública.....	83
2.6 O Poder do Currículo na escola, sociedade e cultura popular.....	86
2.7 Concepção teórica da educação popular sobre o conhecimento.....	93
3 -CAPÍTULO TERCEIRO – A visão de alguns educadores e educandos sobre a escola juntamente com a análise documental.....	95
3.1 Dados documentais e análise.....	95
3.2 Dados coletados junto aos professores através de questionários e entrevistas....	105
3.2.1 Dados obtidos através de questionários.....	106
3.2.2 Dados obtidos por intermédio de entrevistas.....	111
3.3 Reflexões pedagógicas e desafios.....	115
3.3.1 Assumindo o conhecimento como processo, usando sensibilidade e observação para diagnosticar corretamente e explorar o contexto e o saber do educando.....	115
3.3.2 Mantendo abertura às diferenças culturais e diferentes culturas numa postura de tolerância e acolhida ao novo e ao diferente.....	118
3.3.3 Considerando a complexidade da sociedade atual, mantendo flexibilidade, garantindo inclusão, valorizando a autenticidade cultural e problematizando.....	121

3.3.4 Ressaltando a importância da afetividade e resgatando a auto-estima.....	122
3.3.5 Mantendo rigor científico e favorecendo a pesquisa.....	123
3.3.6 Conscientizando para opções ideológicas claras comprometidas com um processo de conquista da autonomia, liberdade e igualdade que desemboca no exercício de atitudes solidárias e fraternas.....	125
3.3.7 Compreendendo os processos relacionais dos sujeitos que vivem no meio popular.....	127
3.3.8 Usando e favorecendo o uso da imaginação.....	128
3.3.9 Estimulando o diálogo.....	130
3.3.10 Refletindo as diferenças de gênero, raças e etnias.....	131
3.3.11 Aproveitando a ludicidade.....	133
3.3.12 Contemplando a mística popular.....	135
3.3.13 Compreendendo e valorizando a linguagem popular.....	136
3.4 Sistematização dos dados coletados pelos questionários preenchidos pelos alunos.....	138
3.5 Análise dos dados coletados junto aos alunos.....	141
4 - CONCLUSÃO.....	146
5 - REFERÊNCIAS.....	156
6 – ANEXOS.....	159

INTRODUÇÃO

Na introdução dessa dissertação, convém explicitar algumas razões a partir das quais se entendeu a necessidade de desenvolvê-la e os argumentos que a justificam.

No meu processo histórico está estampada a busca da auto-compreensão e do entendimento dos mecanismos que intervêm na formação da história de um indivíduo e da sociedade. Para qualificar a profundidade da reflexão foram necessárias opções conscientes no sentido de fazer a leitura da linha de raciocínio e estabelecer uma seleção dos meios que serviriam como caminho para traçar o rumo da história e impulsionar a construção do conhecimento.

Não sou apenas objeto da história mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência.(...) Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (FREIRE, 1996, p.77)

As opções cada vez mais tendiam na direção de um olhar investigativo no sentido de encontrar os fatores que justificassem a existência de indivíduos e grupos cujas vidas são marcadas pela ausência dos recursos econômicos necessários para terem uma vida em condições dignas enquanto que outros eram agraciados pela sobra e pelo esbanjamento de recursos.

No decorrer de meu processo de formação fui acometido por *insights* e passei a fazer *links* e a compreender que os sistemas estão conectados e uma vez que parte-se de princípios particulares, necessariamente, na medida em que se ampliam os horizontes, chega-se a princípios universais. Diante disso, entendo a relevância dos movimentos da história e a produção da cultura na constituição do ser de um indivíduo e de uma sociedade. Dá para afirmar que, nesse caso, manifesta-se um paradigma sociocultural.

Sociocultural por que compreende que o “ser” se faz na relação, que o conhecimento é produzido na interação com o mundo físico e social com base no contato do indivíduo com sua realidade, com os outros, indicando aqui sua dimensão social, dialógica, inerente à própria construção do pensamento que, segundo nosso inesquecível mestre Paulo Freire, não poderia existir sem o diálogo do homem consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Um diálogo que o faz um “ser dotado e situado”, um ser histórico, que busca projetar-se, sair de si mesmo, transcender, com

base em sua ação em sua reflexão sobre o mundo e na compreensão de sua natureza humana e divina. (MORAES, 2004, p. 25)

Essa busca dos fatores envolvidos na constituição e formação dos indivíduos e do modo de ser das diferentes culturas passou a ser o foco de meu interesse na pesquisa e essa opção interveio significativamente em minhas opções teóricas, profissionais e opção vocacional.

O desejo de intervir como sujeito do processo histórico no sentido de diminuir as injustiças sociais e ser uma voz de resistência a um sistema que explora e escraviza as pessoas tornando-as peças de uma engrenagem que visa acentuar as diferenças sociais e privilegiar um pequeno grupo que se encarrega de dar a orientação do sistema e que valoriza as pessoas enquanto essas lhe são úteis, nascem do fato de minha opção por ser um religioso consagrado cuja ação está fundamentada em convicções ligadas à fé e crenças pelas quais defendo a valorização do ser humano por aquilo que é enquanto ser vivo merecedor de respeito e reconhecimento e não pelo que tem.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. (FREIRE, 2005, p. 100)

Um dos esforços que tenho feito no exercício de minha missão e profissão é de encontrar formas de valorizar o saber popular e estar consciente que ao agir é necessário estabelecer um processo dialógico, de troca no sentido de buscar o conhecimento do outro para interagir e ampliar os limites do discurso para priorizar a construção coletiva do conhecimento.

Profissionalmente a experiência adquirida, na educação como professor e diretor gira em torno de aproximadamente vinte anos. A maior parte do tempo dedicado a educandos das camadas mais pobres da sociedade, trabalhando em escolas que se dedicam ao atendimento de crianças e jovens da periferia ou em escolas que estão inseridas no espaço periférico das cidades. Minha formação acadêmica é de Licenciatura em Ciências Religiosas, Licenciatura em Filosofia, Licenciatura em Ciências e Matemática e Especialização em Administração Escolar.

Atualmente, as informações se processam com grande rapidez e para acompanhar o processo evolutivo da história e das sociedades, o profissional necessita estar em permanente formação para acompanhar a evolução e ser competente na produção do conhecimento e esta também tem sido uma das minhas convicções.

Com a queda das paredes, as organizações tendem a diminuir a burocracia, simplificar os processos, intercambiar dados, tomar decisões online, o que deverá levar à melhoria significativa do desempenho e, conseqüentemente, a autonomia e

produtividade maiores, decorrentes da necessidade de tomar decisões rápidas e fornecer respostas imediatas, aspectos fundamentalmente importantes para as organizações alcançarem o sucesso esperado.

O importante nas organizações atuais é que cada indivíduo tenha confiança em si mesmo e nos outros, possua as competências necessárias para um bom desempenho profissional, além de ter acesso às informações e às ferramentas necessárias para um desempenho individual e grupal que leve em conta um contexto global. (MORAES, 2004, p. 118-119)

De posse das razões pelas quais optei por essa pesquisa fica mais fácil entender que se trata de um tema de interesse e que busca aprofundar a formação pessoal e o conhecimento sobre um setor da sociedade que é excluído dos benefícios do capital e colocado à margem do sistema servindo ou como força de trabalho ou como massa de manobra.

Tendo a noção do lugar a partir do qual se fala fica mais fácil compreender o desenrolar dessa pesquisa. Para denotar maior transparência e clareza é oportuno dizer que foram eleitos como autores referenciais para dialogar com mais intensidade, em primeiro plano, Paulo Freire e em segundo Alberto Melucci e Carlos Rodrigues Brandão.

Declarando a seleção dos autores acima para fundamentar o trabalho de pesquisa transparece com evidência uma linha de pesquisa focada na construção do conhecimento por intermédio da problematização e com a preocupação de conduzir à politização.

A busca da formação da consciência crítica será uma constante no decorrer do processo desta pesquisa e no esforço de fazer uma leitura crítica da realidade dando relevância ao contexto e às ações cotidianas dos indivíduos, grupos, sociedade e culturas.

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. (FREIRE, 1996, p.39)

Estou convencido de que se trata de uma proposta complexa uma vez que pretendo abordar a construção crítica do conhecimento e a valorização das peculiaridades da cultura popular tendo que adentrar em aspectos de cunho histórico e cultural, porém estou seguro de que é viável e possível de ser realizada com relativo êxito.

Constitui-se numa pesquisa que tem como intuito aprofundar a compreensão das reflexões e construção do conhecimento de acordo com a proposta de Paulo Freire e de alguns outros pensadores que simpatizam com a linha do pensamento freireano.

A dissertação está organizada em três capítulos sendo que o primeiro versa sobre a descrição do contexto e a reflexão a respeito do cotidiano trazendo elementos presentes na complexidade das relações do dia-a-dia da cultura popular.

O segundo capítulo procura estabelecer um diálogo com os autores selecionados como referências apresentando a fundamentação teórica construída por tais autores em confronto com a construção, as dúvidas e a problematização da pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta uma pesquisa baseada nos documentos da Escola Fundamental La Salle Esmeralda e nas entrevistas com moradores, alunos e professores sobre as peculiaridades da cultura popular; além de procurar estabelecer uma verificação da produção do conhecimento no ambiente da escola para perceber em que medida é um processo que desenvolve a consciência crítica e cria condições para a formação de sujeitos autônomos e livres.

Essa dissertação vislumbra a oportunidade de fazer algumas reflexões contemplando as minhas concepções ideológicas as políticas que orientam a ação, a construção cognitiva, o processo de formação pessoal e profissional, as opções morais e éticas, o contexto de referência, a visão de homem, sociedade e mundo. Por outro lado, a compreensão do processo educativo, concepções de educação, ideais educativos, referenciais teóricos na relação com a prática, na possibilidade de consolidar ou descartar algumas hipóteses em relação à educação, construção do conhecimento e produção da cultura popular.

Um dos motivos que impulsiona essa dissertação é o meu desejo de refletir sobre a ação a partir das minhas concepções teóricas. Nesse sentido a dissertação procurou aprofundar a compreensão dos mecanismos que controlam a produção dos processos educativos, conhecimento e cultura. Tal análise tem provocado grande inquietação quanto ao reconhecimento dos motivos pelos quais direciona-se a prática educativa e quais os referenciais que se utiliza para norteá-la como cientista, teórico, educador, cidadão e sujeito do processo histórico contextualizado em determinado espaço e tempo.

O simples agir não satisfaz se não se tiver em vista um projeto cujo objetivo seja vislumbrar, com clareza, algumas metas a partir das quais surjam elementos que qualifiquem o desenvolvimento do processo de construção do conhecimento em que se está envolvido.

Reafirma-se a vontade de contribuir no desenvolvimento de alguns processos teóricos e práticos de construção do conhecimento fundamentados na consciência crítica e opção pelas teorias críticas visando à implementação de políticas educativas voltadas para a busca de maior solidariedade, justiça, igualdade, liberdade e fraternidade.

É inquietante a angústia gerada em torno dos radicalismos que insistem em apresentar a verdade como privilégio de alguns e não reconhecendo que a mesma tem conotação histórica e cultural.

É questionável a falta de abertura por parte de algumas concepções ideológicas em reconhecer que todos os cidadãos indistintamente têm direitos iguais tanto de liberdade, respeito, participação, reconhecimento, valorização quanto de usufruir do resultado do seu esforço e suor bem como de participar dos benefícios obtidos a partir daquilo que recebemos da mãe Terra, da natureza, enfim de todo o ecossistema.

Acredita-se que é possível através de intervenções precisas e qualificadas provocar um processo de construção do conhecimento voltado para a valorização da educação como meio de oferecer aos educandos possibilidades de construir processos cujos resultados os capacitem para aprender a aprender.

Nessa pesquisa tentei reforçar a necessidade de que o processo de construção do conhecimento e por sua vez de ensino aprendizagem seja prazeroso, atraente e estimulador contribuindo para o fortalecimento dos vínculos afetivos voltados para a educação e a produção de uma cultura em que haja solidariedade e parceria entre os sujeitos do processo histórico.

Com o presente trabalho almeja-se verificar o quanto é possível, num processo educativo, criar mecanismos que contemplem a construção do conhecimento considerando as peculiaridades do contexto da cultura local. Entende-se que é de fundamental importância perceber quais os métodos de ensino são mais indicados para focalizar o contexto com o qual o educando se relaciona e quais os elementos da cultura em que o sujeito está inserido, facilitam mais na construção do conhecimento. Tendo em vista que o mesmo leva a uma compreensão crítica da sociedade e satisfação das necessidades inerentes ao cotidiano do educando.

Como passo subsequente, a pesquisa pretende verificar o grau de veracidade que cerca as relações oferecidas pelo contexto de estudo e de pesquisa em que se inserem os objetos de conhecimento e os sujeitos que conhecem.

Busca-se encontrar parâmetros que diferenciam os processos de assimilação do conhecimento em prol dos que oportunizam a construção do conhecimento a partir da interação educador e educando em que ambos são sujeitos e ensinam e aprendem ao mesmo tempo, tendo o contexto como referência e fazendo um contínuo movimento de ação-reflexão-ação. Objetivando uma prática refletida para realizar progressos gradativos no sentido de aprofundar a compreensão dos mecanismos que interagem na construção do conhecimento, formação do indivíduo e produção da cultura.

Deseja-se constatar o quanto as instituições de ensino conseguem contemplar o contexto e criar mecanismos que levem os educandos a ter uma visão crítica da realidade e da

cultura nas quais estão inseridos. A pesquisa também visa a questionar e a revelar os meandros de manipulação das organizações políticas, econômicas e sociais voltadas aos interesses das classes dominantes. A princípio, esta pesquisa pretende ser um alerta no sentido de despertar os educandos para a necessidade de indignação e resistência contra as teorias arcaicas que servem apenas aos interesses das culturas dominantes. Isso porque estas não oferecem oportunidade para as culturas subalternas e dominadas manifestarem seu modo de ser e consolidar sua identidade, livre das amarras dos mecanismos que restringem e impedem o exercício da solidariedade, igualdade e liberdade.

A dissertação, desse modo, é uma tentativa de contribuir na construção do conhecimento embasado na pesquisa tornando as argumentações precisas, confiáveis e fundamentadas em critérios reconhecidos pelo teor de sua veracidade.

Por isso analiso a experiência de uma escola que pretende ser uma resposta à interpelação no sentido de contemplar com maior intensidade a construção do conhecimento seguindo o rigor científico de modo a reconhecer que o mesmo não se processa de forma isolada, mas numa permanente troca com o meio e a cultura. Já que carrego comigo uma história construída a partir dos referenciais tempo, espaço, movimento histórico e cultura, é a partir de um contexto que falo, já que não acredito na neutralidade quando se trata de estabelecer processos educativos e de construção do conhecimento a partir da cultura popular.

Percebo a necessidade de avaliar a prática educativa, isto é, verificar se as instituições consideradas como espaço de construção do conhecimento a partir da cultura popular e suas peculiaridades estão cumprindo com seu papel e sendo um instrumento a serviço de um processo de valorização das diferenças de cultura, raça, etnia, gênero e de libertação.

É importante constatar se as mesmas precisam repensar suas estratégias e buscar alternativas mais eficientes e eficazes para oferecer, com mais qualidade, possibilidades de aprendizagem que satisfaçam a necessidade das pessoas e da cultura em que estão inseridas, sem descuidar da meta de gerar uma educação contextualizada e crítica. A contextualização move os sujeitos no sentido de provocar rupturas na história e gerar movimentos éticos de humanização.

Que a escola seja, realmente, um espaço que instrumentaliza os educandos para ter as habilidades necessárias para solucionar os problemas com os quais se confronta no dia-a-dia e que eles saibam refletir sua ação permanentemente de modo a otimizar energia e capacidade na construção da sociedade, no desenvolvimento da nação e da humanidade.

É oportunidade ímpar de conhecer melhor o contexto de produção da cultura popular possibilitando assim uma melhor seleção dos conteúdos a serem considerados no currículo das instituições de ensino voltadas à construção do conhecimento a partir da cultura popular.

Quer-se aprimorar as condições para estabelecer políticas educacionais mais criativas, coerentes com a cultura de inserção, críticas, voltadas para a conscientização e libertação, bem como para aproximar as diferenças em relação às possibilidades e condições de vida.

Hoje, mais do que nunca, convém questionar permanentemente o fazer pedagógico abrindo o leque para constatar as lacunas e encontrar meios de qualificar o quadro funcional.

A história segue seu percurso uma vez que está sempre em movimento. O ritmo pode ser, umas vezes mais e outras menos, acelerado de acordo com o potencial dos sujeitos. No entanto, nunca pára e assim como existem teorias arcaicas, também pode ocorrer que a formação dos professores que não se dispõem e não apresentam abertura à renovação e inovação se torne arcaica.

Quando, em educação, se analisa o passado, é preciso fazer uma distinção entre o tradicional e o arcaico. O tradicional é o que deve ser resguardado, protegido até, por ter apresentado um nível de eficiência aceitável no trato das questões pedagógicas: já o arcaico é o ultrapassado, o envelhecido negativamente, aquele que não tem mais aplicabilidade em novas circunstâncias. (CORTELLA, 2006, p.152)

Podemos dizer que ao chegar a esse estágio, os mesmos, encontram dificuldade para entender a complexidade dos sistemas e se adaptarem aos novos tempos e às exigências do contexto e até mesmo em relação às novas teorias que são construídas.

É necessário acompanhar o movimento da história, significando disposição em manifestar abertura aos novos processos e novas metodologias no campo da formação pessoal e profissional. Acredita-se que o educador tem a missão de ser iniciador dos processos podendo mediar os movimentos das práticas educativas e das construções teóricas resultantes das constatações construídas pela pesquisa mediante experimentação e reflexão dos processos práticos e teóricos.

É gratificante o fato de poder pesquisar e apaixonar-se pelo processo de construção e apropriação do saber. Essa postura gera uma tendência natural a buscar incessantemente os caminhos da pesquisa para fazê-lo com rigor científico. Ser pesquisador é ter uma apurada capacidade de penetrar no impenetrável, de captar os detalhes não capturados e paciência para longas observações. O pesquisador precisa encontrar o maior número de conexões a fim de poder argumentar com fundamentação e esclarecer, da melhor forma, as dúvidas ou gerar novas dúvidas porque é assim que se constrói o conhecimento e se aprende a aprender. Esta dissertação pretende buscar com maior vigor o espírito científico e o gosto pela pesquisa

como forma de construir o conhecimento e facilitar a produção cultural de forma consciente, livre dos mecanismos de alienação.

Essa pesquisa quer também reavivar a possibilidade de entender que a construção do conhecimento não é estanque de modo que tudo o que se construiu até o presente seja ignorado, ao contrário, quer ressaltar que o processo sempre se dá a partir de um passo anterior. Mais do que nunca convém reconhecer que o conhecimento construído é ponto de partida para novos processos dando-nos a compreensão de muitas coisas evitando assim a necessidade de investir tempo e energia em seu desvelamento.

A partir das conquistas anteriores muitas vezes é mais fecundo o caminho para novos movimentos de pesquisa, reflexão e ação em vista da construção de novos processos, metodologias e conhecimentos. A partir da tese, produzimos a antítese e com este movimento dialético chegamos a uma síntese. Na construção do conhecimento esse processo dialético se produz sucessivamente por infinitas vezes.

Não se pode omitir de dizer que se sente intensa inquietação ao ver que os princípios éticos estão entrando em um processo de descarte. O contexto atual nos oferece uma realidade descaracterizada eticamente e os indivíduos estão diante da incerteza e dúvida em relação a princípios éticos, estão desprovidos de referenciais, não encontram sustentação nos valores oferecidos pelas ideologias vigentes e se deparam com a confusão.

A identificação se torna complexa na medida em que os indivíduos não têm a oportunidade de acessar com clareza os valores necessários para consolidar uma cultura popular que pretende ser de resistência às ideologias de sustentação do capitalismo.

Pessoalmente tenho sentimento de indignação ao perceber a sociedade fundamentando-se em políticas neoliberais propondo a liberdade desregrada sem incluir os princípios éticos de respeito aos outros. Ocorre uma inversão de valor. O livre comércio coloca nas mercadorias (coisas) o referencial ao pronunciar um juízo de valor, o ser humano é coisificado a partir de sua utilidade e o ser homem ou mulher fica em segundo plano, torna-se secundário.

Mediante tal visão do ser humano se faz necessário, através de processos educativos, despertar os educandos para intervirem no sentido de dar ao ser humano o valor e a dignidade que merece em vista do seu ser e não apenas por aquilo que tem e sua utilidade.

Estou convencido que a escolarização das crianças e adolescentes dos meios populares se constitui num meio de oportunizar aos educandos maior qualificação. Quanto maior as possibilidades para a conquista de saber tanto mais completo será o processo de formação uma vez que a meta é levar o educando à formação integral. A formação integral é fruto das

oportunidades que os educandos têm, durante a formação, de acessar os meios e processos que representam fontes de aprendizagem e de conhecimento.

Há preocupação em ensinar e, muitas vezes, esquece-se de educar e produzir conhecimento. A prática educativa está muito estruturada na preocupação com os conteúdos que os educandos precisam saber enquanto que outros elementos de maior importância são ignorados.

Pouco se valoriza a importância de refletir as políticas públicas direcionadas à educação. Dificilmente se desencadeia algum tipo de reflexão em relação aos investimentos e recursos destinados à educação. Não se questiona as políticas e os processos e se quer cidadãos conscientes. É na perspectiva de repensar o processo Educativo da Escola Fundamental La Salle Esmeralda que se efetivou a presente pesquisa.

Foi uma oportunidade de desencadear reflexões junto à comunidade educativa e local com o intuito de buscar formas de ensinar certo e conseguir refletir a respeito da razão de ser dos saberes populares. Freire insiste que é "preciso que creiamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também" (FREIRE, 2006, p. 52, 54-57). Esta afirmação de Freire também serve de alerta aos profissionais sobre a importância de ter abertura para valorizar e respeitar os saberes dos educandos e inserir o contexto nos conteúdos e nas reflexões das propostas educativas.

Faz-se necessário criar situações que levem os educadores a refletir com os educandos, moradores da periferia, os motivos pelos quais se encontram naquela situação e por que as vilas não têm boas moradias, condições de saúde e higiene semelhantes às de bairros onde moram pessoas de classe média e alta.

Que os educandos das escolas de periferia possam entender que o contexto em que vivem é o resultado de políticas discriminatórias e que a lógica do capitalismo é o endeusamento do capital em detrimento dos princípios éticos universais de valorização da pessoa humana.

Almeja-se produzir uma prática educativa que descubra o que a escola tem a ver com as vilas, ou seja, a comunidade educativa está suficientemente integrada, inserida e envolvida com os saberes produzidos na cultura popular? A escola Esmeralda prioriza as necessidades dos moradores das duas vilas e responde à demanda dos moradores, do contexto do qual faz parte?

Esta pesquisa pretende enfrentar três problemas:

a) De que maneira/em que medida a E. F. La Salle Esmeralda pode ser considerada um espaço onde se faz uma leitura crítica da realidade na construção do conhecimento escolar, priorizando a valorização das peculiaridades da cultura popular?

b) A E. F. La Salle Esmeralda pratica uma educação que permite aos seus alunos e docentes desenvolverem uma leitura crítica da realidade na construção do conhecimento que valorize as peculiaridades da cultura popular?

c) As peculiaridades da cultura popular são valorizadas na leitura crítica da realidade necessária ao processo de construção do conhecimento desenvolvido na E. F. La Salle Esmeralda?

Para concluir, convém ressaltar, que se acredita na transformação e em todo o trabalho que tem em vista a possibilidade de reavaliar a prática e de construir o conhecimento. Foi com o desejo de responder a alguns questionamentos, esclarecer o teor de certas argumentações e buscar novos caminhos para estabelecer processos de construção do conhecimento, que surgiu essa pesquisa como instrumento de estudo e reflexão. Tenho consciência de que permanecem muitas dúvidas e inquietações, mas as dúvidas não são vistas como algo que descaracterize os resultados da pesquisa, pelo contrário, são possibilidades para continuá-la. O reconhecidamente sábio Sócrates constatou que quanto mais sabia, mais aumentava seu convencimento que quase nada sabia. Significa que o conhecimento leva ao questionamento que provoca dúvidas, estas, são fontes de enriquecimento e qualificação na busca de um grau maior de saber.

1 - CAPÍTULO PRIMEIRO - O contexto da comunidade educativa La Salle Esmeralda

As informações que versam na descrição do contexto foram obtidas mediante observações da realidade no dia-a-dia dos moradores, conversas com pessoas da comunidade, minha vivência no contexto pesquisado, histórico da escola, documentos pertencentes à associação dos moradores e fotos.

Este capítulo busca mostrar aspectos relevantes a serem contemplados quando se pretende implantar um processo de construção do conhecimento no âmbito da cultura popular ressaltando as peculiaridades da mesma.

O autor dessa pesquisa tem vínculos com as classes populares e acredita na construção crítica do conhecimento e na necessidade de estabelecer uma relação de troca e diálogo permanente entre a teoria e a prática, entre educador e educando. O autor se identifica com a tradição teórica da Educação Popular que reconhece:

A tendência, então, do educador-educando como dos educandos-educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar este pensar da ação (FREIRE, 1996, p. 82).

Nessa perspectiva teórica, os sujeitos do processo educativo são críticos, problematizadores, autônomos, livres, abertos ao diálogo e orientam a reflexão e ação auxiliados pela concepção dialética. Acreditam na construção coletiva e socialização do conhecimento. Entendem como importante valorizar as conquistas, duvidar das certezas, e demonstrar flexibilidade em incluir novas teorias e realidades. Acreditam na ação transformadora e têm consciência da responsabilidade de buscar processos de libertação e o bem-estar de todos ao intervirem na construção dos rumos da história e produção cultural.

Na realidade a fundamentação teórica que segue busca mostrar que as relações de poder perpassam os movimentos da história, a construção do conhecimento e a produção da cultura e que é importante dar-se conta da complexidade das relações e dos mecanismos que atuam no sentido de manter as relações verticais, portanto, de poder, e os que buscam consolidar relações baseadas nos pressupostos da horizontalidade.

Com a reflexão pretende-se mostrar de que obtêm-se ganho coletivo quando da eliminação da divisão por classes e superação das discriminações geradas pelas diferenças de raças e etnias. É uma tentativa de responder ao desejo de fazer uma leitura crítica da realidade para tomar consciência da necessidade de refletir a ação e perceber as peculiaridades da cultura popular para valorizá-las no processo de construção do conhecimento no intuito de formar intelectuais orgânicos.

O que é importante salientar que para Gramsci, intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, não só resistem a processos hegemônicos, como também desafiam e procuram destituir a velha ordem hegemônica, conduzindo a sua classe ou frente popular para formas mais estruturadas e elaboradas de entendimento do sistema capitalista de exploração.

Ao mesmo tempo, intelectuais orgânicos devem servir de referência capaz de alargar os horizontes da sua classe ou frente popular, de modo a conseguir um sistema de organização social justa, o qual, no pensamento gramsciano, terá necessariamente de ser uma sociedade socialista. (FISCHMANN, 2002, p. 96)

Sendo assim são objeto de estudo e reflexão o contexto, a cotidianidade bem como a leitura crítica da realidade e a construção do conhecimento valorizando a historicidade e as peculiaridades da cultura popular. Entendendo que a cultura popular é uma realidade complexa e desafiadora. Para melhor compreender o processo educativo, segue uma breve descrição do contexto sócio-cultural. Neste contexto situa-se uma escola de ensino fundamental pública não-estatal, na qual exerço a responsabilidade pela direção.

1.1 Descrição do contexto das Vilas Esmeralda e Triângulo

Esta dissertação enfrentou o desafio de produzir uma pesquisa tendo como contexto o espaço de construção do conhecimento, contemplando as peculiaridades da cultura popular. Para ser bem específico na definição do objeto de pesquisa, é necessário esclarecer que o foco desse trabalho é a Escola Fundamental La Salle Esmeralda, radicada na divisa das Vilas Esmeralda e Triângulo, da qual o autor é diretor desde 2001. A escola localiza-se na periferia de Porto Alegre, numa vila cujos moradores inserem-se nos parâmetros do público considerado como capaz de produção da cultura popular pela teoria pedagógica da Educação Popular. Na ótica da cultura popular um dos aspectos de fundamental importância é o contexto no qual esta cultura está sendo produzida. Seguem algumas páginas relatando o contexto das Vilas Esmeralda e Triângulo, porque esta pesquisa parte da hipótese de que a produção do conhecimento tem o contexto como um grande aliado uma vez que se efetiva em uma realidade concreta e segue um processo histórico a partir de um constructo cultural.

Ser o sujeito da história e ser o agente criador da cultura não são adjetivos qualificadores do homem. São o seu substantivo. Mas não são igualmente a sua essência e, sim, um momento de seu próprio processo dialético de humanização. No espaço de tensão entre a necessidade (as suas limitações como ser da natureza) e a liberdade (o seu poder de transcender ao mundo por atos conscientes de reflexão) o homem realiza um trabalho único que, criando o mundo da cultura e fazendo a história humana, cria a própria trajetória de humanização do homem. (BRANDÃO, 2002, p.41)

As Vilas Esmeralda e Triângulo, geograficamente, pertencem aos bairros Agronomia e Lomba do Pinheiro no município de Porto Alegre/RS. Abaixo estão reproduzidas as informações sintetizadas pela [Secretaria do Planejamento Municipal](#) da Prefeitura de Porto Alegre¹

Bairro Agronomia

Foi criado pela Lei 4166 de 21/09/76 com limites alterados através da Lei 6720 de 21/11/90 e, posteriormente, através da Lei 7954 de 08/01/97.

População/2000: 10.681 moradores

Homens: 5.327

Mulheres: 5.354

Taxa de crescimento 91/2000: 19,2% ao ano

Área: 1.241 hectares

Densidade: 9 hab/ha

Número de domicílios: 2.893

Rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio/2000: 3,98 salários mínimos.

Limites Atuais: da esquina da Avenida Bento Gonçalves com Avenida Antônio de Carvalho, seguindo por esta última até a Av. Ipiranga. Por esta e seu prolongamento projetado até encontrar o Beco dos Marianos. Deste ponto, seguindo pelo limite da área urbana de ocupação intensiva, até o fim do prolongamento da Rua Comendador Eduardo Secco. Deste ponto, no sentido aproximado leste, por uma linha reta, seca e imaginária, até encontrar o marco geodésico do Morro Santana. Daí, por uma linha reta, seca e imaginária até as nascentes do arroio no Morro Santana. Seguindo pelo leito deste arroio até encontrar a divisa com o Município de Viamão. Daí em sentido geral sul, segue pela divisa com o Município de Viamão, conforme estabelecido pela Lei Estadual nº 9641, de 26 de março de 1992, publicada no DOE, de 27 de março de 1992, até a altura da Estrada Victorino Luiz de Fraga; seguindo por esta até encontrar a Estrada João de Oliveira Remião e por esta, no sentido noroeste, até encontrar o Beco do David. Seguindo pelo Beco do David, em sentido sudeste, até encontrar a Estrada das Capoeiras e acompanhando a mesma até o ponto mais setentrional; daí, em linha reta, seca e imaginária, em sentido norte, até o marco geodésico do Morro da Companhia. Daí, em linha reta, seca e imaginária, sentido noroeste, até encontrar o ponto de convergência das ruas Soldado José da Silva com Capitão Manoel Pozo Bravo. Daí, por este logradouro até encontrar, novamente, o ponto inicial.

Bairro Lomba do Pinheiro

Foi criado pela Lei 7954 de 8 de Janeiro de 1997, alterando as leis 4166/76 e 2022/59.

População/2000: 30.388 moradores

Homens: 14.795

Mulheres: 15.593

¹.Disponível em http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=3&p_secao=43. Acesso 01/07/2008

Área: 2.455 ha

Densidade: 12 hab/ha

Domicílios: 8.434

Rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio/2000: 2,92 salários mínimos

Limites Atuais: compreende as atuais vilas São Francisco, Mapa I e II, Chácara das Pêras, das Pedreiras, Beco do Davi, Quinta do Portal, Jardim Lomba do Pinheiro, Residencial São Claro, Jardim Franciscano, Nova São Carlos, Viçosa, Stellamar, Primeiro de Maio, Nova Serra Verde, Pinhal, recreio da Divisa, Panorama, Santa Helena, São Pedro, Santa Filomena e Bonsucesso. Seus limites vão do entroncamento do beco do David com a estrada João de Oliveira Remião, seguindo por esta em direção geral sul, até encontrar a Estrada Victorino Luiz Fraga; seguindo por esta até encontrar o Arroio taquara e, prosseguindo pelo leito deste, em direção as suas nascentes, até encontrar a cerca do Parque Saint'Hilaire. Continua pela divisa do mesmo Parque, em direção geral sudeste, acompanhando suas deflexões, até encontrar novamente a Estrada João de Oliveira Remião e, seguindo pela mesma estrada, até o entroncamento com a Estrada João Antônio da Silveira. Segue por esta até a estrada do Rincão. Por esta segue até a Estrada Giacomo Muttoni; segue pela mesma até a Estrada Afonso Lourenço Mariante e, por esta, até encontrar a Estrada Antônio Borges. Segue por esta até a Estrada das Capoeiras, acompanhando-a em direção geral norte até encontrar o Beco do Davi e daí seguindo por este até o ponto inicial.

Para se chegar até as Vilas Esmeralda e Triângulo existem quatro alternativas. Primeira: tomando a Avenida Bento Gonçalves, deslocando-se em direção a Viamão, em frente do Hospital Veterinário da UFRGS, sinaleira à direita, ao lado do Posto Esso, inicia a Rua Dolores Duran pela qual, após percorrer cerca de dois quilômetros chega-se até as Vilas Esmeralda e Triângulo. Segunda: deslocando-se pela Avenida Bento Gonçalves em direção a Viamão, cerca de 300 metros após o Colégio Pedro Pereira, à direita, inicia a Rua João de Oliveira Remião, também conhecida como Av. do Trabalhador. Deslocando-se cerca de dois quilômetros e meio em direção à Lomba do Pinheiro, passando o Cemitério Jardim da Paz, na parada quatro, à esquerda, encontra-se a Rua Ernesto Liscana por onde se consegue acessar as Vilas Esmeralda e Triângulo. Terceira: continuando a percorrer a Rua João de Oliveira Remião passando a parada quatro, cerca de um quilômetro, na parada seis, à esquerda, encontra-se a Rua Dolores Duran cujo acesso, após percorrer cerca de um quilômetro, leva às Vilas Esmeralda e Triângulo. Quarta: seguindo a Avenida Bento Gonçalves em direção a Viamão na frente do Campus da UFRGS, à direita, antes da Lomba do Sabão, na divisa com Viamão e próximo do Parque Saint Hilaire encontra-se a Vila dos Herdeiros. Atravessando a mesma pode-se acessar a Rua Santana e, através dela, chegar até as Vilas Esmeralda e Triângulo. São esses os meios rodoviários de acesso ao contexto objeto da descrição.

Essa descrição detalhada serve para sensibilizar o leitor da intrincada malha urbana na qual as Vilas estão inseridas, demonstrando, fisicamente, a complexa relação das periferias urbanas com a urbanidade, sendo necessário superar a visão simplista que reduz essa inserção complexa à mera oposição centro x periferia, zona central x zona marginal.

Nas proximidades das Vilas Esmeralda e Triângulo existem o Campus da UFRGS, uma das mais importantes Universidades do país, as Vilas Mapa, dos Herdeiros, Quinta do Portal e São Francisco, além das empresas privadas: Cemitério Jardim da Paz, Centro de Excelência em Tecnologia Eletrônica Avançada/Ceitec² da Lomba do Pinheiro.

A Vila Esmeralda popularmente é conhecida como Vila Tamanca. Este curioso nome popular originou-se do fato de ter sido uma região de difícil acesso. Em épocas de chuva aumentavam as dificuldades para se chegar até a Vila quando a única via de acesso era a Rua Dolores Duran que não tinha recebido pavimentação e se tratava de uma Rua de chão batido. O fato dos moradores terem que usar tamancos para conseguirem se locomover devido a grande quantidade de lama existente deu origem à denominação popular de Tamanca como ainda hoje popularmente é designada a Vila Esmeralda. Registre-se que a denominação da Escola representa uma superação simbólica importante, embora, muito vinculada à experiência concreta da caminhada do povo dessa Vila. Ao conversar com os moradores mais antigos é possível verificar que estes continuam usando esta denominação assim como os ex-moradores.³

Nos registros oficiais da Prefeitura de Porto Alegre este espaço urbano é designado oficialmente como Vila Esmeralda. Esmeralda era o nome de uma antiga proprietária da área que ao vendê-la, para a construção de um condomínio, exigiu que fosse dado o seu nome ao mesmo. Foram as negociações da Senhora Esmeralda com o Engenheiro popularmente conhecido como Lauro Gordo, dono da Imobiliária que construiria o condomínio, que deram origem ao nome de Esmeralda. O Engenheiro faleceu, vitimado por um acidente, e a área ficou no abandono e tornou-se uma área verde ocupada por pessoas, a maioria vindas do interior, que não tinham recursos para adquirir um lote urbanizado para construir uma casa legalizada e formar um lar. As primeiras famílias encontraram uma área assemelhando-se ao campo já que era coberta quase que na sua totalidade, por mata. Os ocupantes mais antigos da

² “O projeto do CEITEC – Centro de Excelência em Tecnologia Eletrônica Avançada nasceu da necessidade de inserir o país no desenvolvimento de tecnologias com base na microeletrônica visando mudar o quadro de dependência externa nesta área, de acordo com o Plano Nacional de Microeletrônica, que vem sendo estruturado e coordenado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Sua concepção tem por base a parceria entre as esferas governamental (Federal, Estadual e Municipal), de Ensino Superior e Empresarial, para implantar, no Rio Grande do Sul, um centro de formação de recursos humanos e de desenvolvimento de tecnologia, prototipagem, teste e produção de circuitos integrados. Essa parceria permitiu a institucionalização do CEITEC como uma associação civil sem fins lucrativos em abril de 2002”. Informação disponível em <http://www.tecnopole.palegre.com.br/default.asp?proj=88&secao=217>

³ Tive oportunidade de conversar e entrevistar as Senhoras Alaides Colling, Oneide Fogassa, Silvia Goulart, Lucimar Gaspar e os Senhores Jorge de Souza, José Teles e Carlos Camaquã

Vila Esmeralda foram as famílias dos Camaquã, Meireles, Cândido, Rodrigues e de uma senhora conhecida popularmente como Pomboca.⁴

Essas famílias historicamente exerceram alguma influência na comunidade e destacaram-se no sentido de ajudar os moradores a organizarem-se para lutar e conquistar alguns serviços públicos e a infra-estrutura básica para viver com alguma dignidade humana. Eram pessoas de alguma visão política e seguras de que os cidadãos têm direito ao acesso às necessidades básicas fundamentais para a sobrevivência tais como água tratada, moradia, locomoção, saúde, educação, alimentação saudável, respeito aos direitos... Esses moradores começaram a conscientizar seus vizinhos sobre a existência de órgãos responsáveis para prestar tais serviços à população custeados pelos contribuintes mediante o pagamento de impostos, portanto, trata-se de um direito dos moradores e de um dever da Prefeitura retornar esses valores sob a forma de benefícios.

Com isso, aos poucos, foram chegando mais famílias, ampliou-se a estrutura e a ocupação da área passou a ganhar as proporções de uma Vila. Essas famílias ocuparam a área de forma irregular e como não sofreram nenhuma pressão para deixar o local foram consolidando sua permanência e trataram de criar mecanismos de desenvolvimento e crescimento da comunidade local dando sustentação ao que hoje nomeamos de Vila Esmeralda.

No processo de crescimento se incluía um espaço para a educação a fim de atender à necessidade da comunidade. Os lassalistas⁵ aceitaram o convite e se juntaram aos moradores na luta e na busca de um processo de crescimento e melhor qualidade de vida.

Com satisfação pode-se dizer que os Lassalistas deram significativa contribuição quando se trata do desenvolvimento das Vilas Esmeralda e Triângulo uma vez que assumiram como compromisso e missão de participar do cotidiano dessas pessoas morando e lutando com elas.

⁴ Obtive as informações entrevistando o Senhor Gil Ozi Goulart que é um morador antigo da comunidade e líder comunitário e a Senhora Ana Lucia Ribeiro Braga, moradora antiga da vila e ex-funcionária contratada por ocasião do início das atividades da Escola Fundamental La Salle Esmeralda em 1981.

⁵ Irmãos Lassalistas. “Nossa proposta educativa é baseada nos princípios de São João Batista de La Salle, sacerdote francês (1651 -1719) que renunciando a todos os privilégios da sua condição de nobre, dedicou-se à criação de escolas para as crianças das classes menos favorecidas. Sua primeira escola foi fundada em 1679. Da França, a atuação dos Irmãos espalhou-se pelo mundo. Atualmente, são mais de 80 países que contam com instituições lassalistas; mais de 6.000 irmãos; 55.000 educadores e 1500 Comunidades Educativas que atingem, aproximadamente, 1 milhão de crianças, jovens e adultos. No Brasil, os Lassalistas estão presentes desde 1907, quando fundaram a sua primeira escola para os filhos dos operários que residiam no bairro Navegantes, em Porto Alegre. São hoje, mais de 200 Irmãos e 2500 educadores, em 43 Comunidades Educativas, que atendem mais de 50 mil crianças, jovens e adultos, em 11 estados brasileiros”. Informações disponíveis em www.lasalle.edu.br/portal/index.php

Os lassalistas encararam como desafio animar as comunidades na busca de melhores condições de vida e trabalharam na formação da consciência crítica, envolvimento político, organização e formação intelectual por intermédio da educação, tendo como referência a Escola Fundamental La Salle Esmeralda. Pode-se perceber a importância da escola para a comunidade porque foi através dela que a comunidade conseguiu fazer uma síntese e avançar na compreensão de que a prática pode ser otimizada quando refletida e sustentada por argumentos teóricos e os lassalistas participaram efetivamente nesse processo assessorando os moradores da Vila Esmeralda

Os lassalistas são religiosos leigos consagrados, comprometidos com a missão da Igreja de evangelizar, ou seja, de levar a mensagem de Cristo às pessoas e agir na história com intervenções que visam a melhorar a vida das pessoas para ajudá-las a se comprometer com projetos sociais de solidariedade e humanização. Para serem fiéis à missão que assumiram como parte da Igreja, os lassalistas procuram ser criativos, dinâmicos e usar todos os meios e recursos disponíveis para, com eficiência e eficácia, realizar, de forma qualificada, a missão a eles confiada e o fazem prioritariamente através da educação. Têm como ideal de vida o compromisso com a educação e com projetos de humanização, justiça, solidariedade e atenção prioritária aos pobres e marginalizados. Com este intuito estão presentes e trabalham nas Vilas Esmeralda e Triângulo há vinte e sete anos.

A Vila Triângulo faz divisa com a Vila Esmeralda e ambas se assemelham no quesito moradores, pois apresentam as mesmas características, ou seja, são pessoas simples, trabalhadores humildes, portadores das características de produção da cultura popular. A origem do nome está associada à fisionomia geográfica do espaço desenhado em forma de um triângulo. Os moradores mais antigos da Vila Triângulo foram as famílias Bitencurt, Peixoto, Camargo e Souza. Estas famílias também se destacaram no sentido de buscar, através da mobilização dos moradores, alternativas para dar ao espaço de convivência condições de melhorias e desenvolvimento. Hoje, essas famílias têm o reconhecimento da comunidade local através da lembrança de seus nomes nas ruas das Vilas.

Geograficamente está ao leste da cidade de Porto Alegre. É uma região com alguma acidentalidade porque as Vilas Esmeraldas e Triângulo encontram-se em um pequeno Vale. Sendo assim não têm as características de uma região plana. É uma área muito arborizada e o seu entorno dá a impressão de ser uma região silvestre e não um bairro de uma metrópole urbana.

Historicamente as Vilas sempre contaram com a atuação de pessoas com alguma clareza política e empenhadas na criação de estruturas que oferecessem melhores condições

de vida a estes moradores simples e humildes, marginalizados pelas políticas de exclusão do sistema capitalista. Essas pessoas buscaram alternativas e fizeram as articulações necessárias junto ao poder público e a setores privados no sentido de trazer às Vilas condições de melhorias.

Diante da reflexão e organização dos moradores surgiu a constatação da necessidade de criar algumas instituições de cunho celebrativo e formativo. Com este propósito os moradores, juntamente com os padres redentoristas⁶, iniciaram a construção da Igreja São José Operário e a articulação para a construção de uma escola para as comunidades.

O Pe. José Valdemir Gheno, Redentorista que dava assistência Religiosa às Vilas Triângulo e Esmeralda articula junto aos irmãos Lassalistas o compromisso da orientação pedagógica da Escola La Salle Esmeralda por intermédio da comunidade do Colégio São João. As negociações se deram da seguinte forma: O Pe. José Valdemir Gheno manteve um diálogo com os Irmãos Nelson Bordignon e Ivan Migliorini dizendo-se interessado em levar os Irmãos Lassalistas para a Vila Esmeralda. Aconselhado pelos Irmãos, procurou o Ir. Provincial Valério Menegat. Este encarregou o Ir. Nelson de estudar o assunto. Daí em diante foram feitos vários contatos com as lideranças da Vila.

Conforme as negociações, os Irmãos Lassalistas assumiram o compromisso de garantir a orientação pedagógica, por sua vez, a comunidade e a Associação de Moradores se comprometeria por gestionar junto à Prefeitura pela construção do prédio e outras providências.

Aceito o desafio por parte da comunidade local, o Provincial convidou o Colégio São João a assumir a futura obra educativa. O Ir. Selestino Bortoluzzi foi encarregado pelo Provincial de acompanhar a evolução da obra, convênios, reconhecimento e outras iniciativas para legalização da escola.

Em Setembro de 1980, com a comunidade mobilizada, inicia-se junto à Prefeitura, especialmente junto a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, os trâmites na seqüência que segue:

⁶ A congregação do Santíssimo Redentor é um Instituto Clerical de vida apostólica e votos simples (pobreza, obediência e castidade). O fim dela consiste em continuar o Cristo Salvador que anuncia a Palavra de Deus aos pobres. Desde o começo eles corresponderam à vocação com exercícios espirituais, missão e instrução religiosa. A Congregação foi fundada em Scala no dia 9 de novembro de 1732, por Santo Afonso, sob a direção de Tomás Falcoia, bispo de Castellamore de Stabia e com o impulso da Irmã Maria Celeste Crostarosa, da comunidade das Redentoristas, de recente fundação na região. No começo foi uma simples congregação de padres seculares sem votos, mas em 1740 para assegurar uma estabilidade maior, eles fazem o voto de perseverança. O Instituto foi aprovado por Bento XIV, no dia 25 de fevereiro de 1749. Os redentoristas estão na América Latina desde 1870. (Informações extraídas do site: <http://secretariadovocacional.com.Br/index1htm>)

- abril/81 se dá o início das obras através da terraplanagem e construção de um pavilhão de madeira,
- 18/05/81 procede-se a entrega da obra,
- 02/07/81 ocorre a assinatura do Convênio entre a Prefeitura Municipal e os Irmãos Lassalistas,
- 31/08/81 início das aulas com 150 alunos matriculados,
- 28/09/81 inauguração oficial da Escola La Salle.

No dia 28 de setembro de 1981, precisamente às 09h35min, foi inaugurada oficialmente a Escola La Salle da Vila Esmeralda pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal Guilherme Socias Vilela.

A Escola inaugurada tem por objetivo atender a população da Vila Esmeralda, onde se situa, e que vem assim preencher uma vasta lacuna, visando a atender cerca de 150 crianças, na maioria carentes economicamente.

Além da presença do senhor Prefeito, estiveram presentes ainda o titular da pasta da educação do município Dr. Carlos Rafael dos Santos e vários integrantes do gabinete de assessoria.

A Província Lassalista esteve representada pelo Irmão Edgard Henguemule – Provincial, que se fez acompanhar dos Irmãos Selestino Bortoluzzi e Marcos Corbellini, seus assessores. A comunidade da Vila Esmeralda esteve representada pelo seu presidente e seu vice-presidente.

O Colégio São João, que manterá pedagogicamente e financeiramente a Escola La Salle da Vila Esmeralda, se fez representar pelo seu Diretor Irmão Ivan. O Irmão Alóis registrou fotograficamente o evento. (MIGLIORINI, 1981, p.6)

Sendo a Escola La Salle de 1º Grau incompleto uma realidade, assumiu o endereço da Rua Dolores Duran s/n, Vila Triângulo-Esmeralda, Bairro Agronomia, Porto Alegre – RS. Sob a coordenação do Irmão Jacir Chini e tendo como professores o Irmão Auri Antônio Lanius, Lucimar Ronchi Gaspar e Maria Lovat e a funcionária Ana Lucia Ribeiro Braga.⁷ Os

⁷ O Irmão Jacir Chini nasceu em 1º de janeiro de 1954, em Guaporé-RS, filho de Hermínio Chini e Teresa de Marco Chini. É Irmão Lassalista. Fez os primeiros votos em 27 de fevereiro de 1977 e os votos perpétuos em 04 de janeiro de 1983. Consta no registro do Instituto com o N° j54036 e da Província N° 923. É professor atuante formado em Física, profissionalmente tem longa experiência tanto como professor bem como Diretor nas escolas lassalistas. Ultimamente ocupou a direção da Escola João 23 na cidade de Beira em Moçambique durante 4 anos. Atualmente trabalha no Juvenato La Salle Fátima de Carazinho.

O Irmão Auri Antônio Lanius nasceu em 21 de outubro de 1956 em Lajeado RS. É filho de Elmar Ivo Lanius e Waleria Lanius. Fez os primeiros votos para ingressar na Congregação dos Irmãos Lassalistas em 11 de fevereiro de 1979 e os votos perpétuos em 26 de fevereiro de 1986. Constava no registro do Instituto com o número j56019 e na Província com o N° 932. Hoje não é mais membro da Sociedade Porvir Científico. É formado em Jornalismo pela PUCRS e profissionalmente atuou como professor e Diretor nas Escolas lassalistas por muitos anos e hoje reside em Presidente Médici no Estado do Maranhão.

A professora Lucimar Ronchi Gaspar, nasceu em 25 de dezembro de 1954 na cidade de Orleans-SC. É casada com Hélio Gaspar. Filha de Mário Ronchi e Athair da Silva Ronchi. Reside na Estrada João de Oliveira Remião, nº 2330 - Bairro Agronomia. Fez Magistério no 2º grau e, posteriormente, concluiu o curso superior de Pedagogia. Foi admitida como Professora da Escola Fundamental La Salle Esmeralda em 11 de agosto de 1981 e rescindiu o contrato no dia 21 de dezembro de 1994. Foi recontratada em 18 de fevereiro de 2002 e atualmente é professora da escola.

A Prof. Maria Lovat nasceu em 04 de janeiro de 1947 na cidade de Antônio Prado-RS. Era solteira na época que fora contratada e residia na Rua Dolores Duran, nº 405-Bairro Agronomia. É filha de Evaristo Adriano Lovat e Dozolina Marini Lovat. No segundo grau cursou Magistério e é graduada em Pedagogia. Foi Admitida na Escola

alunos totalizavam o número de 150 distribuídos entre as 1ª e 3ª séries do primeiro grau, hoje, ensino fundamental.

Concretizava-se assim um desejo da comunidade e representou o fruto da capacidade de organização e articulação das lideranças locais. A partir de então, as crianças das Vilas Esmeralda e Triângulo dispunham de um espaço de estudo e a comunidade de um ambiente mais adequado para se reunir e continuar o processo de implementação das estruturas necessárias.

Junto com a Igreja e a Escola surgiram, através de iniciativas particulares de moradores, alguns armazéns e padarias bem como outros espaços de comércio e outras igrejas. Claro que isso não era tudo, mas já era um início e facilitava muito a vida dos moradores da comunidade.

Com o passar dos anos a população das Vilas foi crescendo e se expandindo, a maioria dos moradores vinha do interior, movida pelo sonho de melhorar as condições de vida na Capital e acabava nas Vilas Esmeralda e Triângulo.

É importante destacar que se manteve presente nos moradores das duas Vilas, a clareza dos pioneiros: que se obtém com mais facilidade aquilo que se busca coletivamente através da participação e da organização articulada.

Nessa perspectiva, a comunidade continuou tendo lideranças ativas e participativas dispostas a buscar pela luta, os benefícios para melhorar as condições de vida e habitação da comunidade. Foi através da organização articulada e envolvimento com o Orçamento Participativo da Cidade de Porto Alegre encabeçado pelo Senhor Gil Ozi Goulart que a comunidade conseguiu a pavimentação de praticamente todas as ruas das vilas bem como a canalização do esgoto pluvial, cloacal e dos arroios representando um significativo avanço na perspectiva de melhorar a qualidade da higiene e saúde dos moradores.

Fundamental La Salle Esmeralda no dia 11 de agosto de 1981 e rescindiu contrato no dia 21 de dezembro de 1994.

A secretária Ana Lucia Ribeiro Braga nasceu no dia 06 de fevereiro de 1950 na cidade de Porto Alegre-RS. Casada na época da contratação e tinha a idade de 31 anos. É filha de Afonso Nunes Ribeiro e Carmen Siqueira Ribeiro. Reside na Rua Dolores Duran, nº 2105-Bairro Agronomia. Foi admitida como funcionária da Escola Fundamental La Salle Esmeralda no dia 11/09/81 e rescindiu o contrato no dia 02 de setembro de 1996.



Figura 1- Conselheiro Gil da Lomba do Pinheiro. Disponível em:

http://www.ongcidade.org/site/noticias/noticias_completa.php?idNoticias=628.

Acesso 05 de outubro de 2007

A essas conquistas somam-se o Posto de Saúde, Linha do Ônibus Agronomia e a regularização fundiária por intermédio do uso capião como resultado da luta e organização da comunidade. Como se pode verificar quando uma comunidade se convence que precisa de organização, perseverança e envolvimento para, na luta, chegar à conquista de seus objetivos, esta os obtêm com mais facilidade na medida em que revela capacidade de articulação e cumplicidade coletiva.

Foi com muita luta que aos poucos, as Vilas Esmeralda e Triângulo foram se expandindo e melhorando as condições de desenvolvimento e de vida de seus habitantes. Os moradores são pessoas economicamente fragilizadas, de condições humildes e pouco graduados em termos de estudos, possuindo limitada formação profissional, fato que dificulta a competição no mercado de trabalho para disputar vagas quando da necessidade de procurar emprego.

Apesar das dificuldades, os moradores são criativos no sentido de buscar alternativas e vislumbrar formas de garantir os meios de sobrevivência. Esses cidadãos usam as potencialidades recebidas através da vivência e das práticas cotidianas para criar alternativas tanto na economia formal como na informal. Garantem a sobrevivência através de trabalhos autônomos com armazéns, bazares, pequenos mercados, artesanato, música, costura, pinturas,

feiras móveis⁸, carpintaria, feiras livres, marcenaria, limpeza de caixas de água, limpeza de terrenos, faxina, jardinagem, entre outras, estas atividades representam a ocupação profissional de mais da metade dos moradores da comunidade local.⁹

O número de trabalhadores com emprego fixo e remunerado é baixo e destacam-se os trabalhos de motoristas, garis, empregadas domésticas, cobradores, carteiros, office boy, caixas de mercados, empacotadores, vendedores, construção civil, mecânicos, vigilância, policiais militar, eletricitas, etc. cuja remuneração é baixa e, muitas vezes, insuficiente para obter as condições necessárias de sobrevivência.

Além das ocupações já citadas ainda existem os que trabalham na ilegalidade ou em atividades eticamente desqualificadas no contexto das atividades consideradas dignas tais como contrabando, exploração de menores, tráfico, roubos, assaltos, extorsão, pirataria, comércio ilegal e prostituição.

Com o contexto acima descrito se pode constatar que, na realidade, cada um procura um meio de obter as condições básicas de sobrevivência. Os meios adotados estão entre os que procuram ganhar a vida honestamente mediante a venda da força de trabalho e os que adotam formas menos honestas conforme os princípios da legalidade, no entanto, eticamente questionáveis. Não posso me omitir de dizer que existem atividades de comércio oficializadas como legais que prejudicam o ser humano mais que muitas atividades decretadas como ilegais só porque os poderes dominantes não conseguem obter vantagens sobre elas. Por isso o questionamento sobre a eticidade a respeito de aquilo que é ou não legal. Agora, é inquestionável que no contexto, objeto dessa descrição, encontram-se atividades que contemplam as duas realidades, ou seja, as oficialmente reconhecidas como legais e também as consideradas ilegais, algumas das quais devem ser repudiadas.

Aprofundando um pouco mais a descrição da realidade, contexto da pesquisa, cabe introduzir alguns elementos que não foram mencionados até o presente. Serão esboçadas algumas considerações a respeito da organização familiar, tipo de relação, modo de vida e referenciais. Considerando a cidade de Porto Alegre, os dados disponíveis indicam que:

⁸ Feira móvel se trata de um carro que vai passando de casa em casa, oferecendo verduras, legumes e outros produtos agrícolas.

⁹ Esta afirmação está baseada em minha vivência de quase nove anos na comunidade e no meu conhecimento de praticamente todas as famílias das duas vilas quanto à profissão da maioria dos moradores. Estou morando na Vila Esmeralda desde 1º de janeiro de 1999. Conforme portaria nº 041/99 da Província Lassalista fui nomeado Vice-Diretor da Escola Fundamental La Salle Esmeralda e, pela portaria nº 018/2001 editada em 1º de janeiro de 2001, fui designado para ocupar a função de Diretor da Escola Fundamental La Salle Esmeralda, cargo que exerço até o presente ano de 2008.

	RESPONSÁVEIS PELAS FAMÍLIAS				PROPORÇÃO DE RESPONSÁVEIS PELAS FAMÍLIAS		
	Total	Com idade entre 10 a 19 anos	Com 65 ou Mais Anos de Idade	Mulheres Sem Cônjuge	Com idade entre 10 a 19 anos	Com 65 ou Mais Anos de Idade	Mulheres Sem Cônjuge
Porto Alegre	465.670	7.061	71.393	147.067	1,52	15,33	31,58
Total	1.196.175	17.797	146.675	301.022	1,49	12,26	25,17

Figura 2

Fonte: “Como anda a metrópole de Porto Alegre” sobre o tema “família”. Disponível no site: http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_como_anda_metropole_temas.php. Acesso 05 de outubro de 2007.

Total de mulheres com idade entre 10 e 19 anos, de filhos nascidos vivos e proporção de adolescentes com experiência reprodutiva, na Região Metropolitana de Porto Alegre - 2000			
	NÚMERO DE MULHERES COM IDADE ENTRE 10 E 19 ANOS	NÚMERO DE FILHOS NASCIDOS VIVOS	PROPORÇÃO DE ADOLESCENTES COM EXPERIÊNCIA REPRODUTIVA
Porto Alegre	114.934	7.958	6,92

Figura 3

Fonte: “Como anda a metrópole de Porto Alegre” sobre o tema “família”. Disponível no site: http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/publicacoes/pg_como_anda_metropole_temas.php. Acesso 05 de outubro de 2007.

A organização familiar é bastante precária e diferente das tradicionalmente reconhecidas e representadas pelo casamento em que os cônjuges suprem as necessidades e se responsabilizam pela manutenção dos filhos. Com base na minha experiência pessoal, sintetizo a situação das famílias, apresentando nove características que julgo importantes para a compreensão desta realidade. Ilustro cada uma dessas características com exemplos de minha memória:

1. Devido ao baixo índice de escolaridade e falta de esclarecimento no sentido de selecionar alguns valores referência para uma relação harmoniosa e saudável. A Mãe do aluno Samuel¹⁰ foi convidada a comparecer na Escola para conversar sobre o baixo rendimento de seu filho. No decorrer da conversa ela revelou o seguinte: “não tive oportunidade de estudar e hoje sinto muita falta por isso quero que o meu filho estude. Eu gostaria de ajudá-lo, mas não tenho condições.

¹⁰ A partir deste ponto todos os nomes são fictícios

Muitas vezes eu perco a paciência com ele e já não sei o que fazer. O pai dele não consegue dialogar porque quando contrariado ele parte para a agressão”.

2. Falta de tolerância e capacidade de dialogar a respeito das relações e dos problemas gerados a partir das mesmas. Em conversas informais com a senhora Andréia (nome fictício) ouvi o seguinte: “eu não consigo falar com meu marido a respeito do Max (nome fictício) e de seu comportamento na escola porque ele trabalha o dia todo e quando chega em casa vai assistir TV e não gosta que conversem com ele. Ele falou que trabalha para suprir as despesas da família e eu devo tomar conta da casa e resolver os problemas dos filhos”.
3. O não reconhecimento do direito à liberdade da mulher e o insuficiente respeito à igualdade nas relações de poder dentro da família. O Senhor Adão (nome fictício) é um morador antigo na vila e tem a seguinte visão das mulheres: “O lugar delas é em casa cuidando dos filhos e da casa. Mulher minha não trabalha fora”.
4. A influência dos meios de comunicação que criam uma mentalidade mostrando a possibilidade de estabelecer relações imediatas, pouco duráveis e com o intuito de viver e aproveitar o tempo presente. Com certeza as novelas e filmes têm muita influência na vida das pessoas e aos poucos, difundem a mentalidade do capitalismo induzindo às pessoas a estabelecer relações líquidas, muito instáveis e pouco duradouras. Durante os quase nove anos que moro na Vila Esmeralda pude presenciar muitos casos de pessoas casadas ou amigas que não conseguiram conviver juntas por muito tempo. Isso demonstra que as pessoas são cada vez menos tolerantes ou são mais ousadas para buscar novas experiências.
5. A ausência de condições econômicas para suprir as necessidades básicas, gerando tensão e insegurança nas famílias. A falta de recursos é um dos grandes problemas das pessoas que moram nas periferias. Economicamente são frágeis e a grande maioria não consegue obter os recursos necessários nem para suprir a alimentação. Os moradores da Vila Esmeralda têm pouca escolaridade e ocupam empregos de baixa remuneração tais como, trabalhos domésticos, motoristas, garis, faxineiros(as), soldados da Brigada Militar, Babás, carroceiros, etc. Realidade que impossibilita tratamento de saúde, oportunidades de lazer, possibilidade de continuar estudos, e ter vida digna gerando em muitas famílias tensão e desespero diante da impossibilidade de alimentar e vestir os seus integrantes.
6. A falta de consciência ou o não interesse no sentido de buscar uma organização familiar capaz de estabelecer critérios para gravidez, número de filhos, para tornar as relações mais consistentes e duráveis. Faço essa afirmação baseado nas observações que fiz durante o tempo em que mora na Vila Esmeralda (1999 a 2008). Um grande número de famílias têm muitos filhos e vivem em situações precárias. Muitas recorrem ao auxílio da Assistência Social e assim mesmo, passam necessidades. A leitura é de que desconhecem a possibilidade de organização. Vão vivendo e as coisas acontecem. Os filhos vão nascendo sem condições para viver com o mínimo de dignidade.
7. Poucas oportunidades para o trabalho e baixa remuneração levando ao investimento de grande quantidade de energia para obter a alimentação, não sobrando tempo para diálogo com os filhos e para acompanhar o crescimento dos mesmos bem como as suas atividades formativas. Não é preciso muito esforço para reconhecer que tanto em Porto Alegre como no Brasil todo não

existem suficiente oportunidades de emprego para atender a demanda. Os moradores da Vila Esmeralda têm maior dificuldade porque não estão preparados profissionalmente para competir no mercado de trabalho. Como todos precisam encontrar meios para sobreviver então entra a criatividade representada no trabalho informal. Além da informalidade existem as atividades legalmente questionáveis, duvidosas. Ex: prostituição, drogas, contra-bando, etc. Cabe destacar como importante a possibilidade que os moradores da Vila Esmeralda têm de comprar nos armazéns locais com o uso do caderno onde são anotados os gastos do mês para, na medida do possível, o consumidor ir pagando aos poucos.

8. Falta de tempo e espaço para convivência, lazer e atividades lúdicas com os filhos e a família. Conheço um grande número de pessoas que têm poucas condições de sair da Vila Esmeralda para ter momentos de lazer em outros lugares uma vez que a comunidade local não dispõe de espaços para lazer a não ser o da Escola Fundamental La Salle Esmeralda. A oportunidade que as famílias mais pobres têm de sair da vila é apenas nos dias de passe livre.
9. Limitada compreensão dos mecanismos de funcionamento da sociedade e falta de clareza quanto ao tipo de cidadão e de sociedade mais indicado para idealizar quando da educação dos filhos. Constatamos que se observa progressos quando se trata de ter consciência da realidade e situação em que se encontram os moradores da comunidade, porém, o grau de consciência está aquém do necessário para chegar a um nível satisfatório. Aqui, como na maioria dos Bairros de Porto Alegre, existem pessoas com pouca consciência política e espírito comunitário. Há, por exemplo, lideranças comunitárias manipuladas e exploradas por partidos políticos. Há moradores que se omitem de lutar e de caminhar com a comunidade.

A observação e acompanhamento das famílias da Vila Esmeralda colocaram-me em contato com algumas reflexões que despertaram o meu interesse em entender o funcionamento das famílias no contexto de produção da cultura popular.

Diante das informações obtidas pela observação ao longo dos anos deste convívio, pretendo aprofundar um pouco mais a reflexão e trazer aspectos que ajudem a entender melhor os meandros da mesma. A instituição família nas periferias também é atingida pelas ideologias dominantes, porém existem certas peculiaridades que são mais evidentes nesse contexto.

Tenho observado que também as famílias das periferias desejam melhorar de vida e falam com orgulho dos sucessos obtidos bem como dos filhos que conseguiram estudar e ter um trabalho que garanta certo prestígio. Por outro lado olham com certo desdém quando vizinhos ou moradores da Vila conseguem algum sucesso e passam a lançar frases tais como: “A Joana depois que se amigou com o Alfredo que apesar de ser vinte anos mais velho do que ela, mas tem uma revenda de automóveis se tornou cheinha e nem olha mais para os vizinhos”. “O Ângelo, então, nem deu tempo de enterrar a esposa já se juntou com uma mocinha. Será que um senhor com quase setenta anos não percebe que ela só quer arrumar sua

vida e vai esperar ele morrer para casar com um cara novo que se encontra com ela às escondidas?” “O vizinho da frente vendia eletrodomésticos e conseguiu, sei lá como, montar uma loja, saiu da vila e nem dá bola para pobre. Semana passada eu o encontrei no Banrisul, quando fui pagar a conta da água e ele fez de conta que não me conhecia”. “Essa outra aqui do lado então, têm seis filhos, não trabalha, mas criou todos eles com dinheiro que arrancou dos homens casados. É aquele vai e vem todos os dias, sai um entra outro”.

Transparece em algumas situações, por parte das mulheres, a busca do casamento como uma tentativa para melhorar a situação financeira. Muitas mulheres buscam um parceiro como um meio para criar os filhos e não para ter, ao lado, alguém que a estime, respeite e ame. Também existem mulheres que sabem que os maridos são infiéis e muitas vezes até apanham deles, mas permanecem juntos porque segundo elas, trazem para casa a comida para os filhos. Ainda existem mulheres que são infiéis e seus maridos fazem de conta que não sabem para evitar situações constrangedoras ao tornar público tal comportamento.

Relatos semelhantes foram sistematizados por Claudia Fonseca:

Para pensar sobre o Status da mulher nesta configuração de valores, retornemos à noção de “reciprocidade” entre marido e mulheres no Brasil – em que sexo e sustento material seriam as moedas básicas de troca. Quando o pacto conjugal é rompido, quais são as consequências? A mulher seduzida e abandonada, especialmente se engravidou e teve filho, terá que enfrentar difíceis condições materiais para assegurar a própria sobrevivência e a de sua prole. Porém, existem táticas (novo casamento ou volta à casa dos pais, por exemplo) que podem atenuar a miséria. Em geral, ela não sofrerá estigma por ser uma mulher abandonada. Pelo contrário, as pessoas tendem a se condoer de sua situação. Quando o homem não cumpre o dever, a mulher usa os filhos para sublinhar sua infâmia. Dirá que ele gastou todo o dinheiro com outras mulheres, deixando as crianças passar fome. (FONSECA, 2004, p. 154-155)

As famílias das periferias têm dificuldades para educar seus filhos. Precisam trabalhar o dia todo para sustentar a casa e não dispõem de tempo para permanecer com os filhos. Por outro lado, os valores que obtiveram, como referenciais, na convivência com as pessoas da família, não correspondem às necessidades da sociedade atual e essa situação existencial gera um clima de dúvida e confusão a ponto de provocar certa tensão e desentendimento.

De um modo geral faltam-lhes argumentos verbais, comprometendo assim o diálogo nas relações, diminuindo a capacidade de tolerância e abrindo brechas para atitudes violentas e agressivas como forma de dar um fim aos conflitos familiares.

Um bom número de famílias da periferia revelam em suas faces a dureza da vida. Olhando a face das mesmas temos o diagnóstico de pessoas cuja história foi marcada com maior intensidade pela dor e sofrimento. Conversando com a família do Manasses não foi necessário muito esforço para comprovar aquilo que o mesmo revelava em sua face. Um pai

de família sem emprego, a mulher com depressão e um dos filhos com deficiência física em um de seus pés necessitando de atendimento e cirurgia. Depende da ajuda de seus pais, aposentados com um salário mínimo, e dos vizinhos. É uma pessoa, com semblante abatido, no entanto, encontra forças para lutar mesmo tendo, muitas vezes, que contar com a sorte para conseguir algum recurso através de biscates para sobreviver. Apesar do sofrimento revela esperança em dias melhores e denota grande capacidade de luta na superação dos problemas que encontra no seu dia-a-dia. Analisando essa realidade a partir da racionalidade se pode concluir que é uma família propensa à intolerância e agressividade devido ao clima de insegurança e tensão em que vive.

Outro fator que merece reflexão está ligado à vida simples em que vivem as famílias de periferia. Trata-se da capacidade de viverem com poucos recursos. Conseguem milagrosamente viver com o mínimo ao comparar suas necessidades com as das famílias de classe média e rica.

A família do seu Antônio mora na Vila Esmeralda há dez anos em um casebre de madeira com duas peças construídas com folhas de compensado. Tem um fogão, uma geladeira e um televisor preto e branco. Na família são seis pessoas, o casal e mais quatro filhos. Não é possível colocar no interior da casa camas para todos. A solução que encontraram foi dormir em colchões que durante a noite colocam no chão e durante o dia são amarrados contra as paredes da casa. As poucas roupas são colocadas em arames pregados nas paredes da casa e para a alimentação não usam mesa. O curioso dessa família é que apesar de viverem em condições precárias cativam pelo sorriso e alegria. As crianças são saudáveis, dispostas, com muita energia, vivem intensamente a infância, são acessíveis e sociáveis.

A Laura não é casada e tem quatro filhos. Mora em um casebre de madeira, também em condições precárias. Cria e educa os filhos vendendo o corpo. É uma mulher que tem que dar conta da alimentação dos filhos e da manutenção da casa sozinha. Sofre descriminação por ter um trabalho visto socialmente como indigno. No entanto, para ela o que mais importa é poder alimentar seus filhos mesmo tendo que superar todo tipo de preconceito das pessoas “dignas”. Ela sonha com um futuro melhor para seus filhos e acredita que a educação pode oferecer a eles condições de atingirem tal objetivo. Prova disso é seu zelo em acompanhar o processo educativo dos filhos e dar condições para que todos eles possam se dedicar exclusivamente ao estudo.

Certamente a pesquisa poderia apontar para outros elementos se fosse deter-se mais longamente em relação aos fatores que dificultam a organização familiar e as relações, no entanto, limitar-se-á ao já relacionado. Em síntese, afirmo que existem também fatores que

engrandecem essas pessoas que vivem em espaços denominados de produção da cultura popular, aponto para dez formas que pude observar acerca do quanto essas pessoas são:

1. Humildes, simples, portanto, abertas ao acolhimento e desprovidas de um orgulho excessivo e comportamento arrogante. Um exemplo dessa humildade constatei quando ao visitar a família da ex-aluna Vanessa Boanova, experimentei um certo constrangimento diante da maneira como fui acolhido. A mãe se esmerava em zelo e atenção tentando encontrar as melhores formas de agradar a mim como professor. Pediu insistentes desculpas porque a casa, segundo ela, estava bagunçada. Não se podia concordar com tal afirmação por se tratar sim de uma casa muito simples, mas cuidada com muito zelo e exemplarmente organizada.
2. Solidárias e disponíveis quando solicitadas a cooperar para criar condições favoráveis ao bem-estar dos outros. Meus anos de convivência com esta comunidade me permitem constatar que os moradores das periferias são artífices da produção da cultura popular, ressalvadas as exceções, são pessoas de espírito comunitário e muito solidárias. Lembro que no dia 06 de agosto de 2007 queimou a casa da moradora Maristela. Os moradores foram ágeis em retirar os pertences da casa e no dia seguinte já estavam ou ajudando cada um com o que tinha condições ou se organizando para encontrar formas de angariar recursos para reconstruir a casa.
3. Criativas e dinâmicas em encontrar alternativas para solucionar os problemas do cotidiano. Vale apenas registrar um exemplo de criatividade dado pela creche Meu Nenê diante da dificuldade econômica para se manter. A comunidade junto com os responsáveis pela creche fez no dia 28 de julho de 2007 um evento social com desfile de rainhas, jogos, brincadeiras, feira de gastronomia e concurso de cantos, danças e músicas.
4. Capazes de apresentar grande sensibilidade em relação às dificuldades dos outros demonstrando forte sentimento de compaixão. Entendo como significativo relatar o caso da cadeirante Ana Paula, moradora da comunidade local para mostrar a capacidade da comunidade de realizar gestos de solidariedade. Ana Paula, pelo fato de ser cadeirante e a família não dispor de recursos suficiente para dar a ela os cuidados necessários, mobiliza a sensibilidade e o espírito cooperativo da comunidade. Tanto os moradores como os alunos da Escola Fundamental La Salle Esmeralda são muito solícitos tanto em locomovê-la, como em buscar recursos e acionar os mecanismos que garantam a ela o atendimento, por parte dos órgãos públicos, ao direito à saúde, alimentação e moradia.
5. Unidas quando da necessidade de encontrar alternativas coletivas para obter a solução de problemas da comunidade ou buscar melhorias. As comunidades da Vila Esmeralda e Triângulo sempre tiveram presença ativa nas políticas públicas de distribuição dos recursos da Prefeitura de Porto Alegre por intermédio do Orçamento Participativo. Através da participação ativa, a comunidade conseguiu recursos e obras para melhorar a rede de esgoto pluvial e cloacal, pavimentação das ruas, construção do bio-digestor, construção do posto de saúde, etc. Elegeu o Senhor Gil Goulart como conselheiro por três oportunidades.
6. Resistentes quando se trata de superar problemas relacionados à falta de saúde, moradia, conforto, condições de higiene, transporte, alimentação, roupa. Ficam

na fila esperando uma noite, duas, ou quantas noites forem necessárias para conseguir atendimento médico. Ficam na fila de espera um, dois, três, quatro, seis meses para obter uma consulta. Se não bastasse meses ficam, muitas vezes, um, dois, ou até mais anos esperando para iniciar tratamento de saúde.

7. Possuidoras de uma apurada visão prática, embora não sejam conhecedores das grandes teorias acadêmicas, possuem um extraordinário senso prático. Não sabem explicar teoricamente como se faz uma casa, mas sabem fazê-la. Não sabem explicar teoricamente o funcionamento de um motor de automóvel, mas sabem fazê-lo funcionar, como se pode observar nos sábados e domingos quando os moradores dedicam boa parte de seu tempo livre para a construção de suas casas e reparo em seus automóveis.
8. Honradas com a sua palavra dada que tem grande valor. Poder honrá-la é uma exigência bastante forte. Palavra dada tem que ser mantida. Os moradores de periferia valorizam muito a palavra, até mesmo porque ao não terem muita instrução ao nível intelectual, têm dificuldade de compreender e interpretar a linguagem técnica e culta que é usada nos textos contratuais. Eles compreendem melhor a linguagem popular explicitada de forma oral. Ouvi de um morador a seguinte expressão: O contrato faz-se de bigode a bigode.
9. Esforçadas para manter como referência, apesar da dificuldade, alguns valores ligados à cultura de origem. Exemplos: respeito aos mais velhos, rituais religiosos como: batismo, primeira eucaristia, crisma, celebrações dominicais, celebração dos aniversários, visão de que os pais são os responsáveis para manter a família unida, não banalização do amor e das relações sexuais, relações cordiais com os vizinhos, visitas e valorização dos parentes e amigos, coerência ao falar, etc.
10. Capazes de interagir com os valores das diferentes culturas e possuem abertura cultural para valorizar a diversidade. Os moradores da periferia são versáteis quando se trata de valorizar as diferenças mesmo porque o contexto da periferia é uma realidade complexa. Na periferia existem as mais variadas funções bem como pessoas das mais diversas. Para constar como exemplo se pode nomear os de origem afro, alemã, japonesa, portuguesa, indígena, etc. Nessa complexidade há diálogo, respeito e tolerância.

Já se fizeram algumas considerações quanto ao modo de vida no cotidiano dessas pessoas que, de acordo com as suas características, são consideradas sujeitos históricos no espaço de produção da cultura popular, no entanto, há que se oferecer ainda outros elementos inerentes ao contexto a partir dos quais se pode embasar este relato e as argumentações.

Pode-se dizer que além da infra-estrutura criada para atender às necessidades da comunidade existem outros aspectos ligados à organização política, social e econômica e religiosa que intervêm com muita força no cotidiano das pessoas envolvidas com a produção da cultura popular. É um contexto que mobiliza questões políticas tanto para as relações internas quanto para as relações externas.

As opções políticas estão associadas às relações de poder exercidas no interior da cultura popular cuja orientação está centralizada nas lideranças comunitárias, traficantes,

religiosos, professores, comerciantes, agentes comunitários, militantes de partidos políticos. A maioria dos moradores é ainda dependente da iniciativa das lideranças e, muitos deles, revelam medo em relação às determinações dos que comandam o tráfico de drogas e abusam do poder obtido através da violência e das armas. A cultura do tráfico caracteriza-se por não respeitar o direito de manifestação e liberdade dos moradores criando uma cultura de silêncio e submissão diante dos abusos e da violência.

Em um país cujas oportunidades de trabalho não atendem às demandas da juventude no contexto da cultura popular, se torna realidade o fato de um grande número de jovens abandonarem os estudos para associarem-se ao tráfico e, assim, obter recursos para suprir as necessidades e adquirir os produtos propostos pela moda e cobiçados pela juventude. Esse mercado de trabalho é perigoso e muitos jovens são mortos não tendo a oportunidade de viver a idade adulta.

A sociedade brasileira tem aceito a violência como prática social vigente, pois há exemplos cotidianos de violência tanto nas cidades -a venda de drogas e de armas, os crimes por pistolagem, os grupos de extermínio, algumas ações de membros de polícias civis e militares, a tortura nas delegacias, a violência contra a mulher e contra a criança- quando no campo -os conflitos sociais agrários, os assassinatos de lideranças populares, de agentes pastorais e padres, ou de advogados, a partir da violência costumeira entre as populações rurais. Como resultado, para a sociedade, o ato violento torna-se um meio normal de acertar uma diferença interpessoal, de obter um bem material que se deseja ou de se impor o mando sobre o outro. (TAVARES DOS SANTOS, 2002, p. 118)

Outro fator que merece reflexão é a relação de poder que se estabelece com as mulheres já que estas têm poucas oportunidades de manifestar seu potencial e não estão suficientemente seguras para oferecer resistência à dominação e exploração que sofrem e submetem-se ao domínio e maltrato masculino. Frequentemente são vítimas de violência, engravidam ainda jovens, fazem abortos de risco, têm grande número de filhos obrigando-se a assumi-los sozinhas, ainda jovens encontram parceiros que após permanecerem juntos algum tempo e terem filhos, as abandonam. Muitas são atraídas pelo tráfico e acabam sendo alvo dos traficantes como parceiras. Outras, diante das dificuldades devido à dureza da vida, entregam-se às drogas tornando-se usuárias. Existe um alto índice de mulheres jovens tomadas pela depressão e desânimo. Um grande número de mulheres que trabalham fora enquanto seus maridos assumem os afazeres domésticos e quando não têm parceiro são os filhos mais velhos que tomam conta dos mais novos e dos afazeres domésticos.

As tarefas que historicamente foram atribuídas à mulher, desvalorizadas, são hoje cumpridas por muitos homens, em uma nova divisão do trabalho, forma encontrada para o ajuste às exigências de um mercado que expulsa o trabalho humano de forma crescente, reduzindo postos e exigindo qualificação constante.

Atualmente, o teletrabalho oferece a possibilidade de trabalhar em casa, o que pode significar para algumas mulheres certa restrição, quando estas se sentem mais livres quando estão fora de casa, mas para muitas outras elimina o *overtime*, sem que tenham que dar à empresa horas de seu tempo e possam dá-las aos filhos. Por outro lado, os homens perdem o *álibi* que hoje usam para ficarem fora de casa o dia todo e desinteressarem-se da vida fora do trabalho, delegando às mulheres todas as responsabilidades familiares. As lutas pela emancipação econômica da mulher parecem referir-se a um momento em que a realização e as soluções nesse campo ocorriam através da vinculação ao emprego, quando a participação na produção se verificava pela estabilidade funcional no trabalho formal. Atualmente, diante das novas condições colocadas pela globalização, com altas taxas de desemprego, os privilégios masculinos diminuíram diante de novas dificuldades e situações. (DI CIOMMO, 2003, p. 438)

Nesse contexto se percebe que a organização econômica e política intervém decisivamente na determinação das relações de poder e em menor âmbito com alguma influência, porém bastante restrita, a religião. Percebe-se que o espaço de produção da cultura popular tem certas peculiaridades que lhe são próprias, no entanto, não está isenta da lógica perversa e excludente do sistema capitalista dominante que tenta e, em grande medida consegue, determinar a orientação política e o rumo da história.

A acumulação capitalista é, ao mesmo tempo, um sistema dinâmico de relações quantificáveis e o cenário histórico de ações humanas deliberadas. Essa antítese deve ser reconciliada de alguma maneira, se pretender uma análise significativa. A premissa deste trabalho é de que os mecanismos de acumulação impõem-se sobre os homens. Não quer isso dizer que o agir humano seja uma futilidade; os processos econômicos impõem-se sobre os homens modulando e dirigindo as suas ações. A qualquer momento do processo histórico, a política é decisiva; mas a política não pode furtar-se às restrições impostas pela economia. (ANDRADE, 2002, p.6)

Mesmo diante da proposta capitalista reforçada intensamente pelos meios de comunicação de massa que estão presentes no dia-a-dia e na vida dos moradores das Vilas Esmeralda e Triângulo, no esforço de alienar-lhes a consciência, o espaço de produção da cultura popular encontra brechas para iniciativas de criatividade e éticas. Encontram-se movimentos gerados com olhar crítico, no sentido de criar consciência da necessidade de ter um modo de ser próprio que seja fator de identificação e de consolidação de gestos de solidariedade, respeito às diferenças de gênero, raça e cultura, conquistas da liberdade, igualdade e fraternidade.

No espaço de produção da cultura popular transitam tanto os valores da cultura alienante que domina quanto os valores que são peculiares às características dos sujeitos de produção da cultura em pauta. É um espaço de criatividade, valorização da informalidade e respeito à diversidade de valores.

Ao referir-se à diversidade é importante relatar que a própria está contemplada nos moradores das duas vilas. Os de origem afro representam o maior número e em escala menor

estão os de origem alemã, italiana, japonesa, polonesa, indígena, espanhola, uruguaia, portuguesa e outras mais isoladamente.

As duas vilas evoluíram e sofreram transformações e hoje as condições de vida das pessoas é um pouco melhor tanto econômica quanto culturalmente. A infra-estrutura está mais consolidada e as condições de saúde, higiene e moradia são melhores em relação à ocupação inicial. Cresceu a consciência em relação à necessidade de oportunizar aos filhos o acesso à educação e investir tempo no sentido de acompanhar a evolução dos filhos na conquista do saber e na formação pessoal e profissional. Com esse intuito surgiu a Escola Fundamental La Salle Esmeralda conforme figura que segue:



Figura4 – Escola Fundamental La Salle Esmeralda. Disponível em http://www.lasalle.edu.br/esmeralda/index.php?option=com_content&task=view&id=34&Itemid=57. Acesso 06 de outubro de 2007.

Aumentou a quantidade de armazéns, mercados, ferragem, bares, lojas, padarias, bazares, creches e melhorou a qualidade do atendimento à saúde e à educação. Verificou-se o fortalecimento do transporte coletivo com maior qualidade tanto da frota quanto dos horários oferecidos à comunidade. Melhoraram as condições de acesso às vilas, cresceu o número de moradores totalizando cerca de quinze mil pessoas, fortaleceu-se a consciência crítica e responsabilidade em relação às políticas públicas. Intensificou-se o potencial de participação na solução dos problemas da comunidade, surgiu a ONG Esmeralda com a finalidade de

oferecer momentos de lazer e formação. Cresceu a busca da organização familiar e da formação pessoal e profissional, construiu-se Centro de Tratamento do Esgoto pluvial e cloacal (biodigestor e processo de filtragem da água). Instalou-se o **Centro Vita** para reabilitação para dependentes químicos.

População pobre busca tratamento alternativo

A bebida alcoólica consumiu quase 30 anos da vida de Adolfo Engelkes, hoje com 69 anos. Depois de muitas promessas de parar de usar bebida foi abandonado pela família. Passou a perambular pelas ruas de Porto Alegre alimentando o vício com os poucos trocados que alguém depositava em suas mãos. "Estava num estado deplorável", conta o ex-marinheiro, natural de Pelotas. "Não podia mais nem caminhar, dormia embaixo de viadutos e só vivia para beber". Em 1993, foi levado por uma assistente social ao **Centro de Reabilitação Vita, na Lomba do Pinheiro**, na divisa de Porto Alegre com Viamão. Está lá desde então e garante que nunca mais colocou um gole de álcool na boca. "Depois de muitas cabeçadas, encontrei Jesus", explica apontando para a Bíblia e se dizendo convertido pela religião protestante. "Não sei quando vou sair daqui. Talvez, nem saia. Ir para onde?". Adolfo é um dos 130 dependentes químicos em recuperação que estão no **Centro Vita**.

Criado em 1989, pelo chamado Zé das Drogas, um dependente químico em recuperação, o Centro Vita foi um dos locais para tratamento gratuito em dependência química que surgiu, no final dos anos 80, para atender a população carente.¹¹

Aprofundou-se o processo de regularização fundiária de modo que um grande número de moradores obteve o reconhecimento da posse dos terrenos onde moram.

Regularização Fundiária entrega amanhã matrículas de propriedade na Vila Esmeralda

Dezoito famílias moradoras da Vila Esmeralda, no Bairro Lomba do Pinheiro, recebem amanhã, domingo, 17, às 10h, as matrículas que regularizam a posse de suas propriedades perante o registro imobiliário. A localidade é uma das áreas que integram o Programa de Regularização Fundiária do Município. A entrega será feita pelo Fórum da Habitação, atendendo uma demanda da Vila Esmeralda junto ao Orçamento Participativo, uma das políticas que vem sendo adotada como prioritária pela administração municipal.

A comunidade está mobilizando todos os moradores para uma grande comemoração durante o ato de entrega que acontece, na Escola de Ensino Fundamental Esmeralda do Grupo La Salle, localizada na Rua Dolores Duran, Acesso "B", nº 300, Parada 02, da Lomba do Pinheiro.

A aquisição da propriedade é concedida pelo judiciário, mas todo processo de regularização da posse da terra é de responsabilidade do Município, através da Equipe de Assistência Jurídica da Procuradoria Geral do Município, desde o ingresso das ações judiciais de usucapião, encaminhamentos administrativos, registro imobiliário e acompanhamento até a sentença final.¹²

Melhorou a consciência ecológica e de respeito ao meio ambiente.

¹¹ Disponível no Site: <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/jul97/capa8.htm>. Acesso 06 de outubro de 2007

¹² Disponível em http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acessibilidade_smarty/default.php?projeto_sec=144&p_secao=3&pg=2693&p_reg=53444. Acesso 06 de outubro de 2007

Melhoraram as relações e o respeito aos povos indígenas que vivem nas vilas e se ampliaram os espaços de formação e lazer das crianças, adolescentes, jovens e adultos da comunidade.

Na figura que segue podemos ver o chefe dos índios na companhia de representantes do poder público:



Figura 5 – Chefe dos índios juntamente com representantes do poder público de Porto Alegre
http://www.estado.rs.gov.br/arquivos/galeria_fotos/20050419165200ia0504191430_03ar.jpg

Atualmente a Escola Fundamental La Salle Esmeralda consegue atender, gratuitamente, cerca de 750 educandos desde a Educação Infantil até a oitava série do Ensino Fundamental totalizando 22 turmas. A escola consegue ser um espaço de referência para movimentos de organização da comunidade e atividades formativas colocando 48 profissionais a serviço da comunidade local e uma estrutura em condições de garantir a qualidade das atividades desenvolvidas em benefício da e com a comunidade local.

Na figura abaixo podemos perceber uma turma de alunos da terceira série fazendo reflexão. É costume na Escola Fundamental La Salle Esmeralda, fazer, semanalmente reflexão no Pátio. Uma turma se encarrega de preparar e propor um momento de reflexão abordando um tema que considera significativo para refletir com os demais colegas da escola.



Figura 6 - Alunos da Turma 33 da Escola Fundamental La Salle Esmeralda em Dia de Reflexão

Após esta breve descrição da realidade que apresenta alguns aspectos da história, vida e cultura da comunidade local, parece possível ao leitor ter uma noção do contexto das Vilas Esmeralda e Triângulo onde está inserida a Escola Fundamental La Salle Esmeralda. Desse modo, na sequência, a dissertação direciona sua reflexão para uma compreensão da importância do cotidiano como espaço de relações humanas e, portanto, de complexidade.

1.2.Cotidiano: espaço de relações de poder e complexidade

Ao analisar o processo de organização da sociedade percebe-se que foram sendo inseridos, ao longo do tempo, novos mecanismos de socialização e as relações assumiram diferentes patamares. Uma vez que busca-se compreender o modo como um povo se organiza é preciso adentrar na reflexão sobre o seu cotidiano. Observando o dia-a-dia de um povo, seu modo de ser, vestir, produzir, pensar, comunicar, relacionar, etc. se tem mais possibilidade de intuir quais os movimentos característicos que representam - com maior fidelidade - a cultura de um povo. Fazer história é movimento, é ação, é transformação e analisar a identidade de uma cultura é contemplar todos os aspectos a ela relacionados tanto os mais centrais e fundamentais, quanto os mais periféricos e secundários. Adentrar no cotidiano de uma comunidade não é tarefa fácil. Só o exercício de contemplar a realidade por muito tempo e perceber todos os fatores que intervêm no dia-a-dia da mesma autoriza a manifestar algum parecer a respeito.

Por aquilo que se sabe do ser humano, lhe é característico o desejo de compreender todos os processos e realidades a ponto de querer declarar-se detentor da verdade a respeito de tudo. É claro que se trata de uma afirmação ilusória fundamentada no anseio e no desejo do ser humano de chegar a sua plenitude. Na prática, sabe-se que não é isso que acontece porque mesmo diante dessa busca permanente das certezas e das verdades se tem consciência que não é fácil chegar a um conhecimento satisfatório a respeito.

Na realidade, quando se tem por referência o universo de possibilidades da mente humana em ampliar os horizontes de compreensão das coisas, ocorre o convencimento de que são infinitas e que jamais os indivíduos têm condições de enquadrar na mente toda a complexidade das relações que se estabelecem no processo histórico e no meio ambiente.

A partir da afirmação do parágrafo anterior é razoável tecer algumas considerações a respeito das leituras que se fazem do processo histórico e do passado.

No caso dessa pesquisa, parece que para realmente captar a riqueza da realidade da comunidade popular, é preciso ter pertencido a ela de modo que o contexto não seja estranho. Ao fazer uma leitura do passado não dá para esquecer que se trata de uma leitura e não da realidade em si de modo que diminuam os instrumentos de verificação e de configuração fiel da mesma.

O que se tem para fazer a leitura do passado? O mais precioso dos subsídios é o legado cultural, ou seja, aquilo que foi produzido em dado espaço e tempo que permanece através de escritos, objetos, pinturas, esculturas, linguagem, tradição, memórias que são apenas parte do contexto e não oferecem condições para verificar objetivamente toda a realidade

Apenas dá para realizar algumas leituras incompletas sobre o modo de organização econômico, social e político do passado porque a pesquisa se depara com limitações quando se trata de verificar as relações no dia-a-dia uma vez que o pesquisador, na maioria das vezes, não participou e nem sequer presenciou a realidade ou já vivenciou certo distanciamento da mesma restringindo as condições de fazer uma descrição aprofundada e precisa. Nesse sentido, apenas posso fazer suposições aproximadas cujo valor é significativo por se tratar do possível em relação a alguns fatos e acontecimentos de cunho histórico da vida popular.

Heller sublinha a sutil e, ao mesmo tempo, radical passagem do homem da condição de objeto à condição de objetivo. Na produção intelectual, essa passagem significa emancipar o outro da condição de objeto, por meio de nossa própria emancipação, como intelectuais, da condição de tutores do conhecimento. O outro só pode emergir como objeto no horizonte da pesquisa científica na medida que desvendamos para ele o seu mistério (e o nosso), sua condição de objeto, de subalterno, de vítima. Na medida em que lhe desvendamos os limites de seu autoconhecimento. Isso passa pela nossa conversão à condição de objeto dele, no sentido de tomar como premissa o pensamento radical e simples das classes exploradas, meio e instrumento (ao invés

de instrumentalizá-lo) para desvendar o lado oculto das relações sociais com os olhos dele, revelando-lhe aquilo que ele enxerga, mas não vê; completando, como ele, a produção do conhecimento crítico que nasce da revelação do subalterno como sujeito, na medida em que lhe restituímos a condição de objetivo e lhe abrimos a possibilidade de resgatar o pleno sentido do conhecimento alternativo que ele representa e propõe na sua prática. (HELLER apud FISCHER, 1999, p. 10)

Eu corro o risco de me confrontar com algumas limitações de cunho pessoal por não ser detentor do conhecimento de todos os movimentos que se estabelecem em relação ao processo evolutivo e a complexidade da organização social e também, por entender que o material que uso como referência está, até certo ponto, afetado pelas posições e concepções de seus autores bem como pelo tempo e espaço que é palco das ações, assim mesmo parece prudente desenvolver algumas reflexões em relação aos movimentos sociais no seu cotidiano.

As considerações anteriores relativas à impossibilidade de chegar a um conhecimento completo e acabado de tudo, estimula a reflexão para o aprofundamento de algumas questões em relação aos movimentos sociais e para melhor compreensão do presente faz-se necessário inserir algumas releituras invocando o passado.

Outro fator do qual o pesquisador precisa estar cômico é o da possibilidade de melhorar as teorias já reconhecidas. É preciso acreditar na permanente possibilidade de aperfeiçoamento e ressignificação das teorias no processo de transformação da sociedade.

O argumento desenvolvido nesta reflexão, estará sujeito às limitações e possibilidades da leitura e concepção de sociedade, de ser humano e da complexa teia de processos que interagem no cotidiano dos indivíduos e da coletividade. O autor não hesitará em colocar suas concepções ideológicas e a visão que tem de sociedade, entendendo que desse modo, o leitor terá melhores condições de criticá-las no diálogo que estabelecer com este texto.

Seguindo a leitura da história, das culturas e da organização da sociedade o pesquisador se autoriza a argumentar que a sociedade produz, no seu cotidiano, de acordo com suas necessidades e se organiza para qualificar as relações de modo a atingir seus objetivos com mais facilidade e nessa busca o conflito têm aparecido como uma das formas de rupturas e proporcionado movimentos de mudança

Em minha concepção, o conflito não tem conotação negativa, pelo contrário, representa, no cotidiano do povo, a possibilidade de problematização, portanto, de construção do conhecimento e da produção da cultura. Nessa ótica, acredito que o conflito é importante e serve para evitar a apatia e a imobilidade.

Reconhecer que os conflitos não podem ser eliminados, mas apenas geridos, negociados e resolvidos, significa redefinir os critérios da convivência. Apenas o esforço de tornar transparentes e negociáveis as diferenças, as possibilidades e os

vínculos do conviver humano associado pode fundar uma nova solidariedade, seja nas microrelações como nos macrosistemas. (MELUCCI, 2004, p. 78)

Conflito entendido como aquele que, no cotidiano do povo, estabelece um processo dialético e impulsiona os movimentos de construção do conhecimento e de produção da cultura. É no conflito, confronto de idéias, concepções ideológicas e de interesses que se encontram as fontes de mobilidade social.

A mobilidade social, por meio do conflito, cria, no cotidiano, condições para transformar a sociedade, provocar mudanças e aproximar as díades ricos e pobres, analfabetos e graduados, excluídos e incluídos, coronel e soldado, bandido e policial, bonito e feio, forte e fraco, alto e baixo, saudável e doente, tolo e esperto, patrão e empregado, cegos e os que vêem, herói e vilão, educador e educando, etc. incompatíveis com a concepção dialógica de produção do saber.

Ao buscar na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire a compreensão do processo dialógico é preciso alertar para o cuidado que se precisa ter no sentido de ver o conflito como necessário para a construção do conhecimento, no entanto, ele não deve, no cotidiano do povo, diminuir a capacidade de amar as pessoas mesmo que não haja concordância com suas atitudes e comportamentos.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.

Não há por outro lado dialogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. (FREIRE, 2005. p.92)

Do mesmo modo

O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. (FREIRE, 2005, p. 93-94)

Relacionando as comunidades antigas com o cotidiano das comunidades contemporâneas, verifica-se o conflito no processo de evolução tanto nas relações quanto nas organizações sociais. O conflito questiona, problematiza, provoca a reflexão e impulsiona para a ação. Impulsionado pelo conflito, o ser humano começou perceber que tem condições de criar mecanismos de relações, no seu cotidiano, com novas conotações sociais, políticas e econômicas o que aumenta o universo de complexidade das relações. As reflexões a partir do

cotidiano levam o homem a focar mecanismos de qualificação dos movimentos de produção, dando maior complexidade às relações de poder.

A produção comporta, portanto, um reconhecimento do produto como resultado da ação do produtor; mas essa atribuição de pertencimento, em uma situação de interdependência relacional, implica uma certa reciprocidade do reconhecimento. Nessas condições, é possível a apropriação do produto e dela resulta uma certa orientação ou destinação do mesmo. A produção, enquanto ato social mediato, simbolicamente, é, portanto, o ponto de continuidade e de ruptura entre o agir humano e os outros sistemas vigentes. A produção é uma relação social que implica o reconhecimento recíproco da identidade dos produtores, tornando possível, sobre esta base, a troca. (MELUCCI, 2001, p. 50)

Melhorou a qualidade de vida sempre que, no cotidiano, o ser humano usou os recursos econômicos numa ótica coletiva tendo em vista a igualdade de acesso e o bem-estar do outro. Na medida que as relações cotidianas se estabeleceram contemplando a função social da organização econômica, a coletividade teve acréscimo, ganho. Quando as relações econômicas foram usadas para a exploração e dominação, constituíram-se numa força de poder com potencial para definir o ritmo do cotidiano da vida das pessoas e das sociedades. A exploração criou a dependência e foi caracterizando os mecanismos de divisão e separação por classes sociais.

A dependência, através das ações cotidianas, induziu as pessoas a estabelecerem relações onde grupos mais poderosos ocuparam a posição de dominadores e outros, mais fracos, a de dominados. A mesma dependência começou alienar o homem a ponto de este aceitar submeter-se às determinações, orientações e cerceamento de grupos e ideologias dominantes. As pessoas alienadas são encurraladas e inconscientemente, na maioria das vezes, são invadidas e condicionadas a adotar os princípios dos que dominam, processo que Paulo Freire denominou de “introjeção do opressor pelo oprimido” (FREIRE, 2005, p. 38). A dependência limita a capacidade de consciência sobre os mecanismos alienantes e a identidade do indivíduo passa a assumir uma realidade que não é a sua, mas que acolheu como sua.

Como as relações são complexas, desenvolvem-se de forma concatenada umas com as outras. A leitura que se pode fazer é que indivíduos dependentes tendem a formar sociedades nas quais a maioria dos indivíduos são submetidos a uma minoria que comanda a orientação da sociedade e da história. Uma sociedade orientada para a alienação e a dependência na cotidianidade deixa de ser ela mesma, de viver seus valores, buscar seus ideais, realizar seus sonhos, ou seja, perde sua identidade e sua autonomia.

Não tendo autonomia, nas ações cotidianas, tanto o indivíduo quanto a sociedade entram em um processo de descaracterização. Um sujeito sem autonomia, geralmente, não

desenvolve convicções próprias e encontra muita dificuldade para discernir e fazer opções. Diante da pouca habilidade para discernir encontra, no cotidiano, dificuldade para acompanhar os movimentos da sociedade e de fazer uma leitura correta da realidade e do contexto de sua inserção.

Um sujeito alienado, geralmente, não consegue construir uma concepção própria e crítica da sociedade e do homem e não entende que cotidianamente está a serviço dos outros que se beneficiam de sua condição de sujeito alienado.

1.2.1 A cotidianidade do trabalho como espaços de relações alienadas e de poder.

Um exemplo cotidiano e bastante tradicional da alienação é a relação do trabalhador no ambiente de trabalho. Não é o trabalho que aliena e escraviza, mas sim o tipo de relação que se criou no entorno do trabalho. O trabalho deve ser visto como algo que agrega valor no sentido construtivo como meio de humanização e valorização do ser humano.

Antes de abordar as relações de alienação criadas no entorno do trabalho, talvez seja necessário tecer algumas considerações para resgatar a finalidade e função do trabalho no sentido positivo. Pelo trabalho, o homem consegue se mostrar, mostrar seu valor, mobilizar o seu potencial e a sua energia na produção daquilo que o realiza tanto pessoal como profissionalmente.

Uma das funções do trabalho é tornar a pessoa mais livre e realizada. Pelo trabalho, cotidianamente, o homem pode reafirmar sua dignidade e conquistar sua autonomia e libertação. Desse modo, a função do trabalho está longe de ser algo que aliene e escravize. Agora, pode-se entender que o trabalho em si não é alienante, mas que, ao longo do processo histórico, foi usado como fator de alienação. De que forma? Na divisão da sociedade por classes cujas relações de poder se dão no sentido vertical, onde existem os que podem e os que obedecem, os que sabem pensar e os que sabem fazer. Surgiram, então, os patrões que monopolizavam o capital, os meios de produção e tinham os mecanismos de controle da produção e precisavam dos que produzissem. Diante de tal necessidade surgiu o trabalhador da terra ou da fábrica que, possuidor da força de trabalho, aceita aliená-la em troca de uma pequena porção do capital produzido. Aceitou essa troca pela necessidade de ter meios de garantir sua alimentação, moradia, e adquirir os bens de consumo necessários para sua sobrevivência e algum conforto. Em outros termos, o trabalhador passou a vender sua força de trabalho e os patrões começaram a adquiri-la para garantir a ampliação do capital e do lucro.

A mercadoria adquire valor superior ao homem, pois privilegiam-se as relações entre coisas, que vão definir relações materiais entre pessoas. Com isso a mercadoria assume formas abstratas (o dinheiro, o capital) que, em vez de serem intermediárias entre indivíduos, convertem-se em realidades soberanas e tirânicas.

Em consequência, a humanização da mercadoria leva à desumanização do homem, à sua coisificação, à reificação (do latim res, coisa), sendo o próprio homem transformado em mercadoria (sua força de trabalho tem um preço no mercado). (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 12, 13).

Com a alienação do trabalho, se aprofundaram as distâncias entre os patrões e os trabalhadores e o trabalho deixou de ser algo gratificante e prazeroso, as relações de poder se acirraram e surgiu uma nova categoria de relações em que um pequeno grupo ou uma pessoa domina e explora e, de outro lado, um grande grupo que serve como força de trabalho, mão de obra barata que produz capital sobre o qual não tem oportunidade de opinar e decidir e tem poucas condições de acesso ao resultado de sua produção.

As políticas de decisão sobre o que se deve produzir não têm origem nas classes populares e nos trabalhadores porque existe uma classe de intelectuais pensantes que se acha em condições e no direito de decidir por todos. As políticas sobre a melhor forma de organizar as relações de trabalho também não procedem dos trabalhadores porque a estes cabe apenas obedecer e executar o trabalho da forma que outros pensaram.

Diante de tal realidade podemos fazer a seguinte pergunta: Onde fica a autonomia e a liberdade do indivíduo trabalhador? Não é no chão da fábrica. Fica naqueles espaços fora das obrigações do trabalho. Nos espaços de informalidade e na relação do cotidiano, com outros trabalhadores, longe do olhar e da cobrança dos patrões. Na relação com a natureza, naqueles momentos que é possível tomar consciência de si e de sua condição de cidadão, dispensador de um papel social, comprometido com seus próprios sonhos e seus ideais. Nesses espaços é possível exercitar a autonomia e a liberdade bem como projetar a realização dos ideais de um indivíduo autônomo e livre, inserido numa comunidade justa de iguais.

O cotidiano dos trabalhadores é marcado por momentos de dependência e alienação mas também por espaços de autonomia e liberdade. Fora do ambiente da empresa os trabalhadores têm oportunidade de assumir uma postura crítica e criativa. São os momentos de autonomia que revelam a verdadeira identidade do indivíduo. Uma pessoa autônoma e consciente encontra meios de provocar mudanças na tentativa de superar os mecanismos de alienação e dominação.

As verdadeiras convicções levam os indivíduos a ousar, a lutarem em prol de seus ideais. Ninguém gosta de viver sem liberdade, não podendo mostrar seu potencial e defender seus valores e suas convicções. Uma pessoa livre é segura daquilo que almeja de suas metas.

As pessoas buscam autonomia e liberdade na sua vida cotidiana, no entanto, a realidade tem sido, em muitas situações, extremamente severa com estas pessoas. A severidade do cotidiano é visível em seus movimentos de produção e conquista dos espaços de suas relações. A busca de espaço e valorização bem como dos meios necessários para a sobrevivência impõem aos seres humanos muitos desafios.

Na superação dos desafios cotidianos, os indivíduos necessitam olhar a realidade do modo como se apresenta e a encontrar as políticas mais pertinentes para ter êxito em suas ações. Por exemplo, nem sempre, ou melhor, raras vezes, se consegue ter a autonomia desejada no ambiente e nas relações de trabalho. Como é preciso trabalhar, num sistema capitalista e burguês, a fim de obter as condições necessárias para sobreviver, os indivíduos comprometem a autonomia, a liberdade e suas convicções em troca de pequena parcela de capital com o intuito de assegurar a sobrevivência.

Tendo argumentado com base na importância de valorizar o cotidiano na construção do saber, parece necessário e significativo aprofundar a reflexão contemplando a construção do conhecimento e produção da cultura.

CAPÍTULO 2 - Construção crítica do conhecimento, complexidade histórica e cultura popular

Um dos referenciais teóricos desta dissertação segue a linha de raciocínio sustentada por Paulo Freire, Brandão e Melucci já que se trata de uma investigação com interesses direcionados às peculiaridades da cultura popular. O primeiro, por sua visão crítica da realidade, insistindo sempre na importância de desenvolver nos indivíduos e cidadãos, a consciência crítica para que assumam sua condição de sujeitos do processo histórico bem como da permanente instigação aos indivíduos para buscarem uma formação que contemple a autonomia e o desejo de construir uma sociedade com base nos princípios democráticos da liberdade, igualdade e fraternidade. Ainda pelo fato de propor uma ética universal de valorização do direito à vida e o bem-estar de todos independente das diferenças de raça, cor, etnia, gênero e posição social. Brandão é um antropólogo que integra a linha freireana e desenvolve uma reflexão cuidadosa a respeito da educação buscando reforçar as peculiaridades da cultura popular alertando para a existência dos mecanismos de alienação presentes na cultura dominante e que buscam obscurecer a autenticidade da cultura popular. Melucci porque aponta para a complexidade das relações a partir do cotidiano. Desenvolve sua reflexão contemplando tanto os indivíduos como sujeitos históricos quanto os processos coletivos de produção da cultura e do conhecimento destacando a importância da pesquisa e conhecimento da realidade.

Uma vez que estes pensadores motivam a minha reflexão e ação, será oportuno e significativo apresentar resumidamente alguns aspectos da vida de cada um deles para dar uma noção mais exata do lugar em que eles desenvolveram suas teorias e, assim, também o lugar a partir do qual esta dissertação é desenvolvida.

Paulo Freire nasceu em Recife em 1921 e faleceu em 1997. Seus pais eram integrantes da classe média, mas por dívidas e, posterior, morte do pai, Paulo Freire conheceu a pobreza e a fome durante a depressão de 1929, uma experiência que o levaria a se preocupar com os pobres e o ajudaria a construir seu peculiar método de ensino. Entrou para a Universidade do

Recife em 1943, para cursar a Faculdade de Direito, mas também se dedicou aos estudos de filosofia da linguagem. Ele, no entanto, nunca exerceu a profissão de advogado porque preferiu trabalhar como professor numa escola de segundo grau ensinando a língua portuguesa. Em 1944, ele se casou com Elza Maia Costa de Oliveira, uma colega de trabalho. Os dois trabalharam juntos pelo resto de suas vidas e tiveram cinco filhos.

É considerado um dos grandes pedagogos da atualidade. É inegável a sua grande contribuição em favor da Educação Popular. Suas primeiras experiências educacionais foram realizadas em 1962 em Angicos, no Rio Grande do Norte, alfabetizando trabalhadores rurais. Participou ativamente do MCP (Movimento de Cultura Popular) do Recife. Suas atividades são interrompidas com o golpe militar de 1964, que determinou sua prisão. Exila-se por 14 anos vivendo em diversos países, inicialmente no Chile. Em 1970, junto a outros brasileiros exilados, em Genebra, Suíça, cria o IDAC (Instituto de Ação Cultural), que assessora diversos movimentos populares, em vários locais do mundo. Retornando do exílio, Paulo Freire continua com suas atividades de escritor e debatedor, assume cargos em universidades e ocupa, ainda, o cargo de Secretário Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo, na gestão da Prefeita Luiza Erundina.¹³

Carlos Rodrigues Brandão nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1940. Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965), mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (1974) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980). Realizou seu pós-doutorado nas universidades de Perugia e Santiago de Compostela (1992). É professor titular aposentado da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor do corpo docente do Doutorado em Ambiente e Sociedade do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) e pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP. Foi professor convidado da Universidade de Uberaba, do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP, em Piracicaba, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás e do Instituto de Geografia da Universidade de Uberlândia. É pesquisador-visitante do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. Desenvolve atualmente pesquisa de campo com equipe em comunidades tradicionais ribeirinhas do rio São Francisco. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Rural, Antropologia da Religião e Antropologia e Ambiente, atuando

¹³ Informações baseadas nos dados do Centro de Referência Educacional, disponível em <http://www.centrorefeducacional.com.br/>. Outros dados estão na contra-capá da edição de 2005 de Pedagogia do Oprimido.

principalmente nos seguintes temas: cultura, cultura popular, educação popular, educação ambiental.¹⁴

Alberto Melucci nasceu em 1943 e faleceu em 2001 aos 58 anos. Alberto Melucci, sociólogo e psicólogo clínico, foi professor na Universidade de Milão. Desenvolve sua argumentação a partir de uma sólida reflexão baseada em trabalho de campo intenso. Fez parte do Departamento de Sociologia da Universidade de Milão. Como investigador social, contribuiu na forma de um trabalho de produção coletiva por meio de um processo reflexivo de investigação.

(...) Melucci, ao estudar as anunciadas crises, como, por exemplo, dos movimentos sociais, dos sindicatos e mesmo da participação política, tanto em nosso país, como em outros, oferece uma outra forma de compreensão a partir das abordagens que tendem a superar aquelas oriundas da exclusiva matriz sociológica ou da ciência política.

Melucci, sempre preocupado e com sua atitude reflexiva positiva a respeito da ação humana, por sua formação e atuação como psicólogo clínico, consentâneo com a de sociólogo, propicia uma interpretação menos catastrófica de processos sociais complexos e ainda inconclusos, como por exemplo a planetarização.

Para tanto, ao incorporar novas categorias e novas formas de ação coletiva que estariam instituindo novas identidades sociais, e fugindo das análises centradas na luta material no mundo do trabalho e na pura e simples conquista do aparelho de Estado, Melucci oferece criativa, original e ousada forma de interpretar fenômenos de condição humana contemporânea, ao trazer, por exemplo, para o debate acadêmico, a categoria juventude, que ainda não tem tido a atenção mais forte dos cientistas sociais. (BOMFIM, 2001, p.7-11)

É considerado um dos mais importantes pensadores sociais do final do século XX.

Não é pretensão desta pesquisa trazer teorias propostas pelos autores citados mas revelar, com base nas leituras e estudos destes autores, a construção teórica desta dissertação a partir das iluminações e das reflexões por eles propostas em relação à construção do conhecimento e dos processos educativos que fogem dos sistemas tradicionais.

As teorias de conotação bancária, no confronto com o pensamento desses autores, são denunciadas porque buscam apenas a transmissão do conhecimento e a construção de um processo educativo conteudista e não reflexivo. Sendo assim, torna-se evidente a discordância teórica em relação aos processos que vêem o educando como um banco onde se pode depositar uma quantidade de conteúdos para assimilar sem que o mesmo tenha a oportunidade de decidir sobre tais conteúdos e muito menos cogitar sobre a possibilidade de refleti-los criticamente.

Com essa discordância em relação à “educação bancária”, não se está negando que a transmissão do conhecimento e a educação nos moldes conteudistas não tenha seu valor,

¹⁴ Informações obtidas por consulta ao Currículo Lattes, disponível em <http://buscatextual.cnpq.Br/buscatextual/vizualiza.cv.jsp?id>

porém esta corrente teórica deseja superar estes modelos de produção de conhecimento e de educação para navegar em águas mais profundas.

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas sou sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar. (FREIRE, 1996, p 76-77).

A construção do conhecimento e dos processos educativos na concepção desses autores e, por consequência, também na visão desta pesquisa precisa considerar um vasto arcabouço de elementos e realidades para serem processos eficientes e eficazes. Fundamentar teoricamente a pesquisa; requer a busca e construção de argumentos e de autores com os quais o pesquisador mais se identifica e acredita e que melhor se encaixam na sua linha de pensamento. Melucci, com frequência, nas suas argumentações se refere às sociedades e realidades complexas, esta pesquisa adota a mesma visão quando pretende construir os referenciais teóricos para fundamentar sua linha de raciocínio. Complexo porque é necessário fazer um grande número de conexões sem perder o foco da pesquisa e, assim, manter o rigor científico da argumentação.

A complexidade dos mecanismos inerentes aos processos relacionais não deve ser vista como algo negativo. Pelo contrário, a complexidade se constitui uma fonte de possibilidade quando se trata de construir o conhecimento. A construção do conhecimento se dá na complexidade e na capacidade que os sujeitos do processo têm de estabelecer conexões, de criar situações problemas, para encontrar dúvidas, intuir, questionar, refletir, levantar hipóteses, analisar, estabelecer sínteses e avaliar os processos.

No processo de construção do conhecimento um dos fatores importantes a se considerar é uma metodologia adequada. Nem sempre é fácil encontrar o caminho que melhor mantenha a coerência entre a prática e a construção teórica objetivada. Estamos sempre diante de uma incógnita tratando-se de buscar aproximação e coerência entre o pensar e o fazer. Tal como Freire expressa no livro *Pedagogia da Autonomia*:

Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos. Pensar certo não é que - fazer de quem se isola, de quem se aconchega a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido mas co-participado (FREIRE, 1996, p. 37)

O pensar certo está associado à construção coletiva. A coerência supõe referenciais, estes têm conotação coletiva, ou seja, devem ser estabelecidos a partir de um contexto cultural e social. Pensar coletivamente amplia as possibilidades de comunicação e participação.

A construção do conhecimento não se dá de forma isolada. Assume conotação histórica uma vez que não convém separá-la da realidade. Quem constrói o conhecimento são as pessoas e estas se movem a partir de um espaço geográfico, cronologicamente situado num tempo histórico. A história é o espaço de movimento dos processos de construção do conhecimento e por sua vez dos processos educativos. Podemos dizer que tanto a produção do conhecimento como a perpetuação dos processos educativos são contextualizados histórica e culturalmente.

Desse modo, é importante nesse momento, nomear alguns fatores que são relevantes nos processos educativos e na construção do conhecimento. Me refiro à história, cultura, espaço e tempo que, em hipótese alguma, podem ser omitidos quando se pretende estabelecer referências teóricas para uma pesquisa que busca a construção do conhecimento tendo como contexto a cultura popular, e como fundamentação teórica, os autores que são citados como base das minhas convicções.

Teorizar tendo como contexto a cultura, exige muita abertura para reconhecer que se tem como missão contemplar uma realidade complexa. É evidente que nesse caso o meu esforço será no sentido de reunir um amplo cabedal de informações com as quais terei que estabelecer vínculos a fim de captar os saberes existentes na cultura em que a pesquisa está contextualizada para aproveitá-los inserindo-os nos processos reflexivos. Uma vez inseridos, são utilizados como informações para iluminação e para oferecer o maior número de possibilidades de encontrar o melhor modo de estabelecer as conexões que acionam os mecanismos que movem os sujeitos a encontrar as condições necessárias para aprender a aprender.

Na visão de Paulo Freire, a conquista do saber se dá por meio de processos dialógicos estabelecendo contínua troca, tornando permanente a relação entre ação-reflexão. Os processos educativos que visam a construção do conhecimento e a formação das pessoas precisam, ao ser fundamentados, considerar a variável contexto. O mesmo entra como realidade onde efetivamente situa-se o espaço de ação do sujeito. No contexto, espaço das relações, o sujeito ou sujeitos conseguem interagir e estabelecer as trocas necessárias para criar vínculos com os processos objetivados pela ação e reflexão.

Refletir a ação a partir do contexto de relações significa contemplar a complexidade dos movimentos que perpassam uma rede de informações das quais os sujeitos de um

processo precisam captar e entender a função de cada parcela na dinâmica do todo no contexto de sua efetivação. Uma vez que os sujeitos da ação refletem sobre ela própria, conseguem visualizar com maior clareza os mecanismos e códigos que interagem com a função de encabeçar a qualidade das intervenções nos processos, a ponto de serem eles os desencadeadores dos movimentos que geram as condições necessárias e reveladoras do retrato da realidade a ser desenhada.

O desenho da realidade permite identificar o ambiente, espaço de movimento dos processos, onde se desencadeiam as trocas, que perpetuam as relações necessárias no caminho de aproximação dos sujeitos ao objeto ou objetos a serem conhecidos. A rede de informações e mecanismos que intervém durante o processo, se o sujeito quer manter coerência com as metas objetivadas na reflexão, precisa depurar tanto as informações como os mecanismos que se movimentam no contexto tornando-o complexo e ambíguo. Uma forma eficaz de captar e envolver com precisão o conjunto de elementos que fazem parte dos movimentos ao se objetivar a conquista de saber é a reflexão da ação.

Ao dispor-se a refletir sobre a ação, o sujeito encontra possibilidades de visualizar os caminhos mais adequados para manter coerência na aproximação entre sujeito e objeto já que é a própria que revela a dimensão das possibilidades de pensar certo.

A construção ou produção do conhecimento do objeto implica exercício de curiosidade, sua capacidade crítica de tomar distância do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de cercar o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, 1996, p. 85)

Compreender a realidade remete a uma postura de abertura, flexibilidade, mas ao mesmo tempo exige permanente capacidade de envolver-se com um olhar crítico de quem busca algo mais, que questiona e tenta analisar todas as situações para não se deixar iludir e alienar, elementos que distanciam o sujeito da coerência e impõem-se como obstáculos ao pensar certo.

Todo processo tem fatores previsíveis sobre os quais o sujeito da ação consegue estabelecer certo controle, prever com alguma precisão o caminho mais adequado para conduzir com eficiência os passos a serem dados. Assim como existem os fatores previsíveis também surgem os que são inesperados, imprevisíveis que vão desafiar o sujeito do processo para usar todo seu potencial de criatividade a fim de encontrar formas de inserir as peças necessárias na engrenagem para garantir a compreensão do movimento, otimizando a energia na manutenção do foco e das metas que melhor satisfazem a gestão do processo de produção do conhecimento e conquista do saber.

A fundamentação que estou desenvolvendo tem a preocupação de mostrar que a produção do conhecimento, a partir da concepção de processos, supõe sempre, um momento anterior, ou seja, a origem nunca se dá através do vazio, uma vez que se pretende considerar a valorização das conquistas já consolidadas e as reflexões feitas até o momento em que se deflagra o início de um novo processo de produção do conhecimento. Com isso não se está negando a possibilidade de refletir e provocar rupturas nas teorias já construídas, apenas intenta-se reforçar a idéia de que as construções anteriores devem, quando necessário, ser analisadas, questionadas e ressignificadas. Se não for a partir dessa lógica, parece que não se consegue valorizar o contexto, a história e a cultura em que se desenrolam os processos.

(...) não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto” um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la.

Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão. Esta, necessária à ação, está implícita na exigência que faz Lukács da “explicação às massas de sua própria ação” – como está implícita na finalidade que ele dá a essa explicação, a de “ativar conscientemente o desenvolvimento ulterior da experiência”. (FREIRE, 2005, p. 44)

Impõe-se a decisão de visualizar um método que melhor atenda à linha de raciocínio desta pesquisa e, por fidelidade às convicções dos autores eleitos para corroborar na sustentação das argumentações que me proponho a desenvolver, cabe deixar claro a opção por um estudo de caso do tipo etnográfico que valorize os elementos já colocados no contexto de referência dos processos de produção do saber.

Sintetizando idéias de vários autores, pode-se dizer que o estudo de caso do tipo etnográfico em educação deve ser usado quando: (1) há interesse em conhecer uma instância particular (2) pretende-se compreender profundamente essa instância particular em sua complexidade e totalidade; e (3) busca-se retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural (ANDRÉ, 2005, p. 31).

Significa que, sempre, o esforço será no sentido de estabelecer conexões que remetam aos constructos históricos, sociais e culturais movendo-se geograficamente no espaço e no tempo.

O fato de acreditar na construção do conhecimento valorizando os saberes já existentes leva a olhar para a realidade e a se debruçar sobre um contexto objeto de muitas intervenções tanto positivas como negativas. O contexto também é resultado de inúmeros movimentos com a intervenção de diferentes fatores e sujeitos que mediante uma ação criadora e transformadora produziram uma realidade manifesta em mecanismos de teor histórico, social e cultural.

Para valorizar os saberes já existentes, o sujeito do processo necessariamente terá que fazer uma viagem de regressão, resgate histórico com olhar no passado para obter o maior número de informações na fundamentação dos processos de compreensão do presente a fim de viabilizar e sustentar argumentos convincentes para direcionar a reflexão estabelecendo coerência entre os movimentos de ação-reflexão.

Ao aliar a produção do conhecimento ao processo histórico se está optando pela imersão na cultura. Ao assumir a conquista do saber como resultado da construção dialógica das relações estabelecidas no interior da história e da cultura se está declarando que a verdade pode ser definida a partir das coordenadas históricas e culturais, portanto, a verdade não é um dogma eterno mas uma expressão da convicção humana em determinado momento histórico-cultural.

Conforme a leitura do pensamento e reflexões de Melucci, parece ser correto afirmar que a cultura é uma realidade bastante complexa, exigindo habilidade por parte dos sujeitos dos processos para chegar a uma compreensão satisfatória de todas as variáveis inerentes a um contexto cultural. O sujeito não pode se surpreender se chegar a um ponto no qual necessite reconhecer que não consegue captar com precisão e abrangência suficiente os mecanismos e códigos envolvidos na produção da cultura. A produção cultural mobiliza quase todos os objetos de relação do ser humano. Nesta pesquisa propõe-se a seguinte solução para o problema em foco: quase tudo aquilo que o ser humano produz é cultura porque seria muito idealismo acreditar que o ser humano só produz coisas boas e seria ingenuidade acreditar que tudo aquilo que o ser humano produz é bom e vai ajudar o ser humano ser e viver melhor.

O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. (FREIRE, 1996, p. 56)

Ciente de que o ser humano produz coisas boas, coisas que o ajudam a ser melhor e coisas que o prejudicam, é exatamente uma negociação, comprometimento, cumplicidade coletiva que estabelecerá uma ética universal com critérios para moderar a produção negativa daqueles elementos que trazem prejuízo à humanidade e estipular a possibilidade de produzir, com grau de intensidade maior, os princípios éticos de proteção e valorização à vida e à harmonia entre os seres humanos, à natureza e ao ecossistema. Cabe à coletividade, a partir do bom senso e respeito aos direitos do outro, estabelecer os critérios de produção da cultura.

Após manifestar a solução a tal problemática, acredito ser interessante apresentar a definição de Maria Lúcia Aranha em relação ao assunto em foco:

A cultura é, portanto, um processo de autoliberação progressiva do homem, o que o caracteriza como um ser de mutação, um ser de projetos, que se faz à medida que transcende, que ultrapassa a própria experiência (ARANHA, 1993, p. 6).

Dando seqüência ao processo de fundamentação do presente projeto de estudo e pesquisa ao analisar a citação anterior percebe-se que a autora entende a cultura em movimento devido à ação dos homens no sentido de transformar o meio, espaço de suas relações. A autora vê o sujeito agindo de forma consciente e crítica no contexto, produzindo a cultura na qual cria caminhos, processos de autolibertação. Ela procura mostrar que o sujeito histórico, portanto, radicado em determinado contexto cultural, mediante sua capacidade de reflexão, transpõe os próprios limites, idealiza projetos, transcende a própria experiência, cria novas realidades e movendo-se na cultura faz-se um sujeito em contínua transformação na medida em que encontra novos mecanismos e meios de interagir com a cultura.

Na interação, o sujeito busca conquistar a libertação dos fatores de resistência ao seu aperfeiçoamento. Empenha-se no sentido de atingir um grau de maturidade suficiente para superar os próprios limites. Cria possibilidades de conhecimento favoráveis a um processo sempre mais apurado de consciência e libertação para superar os fatores de alienação que, inevitavelmente, surgem em qualquer cultura independente da vontade dos sujeitos.

Recapitulando o pensamento de Paulo Freire é notória a importância que têm a liberdade e a autonomia nas suas argumentações tanto na produção do conhecimento quanto na construção dos processos educativos de formação do indivíduo e do profissional. Ser sujeito em formação, portanto, em relação com processos é estabelecer um diálogo intenso com a autonomia e a liberdade. Só sujeitos com relativa autonomia conseguem fazer opções maduras, isentos dos efeitos das ideologias alienantes, garantindo assim a possibilidade de pensar certo, em conformidade e coerentemente com os princípios éticos universais de proteção e valorização da vida e do direito à liberdade, igualdade e fraternidade.

A autonomia na construção do conhecimento e na produção da cultura fortalece os vínculos com processos de valorização dos movimentos de libertação. Pensar com autonomia significa facilitar a compreensão do contexto de relação dos sujeitos, mobilizar forças no sentido de refletir a ação e desvelar os valores que agregam qualidade na produção do conhecimento e culturas autônomas e livres. Formando sujeitos autônomos e livres com capacidade de pensar, refletir e analisar os processos com consciência crítica necessariamente se tem culturas e sociedades mais abertas aos princípios éticos de proteção à vida e de valorização do bem comum cuja camisa de força é o bem-estar da coletividade e, portanto, de todos os seres humanos, os seres vivos e o meio ambiente.

Na reflexão anterior transparecem com razoável evidência a inclusão da liberdade e autonomia como elementos participantes de um processo de fundamentação teórica que busca mostrar a necessidade de incluir na construção do conhecimento, uma visão construtivista-interacionista e sociocultural. Por um lado, busca valorizar todos os caminhos que representam condição de possibilidade para produção de culturas e saberes norteados pela reflexão, coerência e desejo de pensar certo e, por outro, ter consciência da complexidade de movimentos no âmbito das relações envolvendo desde as opções ideológicas, processos políticos, religiosos, sociais, econômicos e culturais até as diferenças de raça e gênero.

A fundamentação teórica que prima pelas concepções críticas reafirma a importância dos sujeitos históricos, do contexto das diferentes culturas, problematização, dúvida, processos, rigor científico, metodologia adequada, saberes existentes, diferenças de gênero-raça pensar certo, consciência crítica, liberdade, autonomia, flexibilidade, tolerância, abertura, coerência, eticidade, ação-reflexão,... e cotidianidade.

Seguindo essa ótica, por um lado, deve-se questionar as construções teóricas que ignoram a possibilidade de ousar. Por outro lado, exalta-se aquelas que demonstram abertura e convicção na conquista de novos caminhos para a produção do saber e o desencadeamento de processos educativos criativos, dinâmicos, críticos e prazerosos. Cabe refletir e mostrar:

A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade de diálogo.

A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com o seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história. (FREIRE, 1996, p. 136)

Todo processo, desenvolvido com prazer, satisfação e paixão encontra a energia necessária para potencializar os saberes na formação de sujeitos dispostos a conquistar o conhecimento para poder socializá-lo na forma de cooperação tanto para o desenvolvimento de sociedades mais solidárias, quanto na formação de cidadãos conscientes do seu papel social em prol da liberdade e de uma democracia responsável com o bem-estar de todos.

Os autores a partir dos quais essa pesquisa pretende qualificar sua reflexão, declaram ser a intencionalidade fator relevante na construção do conhecimento e no processo ensino-aprendizagem. Incluir a intenção significa ter consciência dos motivos que acionam as energias que levam o sujeito a obter noção das variáveis presentes na dinâmica interna e nos

movimentos de interação com o ambiente externo. De acordo com essa dinâmica o sujeito mobiliza os fatores que garantem e consolidam ações conscientes, livres e autônomas.

A intencionalidade no agir configura um panorama da realidade que exige do sujeito clareza de objetivos e metas. O indivíduo tem maior noção do que quer e aonde quer chegar ao decorrer do processo, no entanto, isso não garante a certeza da eficácia porque durante o percurso surgem novos elementos antes ausentes e, agora, estranhos necessitando de adequação e ressignificação e ainda se impõem aspectos conservadores, inadequados, sujeitos à desconstrução a fim de gerar uma nova realidade mais complexa ou não, porém, pertinente ao contexto de construção do saber e da cultura.

2.1 Conhecimento e cultura: espaços de construção e propagação das relações de poder.

Cortella abre a possibilidade de construir algumas argumentações interessantes:

Conhecimento é uma relação entre sujeito e objeto; tem que haver um sujeito que conhece e um objeto que é conhecido, mas a verdade não está nem no pólo do sujeito, nem no pólo do objeto e sim na relação entre eles.

Esta relação se dá no tempo humano que chamamos história. Portanto, a verdade é histórica, não sendo nem absoluta nem eterna. Mais ainda: esta relação não é somente entre mim e o mundo, pois eu não sou sozinho e a história é feita coletivamente. A relação com o mundo não é individual, mas coletiva, social. Assim, a verdade não apenas é histórica como também é social porque a relação com o mundo é social.

Cabe enfatizar: O conhecimento e, nele, a verdade, são construções históricas, sociais e culturais. São resultantes do esforço de um grupo determinado de homens e mulheres (com os elementos disponíveis na sua cultura e no tempo em que vivem) para construir referências que orientem o sentido da ação humana e o sentido da existência. (2006, p. 98-99)

Pode-se, portanto, partir do princípio de que não é possível pensar o processo de conhecimento ao longo da história da humanidade sem tomar consciência da importância das diferentes culturas, mesmo porque o conhecimento de alguma forma representa poder e as culturas foram marcadas por este tipo de relação.

Antes do surgimento da escrita em que a história era marcada fundamentalmente pela oralidade, o pensamento tinha conotação mítica e a construção do conhecimento se encaixava nesse processo e o método variava de acordo com o grau de consciência e maturidade dos diferentes povos.

De acordo com este princípio e pelo conhecimento do processo evolutivo e da capacidade de organização do homem, pode-se afirmar que desde os primórdios, algumas culturas se sobressaíram e se impuseram sobre as demais passando a dominá-las e a explorá-las.

Desde então, o homem passa a se preocupar com os mecanismos que lhe possibilite alienar as culturas em função de seus interesses e se organiza de modo que as relações estabelecidas sejam, quase sempre, de poder e dominação.

O exemplo desse tipo de relação é fornecido pela história através dos conflitos vividos desde os povos primitivos até o presente. A busca de poder, o desejo de dominar e de satisfazer a necessidade da auto-afirmação pelo conflito é inerente ao ser humano e se o mesmo não for formado, em sua cultura, para a solidariedade e o respeito às diferenças, são poucas as possibilidades de se construir um mundo onde todos sejam incluídos, respeitados e valorizados igualmente, independente do grupo, raça ou cultura a que pertence.

Com o surgimento da escrita e da polis, o homem conquistou um instrumento e um espaço social para organizar o seu pensamento e sistematizar de forma lógica as idéias acessando com mais facilidade os dados da tradição e teve maior compreensão de si, do mundo e dos movimentos históricos dos quais é sujeito e atua com capacidade de dar o rumo que deseja em conformidade com sua finalidade e sua concepção de pessoa, sociedade e de mundo, ou seja, desde então, a pessoa se encontra diante da possibilidade de efetivamente interferir de forma consciente e planejada no rumo da história da humanidade.

Nesse processo são conhecidos pensadores, povos e culturas que se destacaram e passaram a refletir e a compreender que é possível criar mecanismos de organização sempre mais complexos onde os que têm maior entendimento ingressam com maior possibilidade de competir e de se afirmar como indivíduo, grupo ou cultura dominante.

Na verdade o homem é tanto ou mais complexo do que todo o emaranhado de relações estabelecidas entre os demais seres animados e inanimados. A prova desta complexidade está no fato de que desde a sua origem o mesmo tenta compreender seu funcionamento e ainda não chegou a uma solução satisfatória de modo que é parte de um grande mistério.

Não podemos ignorar que ocorreram progressos significativos na conquista do saber e na compreensão do ser humano e da complexidade do universo, ao contrário do otimismo antropológico dominante no iluminismo, o homem se depara com um limitante que é o reconhecimento de que quanto mais sabe a respeito de si e das coisas que constituem o universo, a pessoa reconhece que sabe muito pouco e tem um longo caminho a percorrer na busca do conhecimento e das verdades.

Na medida que o homem passa a ampliar a sua visão de mundo também começa perceber que consegue ampliar o seu espaço de conquista e se convence de que o tempo e o espaço físico não se restringem a sua limitada visão de mundo e começa a estudar a possibilidade de transpor os horizontes aos quais sua compreensão alcançava, se lança na

conquista de novas realidades e tem novos desafios e novas experiências. Estas o impulsionam sempre mais para o domínio do meio ambiente e se convence que é capaz de estabelecer ideais e alcançá-los usando sua criatividade, capacidade de fazer conexões e criar novos mecanismos de controle do meio.

Em relação as suas atitudes instintivas, o homem assemelha-se muito aos animais porque apresenta comportamento, muitas vezes, inferior ao dos animais. Agora não podemos negar que ele tem certa vantagem em relação aos demais seres vivos na medida que apresenta características reconhecidamente suas tal como a capacidade de ação transformadora consciente.

Essa ação transformadora consciente é exclusiva do ser humano e a chamamos trabalho ou práxis; é consequência de uma agir intencional que tem por finalidade a alteração da realidade de modo a moldá-la às nossas carências e inventar o ambiente humano. O trabalho é, assim, o instrumento da intervenção do homem sobre o mundo e de sua apropriação (ação de tornar próprio) por nós.
Se o trabalho é o instrumento, qual é o nome de sua realização? Nós o denominamos cultura (conjunto dos resultados da ação do humano sobre o mundo por intermédio do trabalho). (CORTELLA, 2006, p. 41)

Além de se diferenciar pela capacidade de agir conscientemente o ser humano tem a possibilidade de usar a palavra de forma articulada como recurso para se comunicar com os outros grupos e com as diferentes culturas.

Com o domínio da escrita e com o aperfeiçoamento da capacidade de comunicação usando os sinais e símbolos presentes nas palavras e na linguagem de cada povo, o ser humano entra num estágio de evolução mais complexo atingindo alguns avanços significativos tanto no pensamento através da reflexão de filósofos renomados onde podemos citar alguns pré-socráticos como Anaximandro, Anaxímenes, Parmênides e Empédocles cujo foco da reflexão é o naturalismo. O interesse filosófico está voltado para o mundo exterior, material e aí é procurado o princípio metafísico das coisas. Estes procuraram fundamentar a reflexão tendo como preocupação básica o eterno retorno, o rodar perpétuo do devir em volta de “o que não pode devir”, o repetir-se eterno de tudo, coisas e eventos que perpassa todo o pensamento grego e o naturalismo apegando-se a elementos da natureza tais como água, ar, fogo e terra.

Aprofundando um pouco mais essa linha de raciocínio mostrando alguns filósofos que representaram um marco quando se trata de analisar a construção do conhecimento não dá para esquecer de Sócrates como fator decisivo na construção do pensamento e a sua preocupação em refletir o cotidiano da sociedade onde procurou desenvolver a consciência crítica na juventude e esmerou-se em formar homens virtuosos com propósito de agirem em

vista do bem-comum. Sócrates foi acusado de subversivo e de corromper a juventude e preferiu a morte a renunciar ao seu modo de pensar.

Sócrates juntamente com Platão e Aristóteles fazem parte do segundo período do pensamento grego conhecido como sistêmico ou antropológico cujo foco de interesse dos filósofos é os valores humanos e espirituais. Depois de Aristóteles segue o terceiro período em que o foco de interesse do pensamento grego está voltado para o problema moral. Ainda tem um quarto período que é o religioso.

Ao me reportar aos filósofos pré-socráticos, quero ressaltar alguns elementos importantes que ao longo da história foram sofrendo duros golpes, pois a relação do ser humano com os mesmos foi de desrespeito e de pouca consciência de que estes fazem parte da vida e que dos mesmos depende a sobrevivência dos seres vivos. Supõe-se que o leitor já entendeu que estou me referindo aos elementos da natureza supracitados porque já naquela época eram objeto de estudo e longa reflexão por parte dos filósofos. Ainda cabe mostrar que o conhecimento, quase sempre, constituiu-se fator de poder.

Quanto mais for aprofundada a reflexão tanto mais é possível dar-se conta de que se vive numa realidade de sistemas complexos que ao longo da história foram tomando formas diferentes em consonância com o espaço, o tempo e os sujeitos constituindo-se num processo dinâmico, acompanhado da reflexão e da práxis.

Consciente da inserção em um grande sistema formado por subsistemas interligados entre si, não é permitido aos pesquisadores acharem que em algum momento da história, as peças da engrenagem que não estão em consonância com o todo, não fazem falta, pois cada peça tem sua função por menor que possa parecer a sua importância.

Assim, ao deter-me ao processo histórico, tenho a convicção de que a construção do conhecimento, história e o diálogo entre as culturas estão intimamente relacionados uma vez que este movimento se dá num contexto situado no espaço e no tempo. De tal modo que não vejo como fazer uma reflexão focando a construção do conhecimento e o diálogo entre as culturas sem abordar os movimentos da história.

A identidade cultural remete a uma reflexão sobre aqueles elementos que fazem parte do modo de ser e viver de um povo. Para caracterizar uma cultura é necessário considerar quase tudo aquilo que é resultado da ação de um povo, sendo assim, deve-se considerar seu modo de pensar, as ideologias que defende, modo de vestir, costumes, aspectos morais e éticos, estilo de vida, arquitetura, relação entre si e com as outras culturas, concepção de homem, sociedade e mundo, maneira de se organizar, relação de poder, relação com a natureza. Diante dessa constatação se pode imaginar a complexidade de uma cultura e

entender que a identidade do indivíduo está associada ao meio onde ele vive e à cultura com a qual o mesmo se identifica.

A obtenção do conhecimento tem muito a ver com as possibilidades que uma cultura oferece aos indivíduos para desenvolverem um processo de aprendizagem. É muito importante para a formação da consciência de um povo reconhecer o direito de existir como cultura e exercer a liberdade de forma responsável. Para chegar a isso o processo de construção do conhecimento, a partir de uma reflexão crítica da realidade e dos mecanismos de alienação e dominação, as pessoas podem fazer opções políticas maduras para exercerem o papel de cidadãos de forma participativa e crítica, sentindo-se sujeitos da história e valorizando suas identidades e suas culturas.

Hoje, mais do que nunca, é preciso reconhecer que a construção do conhecimento abrange processos de modo que envolve todos aqueles mecanismos que determinam o movimento da história, a estruturação da sociedade e das culturas bem como a formação do ser humano de forma integral. O ser humano é um ser em permanente relação, o seu ato de interagir e sair de si em direção ao outro o coloca em permanente desafio já que terá que resolver os problemas que resultam da práxis cotidiana bem como a complexidade de perceber que é um ser dotado de um nível físico, psicológico e espiritual. Resultando da sua constituição muitas perguntas e um grande empenho para chegar ao conhecimento de si e ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Quando se pretende compreender uma cultura tem-se maior possibilidade de atingir sua verdadeira identidade, compreendendo os indivíduos que fazem parte da mesma, pois estes se movem tendo-a como referência e uma vez que for desvelado o ser dos indivíduos em seu afeto, vontade, inteligência e em seu modo de comportar, tais conteúdos tornam-se subsídios para conhecer a cultura da qual eles fazem parte.

O conhecimento do outro e da sua cultura deve servir como ponte para estabelecer uma relação dialógica entre as pessoas e as diferentes culturas não como meio de invasão, dominação e exploração. O conhecimento deve mostrar horizontes para um movimento de abertura à acolhida, respeito e solidariedade para com o outro e as diferentes culturas principalmente entre as que são marginalizadas e sufocadas pelos impérios econômicos que buscam apenas o lucro e a exploração em detrimento dos valores de respeito à vida e ao meio ambiente.

Hoje, ainda existem culturas que não encontram ambiente para viver em harmonia e na tranquilidade e para se constituir, adotando os princípios e modo de ser de acordo com sua consciência e estabelecer vínculos positivos com outros povos e outras culturas e a partir

disso, garantir a efetivação de seus ideais de cidadania e de sociedade com o direito de fazer opções de forma consciente e livre da intervenção das culturas opressoras.

Como educador e cristão sonho com a superação da dicotomia entre pobres e ricos, dominadores dominados, exploradores e explorado. Nessa ótica é necessário destacar que no presente as relações se dão ainda de forma vertical mas é preciso perceber que existe outra possibilidade através de relações horizontais cuja concretização aumenta a possibilidade de atitudes justas, fraternas e solidárias.

Razão pela qual esta pesquisa busca dados para aprofundar e compreender melhor as peculiaridades da cultura popular e não pode deixar, na construção teórica, de abordar as relações de poder representadas por culturas dominantes e culturas dominadas já que as decisões políticas interferem tanto na construção do conhecimento como na produção cultural.

2.2 Culturas dominantes e dominadas

Fazer uma reflexão tendo como foco o diálogo entre as culturas e não aprofundar a questão da relação de poder em que umas se sobrepõe a outras, invadindo-as e submetendo-as, é não reconhecer um sistema dualista de relação já que é evidente que existem culturas que dominam e outras que são subjugadas. Olhar as culturas sem considerar as ideologias que se impõem a partir de uma visão de mundo fundamentada na teoria capitalista é ignorar a própria história.

Hoje, mais do que nunca, o capitalismo está muito presente na vida das pessoas e na sociedade de modo que as culturas também são diretamente afetadas pelo sistema econômico que tenta se impor e quase sempre consegue estabelecer os critérios a partir dos quais a história se movimenta. A ideologia capitalista baseada no lucro e na exploração do capital se apresenta como determinante na caracterização do modo de ser e de viver das pessoas e das culturas.

Muitas pessoas passam a adotar os princípios do capitalismo e norteiam suas vidas a partir do ter mais para ser mais, da competição para receber oportunidade de interagir e serem valorizadas. Esse sistema leva a um processo de seleção e ao individualismo onde o que importa é o sucesso e o êxito do indivíduo pouco importando os meios que se usa para atingir as metas objetivadas e se o outro vai ser ou não violado em seus direitos. Os indivíduos querem ser úteis porque a concepção capitalista do homem o concebe como objeto, coisa, que vale tanto quanto produz, pelo que tem e enquanto for útil ao sistema.

É possível constatar claramente que o capital e o poder econômico de cada indivíduo determinam os movimentos e que a sociedade se organiza em torno destes valores, adotando um modo de ser capitalista. Nessa realidade o indivíduo não pode ser diferente, pois geralmente adota este modo de ser e se comporta de acordo com as regras do sistema vigente.

No entanto convém ressaltar que mesmo diante de fortes interferências do capitalismo e do poder econômico sobre os rumos da história dos indivíduos e sociedade existem pessoas, fatos e organismos que são foco de resistência e conseguem revelar que é possível fazer história com autonomia e liberdade como mostra o caso de Maria Gorete que será relatado na página cento e trinta.

Outra constatação é que as culturas dominadas passaram a adotar o modo de ser das dominantes e também se movem de forma alienada deixando de ter sua própria identidade e de agirem baseadas na consciência e liberdade. Conforme a Pedagogia do Oprimido: “A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ação cultural para a liberdade, por isso mesmo, ação com eles” (FREIRE, 2005, p. 60).

O sistema capitalista conseguiu entronizar nas diferentes culturas, seu modo de ser e, hoje, com os olhos da globalização, pode-se afirmar que esta corrente se impõe com mais força e tenta sufocar as iniciativas de outras correntes ideológicas. Por outras correntes ideológicas se entende aquelas que, através da conscientização e da luta, procuram criar um clima de resistência às culturas que oprimem, dominam, exploram e estabelecem as regras do jogo e o modo de viver das pessoas.

Nunca foi tarefa fácil implantar ideologias que consigam penetrar na estrutura capitalista e questionar a mesma, nela interferindo a ponto de provocar mudanças significativas e capazes de desestabilizar uma cadeia de mecanismos inerentes a um sistema bem montado e muito complexo.

Analisando a história, as diferentes teorias que despertam para concepções ideológicas diversificadas e a possibilidade do ser humano de buscar a auto-realização a partir do ser e não do ter, percebe-se que o capitalismo nunca satisfaz e não satisfaz plenamente aos anseios de todas as pessoas, classes sociais e culturas, porém, é uma realidade e precisa ser melhorada e aperfeiçoada. A esperança é que o capitalismo seja mais flexível ampliando o leque de possibilidades e surjam novas alternativas a partir de concepções que demonstrem interesse por outras visões de pessoa e de mundo fundamentadas no respeito, solidariedade e na defesa do bem comum e bem estar de todos.

Em todo o caso, hoje, o homem começa a reconhecer que se faz necessário resgatar o jeito coletivo de perceber a realidade e de estabelecer o vínculo com as diferentes culturas,

mesmo sabendo da complexidade do contexto sócio-cultural consolidado pelo capitalismo em que os sujeitos estão em contínua interação.

Será árduo o processo para penetrar na complexidade do capitalismo e o seu modo de ser, porém, já existem sinais de que é possível sim, forçando um processo de mudança através da consciência crítica e de compreensão de que a liberdade é fruto de uma busca permanente para superar a alienação. No entanto, isso não basta e se faz necessário vigiar e encontrar meios para as culturas ampliarem as suas relações e não inserirem novas formas de dominação dentro das próprias culturas e na relação com as demais. O diálogo entre culturas contém certa dose de idealismo, porém, não deixa de ter também certa dose de realismo, portanto, essa possibilidade de diálogo permanece real.

Há certa ressalva quanto a essa possibilidade porque os povos e culturas terão que fazer um movimento de aproximação e abandono de certos privilégios de parte a parte, sendo que o esforço maior deve partir dos mais privilegiados porque terão que abandonar sua condição confortável de superiores e passarem a estabelecer um diálogo horizontal onde, ambos, possam falar do mesmo lugar em condições de maior igualdade.

Ao chegar a uma aproximação tal a ponto de tornar possível a relação no sentido supracitado, poder-se-á ter esperança na possibilidade do diálogo entre as culturas e iniciar um processo de inclusão.

Não resta dúvida de que uma sociedade organizada com o foco na dominação e exploração não reconhece o direito do outro de ser ele mesmo e viola a identidade do outro. O ser humano é um ser sociável e assim que toma consciência de que a coletividade é seu baluarte, assume seu papel social e cria condições para estabelecer um novo tipo de relações, colocando-se no lugar do outro e reconhecendo esse outro como dispensador do direito à identidade livre da opressão, exploração e alienação.

Ao argumentar declarando que o ser humano busca consolidar sua tendência a adotar postura coletiva, não se está negando o reconhecimento do direito à individualidade inerente a todos os indivíduos.

Convém destacar que o diálogo se dá na abertura à comunicação e quando as pessoas estiverem convencidas de que este é um fator gerador de vínculos e não de divisão, criar-se-á um clima favorável para desvelar os mecanismos de atração e superar as divergências que impedem o verdadeiro diálogo.

Uma das grandes divergências entre as pessoas é a questão econômica, esta leva os povos a adotarem políticas de exclusão e marginalização e é um dos primeiros problemas a serem resolvidos. Por óbvio, não se pode ser ingênuo e pensar que todas as culturas terão as

mesmas possibilidades, pois seria sonhar com a perfeição das sociedades, no entanto, se tem consciência de que é possível, sim, mudar os rumos da história e aprofundar o processo de humanização entre os povos e culturas.

Um processo de libertação se faz necessário já que não se pode ignorar que as minorias dominantes detêm o capital, o poder e a informação enquanto que a maioria não encontra condições básicas para sua sobrevivência. O povo oprimido organizado e consciente do seu lugar como sujeito histórico torna-se foco de resistência à dominação e alienação de modo que todos tenham o direito de existir e se caracterizar como uma cultura reconhecida e valorizada. É um direito do indivíduo pertencer a uma cultura que seja respeitada em sua diferença e valorizada como diferente, fazendo parte de um todo que é o processo histórico.

A libertação também é um processo que vai se implantando aos poucos e uma vez que avança vai assumindo o discurso do todo. Esse processo não pode compactuar com uma concepção do homem como objeto ou coisa, pois ele deve ocupar o lugar central como sujeito de transformação e de superação de um contexto de divisão por classes. É possível estabelecer uma nova forma de relação primando pela horizontalidade e pela igualdade de direitos e de possibilidades.

Em relação às possibilidades é preciso fazer uma ressalva, pois nem todos têm os mesmos recursos para desenvolvê-las e seria ingenuidade acreditar que todos as teriam nas mesmas condições. Na verdade todos têm o direito de despertá-las independente da classe social, raça, cor ou etnia a que pertençam até mesmo porque a libertação deve conduzir a uma superação das relações em que se dá a divisão em classes.

O processo de libertação supõe uma visão crítica da realidade e uma concepção de homem, sociedade e mundo a partir da acolhida e da hospitalidade em que o ser humano não tenha mais que competir, mas que possa cooperar tendo espaço para ser solidário e fraterno usando sua capacidade para o desenvolvimento de uma sociedade de pessoas livres e responsáveis com direito de assumir seu papel social num ambiente que não é estático, que se apresenta de forma racional e harmônica com todas as pessoas, culturas, seres vivos e o meio ambiente.

A libertação supõe uma superação das diferenças, com muito respeito ao diferente de modo que este se constitua fator de crescimento e não de ameaça.

2.3 A inclusão das culturas e grupos historicamente marginalizados

A Pedagogia do Oprimido propõe:

(...) a síntese cultural é a modalidade de ação com que, culturalmente, se fará frente à força da própria cultura, enquanto mantenedora das estruturas em que se forma.

Desta maneira, este modo de ação cultural, como ação histórica, se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante. (FREIRE, 2005, p. 209).

Insistir em um movimento no sentido de contemplar o diálogo entre as culturas remete, mais uma vez, a voltar o olhar sobre alguns grupos ou culturas que, ao longo do processo histórico, foram vítimas da intolerância e sofreram as conseqüências da ganância do ser humano e das culturas ditas superiores em suas investidas rumo a novas conquistas.

Retomando a cronologia histórica podemos constatar o quanto foi difícil para o ser humano superar sua tendência a dominar e a submeter o outro aos seus interesses e sua busca insaciável pelo poder. Sendo assim é fácil encontrar elementos históricos em que ocorre a submissão e a exclusão de pessoas, povos e culturas.

É oportuno trazer alguns exemplos de culturas ou grupos que, ao longo da história, sofreram a invasão de outras culturas e foram reprimidos(as) em seu direito de ser e de viver. Esses exemplos permitem admitir que já é hora de fazer um resgate desses povos e culturas e criar possibilidades e ambiente para que possam existir e sentirem-se valorizados e reconhecidos no direito de ter seu próprio modo de ser e de viver.

O primeiro exemplo é o das culturas indígenas que sofreram as mais duras penas das investidas das culturas dominantes em busca da conquista de novos territórios e novos locais para explorar as riquezas existentes. Com as conquistas e colonização do Brasil, implantou-se um processo de invasão e destruição da cultura indígena. Estes viram seu espaço ser invadido e não bastasse isso foram devastados tanto no seu direito de ser como de viver. Foram escravizados e submetidos a trabalhos forçados e os que não se submetessem eram cruelmente mortos.

A dívida das ideologias dominantes em relação às culturas indígenas é imensa e todo o esforço para resgatar estas culturas, ainda será pouco. Grandes atrocidades os índios sofreram ao longo da história por terem uma cultura diferente da dominante e por pensarem de modo diferente ao das demais culturas.

Já houve certo avanço em relação à aceitação da cultura indígena e do seu modo de ser e viver, mas permanece oportuno ressaltar que temos muito que aprender com os índios. Podemos aprender tanto com a forma como se relacionam com o meio ambiente, quanto com a perpetuação dos valores que lhes são característicos. As culturas indígenas nos deram exemplo de resistência à alienação e dominação e souberam defender com bravura seu direito de existir como cultura livre.

Outra cultura sobre a qual esta pesquisa desenvolve algumas idéias é a dos grupos de origem afro. A cultura afro-brasileira carrega em si os sinais da prepotência das culturas dominantes e do desrespeito ao direito de existir como pessoa e cultura livre e autônoma. Os grupos afros tiveram uma sorte tão dramática quanto a das culturas indígenas porque foram arrancados de sua cultura e lançados na cultura dominante servindo como força de trabalho escrava ou para morrer. A dívida das culturas dominantes com a cultura afro também acumula um forte legado e os movimentos de resgate são necessários porque ainda hoje, os indivíduos afros são marginalizados e excluídos do sistema e submetidos a um processo de seleção em condições desiguais de oportunidades. Quando conseguem um espaço para participar do processo histórico servem ainda hoje como objeto de exploração sendo o seu trabalho menos valorizado do que o trabalho de descendentes de raças que não sejam de origem africana. É inadmissível em uma época que se fala em diálogo entre as culturas e no processo de libertação, não incluir essas culturas marginalizadas ao longo da história da humanidade.

Como terceiro exemplo descrevem-se alguns aspectos referentes às mulheres que também são freqüentemente desrespeitadas em seus direitos, são violadas e não valorizadas o quanto merecem. Quando se trata de trabalho ainda são discriminadas com remuneração inferior a dos homens e com cargos de menor importância

O trânsito entre a atividade de trabalho para remuneração e as atividades domésticas cotidianas é uma constatação entre a maioria das mulheres. Além de ser um imperativo de sobrevivência, o trabalho pago pode e tende a se constituir em aspiração de realização pessoal. Com efeito esse trânsito ocorre predominantemente entre as mulheres, da casa para o trabalho. Ao mesmo tempo, o domicílio e a família permanecem como espaços primordiais de reprodução material e de produção simbólica da vida cotidiana. Como então conciliar o desejado ou necessário trabalho da mulher com o fato concreto das atividades domésticas e a maternidade, e quais as dimensões que legitimam ou tencionam essa conciliação? As respostas às questões envolvendo a relação entre afeto materno, qualidade de vida familiar e trabalho pago, assim como aquelas relativas às aspirações individuais das mulheres, fornecem pistas interessantes a respeito das percepções de ambos os sexos sobre a maternidade e o lugar das mulheres. A análise dos dados contidos nas Tabela 1 e 2 sugere que há uma elevada aceitação do trabalho como parte constitutiva da vida da mulher; maior entre as mulheres, mas igualmente elevada entre os homens. Como se observa, essa aceitação é acompanhada da permanência da valorização da domesticidade feminina, particularmente de seu aspecto maternal e, como se pode notar, isto ocorre, sobretudo, entre os homens. As respostas apontam para a valorização do trabalho, mas sugerem um outro aspecto, o da *permanência ou da conciliação do espaço tradicional* - a casa e a maternidade. Homens e mulheres concordam quanto à importância ou à necessidade do trabalho pago para as mulheres, mas não com a mesma intensidade. A percepção dos homens sobre o que querem as mulheres está mais associada à domesticidade do que a das próprias mulheres. (ARAUJO, SCALON, 2006, p.48-49)

No texto supracitado percebe-se a presença de certo paradigma ligado ao espaço ocupado pelas mulheres. Assim como existem movimentos de valorização da mulher que

procuram encontrar espaços onde sejam reconhecidos seus direitos e suas potencialidades também existem movimentos que procuram ou dificultar ou retardar a presença feminina no mercado de trabalho e na conquista de autonomia.

Sem sombra de dúvida é paradigmática a condição da mulher na medida que ela tem a incumbência de dar conta de um grande número de tarefas em casa e assumir as funções profissionais no mercado de trabalho. A partir da reflexão acima convém ressaltar que diante dessa realidade faz-se necessário um redirecionamento das funções e responsabilidades no interior das famílias.

Como se pode verificar a autora baseia suas análises nas duas tabelas a seguir reproduzidas:

Tabela 1
Opinião sobre Trabalho, Maternidade e Vida Familiar

SEXO	RESPOSTA	A	B	C	D	E	F	G
MASCULINO	Concorda totalmente	55,7	71,2	53,7	58,2	57,2	77,7	47,1
	Concorda em parte	18,5	13,5	12,8	13,2	14,5	10,8	14,2
	Não concorda nem discorda	4,3	3,4	8,1	6,3	5,4	1,7	3,6
	Discorda em parte	6,2	4,0	8,4	8,0	7,2	2,9	10,9
	Discorda totalmente	15,4	7,9	17,0	14,2	15,7	6,9	24,2
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	N	957	949	900	934	949	956	955
FEMININO	Concorda totalmente	59,6	82,0	46,9	52,0	58,7	79,8	49,1
	Concorda em parte	20,1	10,4	13,9	15,0	15,7	10,1	15,2
	Não Concorda nem discorda	2,6	1,8	6,4	6,1	4,0	1,3	3,2
	Discorda em parte	6,7	2,8	10,0	8,5	7,7	2,2	9,3
	Discorda totalmente	11,0	3,0	22,8	18,4	14,0	6,6	23,1
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
	N	995	995	993	996	987	995	997
Total Geral		1.952	1.944	1.893	1.930	1.936	1.951	1.952

Questões:

A – Mulher casada que trabalha fora melhora o nível de vida da família?

B – Trabalhar fora é o melhor jeito de a mulher se tornar independente?

C – Ser dona de casa é tão gratificante quanto trabalhar fora?

D – Trabalhar é bom, mas o que a maioria das mulheres quer mesmo é ter lar e filhos?

E – No final, a vida familiar fica prejudicada se a mulher trabalha em tempo integral?

F – As crianças sofrem mais se a mãe trabalha fora?

G – Uma mãe que trabalha fora pode estabelecer uma relação tão carinhosa com seus filhos quanto uma mãe que não trabalha?

Fonte: (ARAÚJO, SCALON, 2006, p. 59)

Tabela 2
Opinião se a Mulher Deve Trabalhar fora de Casa

SEXO	RESPOSTA	A	B	C	D
MASCULINO	Período integral	47,5	15,5	29,2	51,7
	Meio expediente	31,4	37,0	42,1	23,8
	Não trabalhar fora	21,1	47,5	28,8	24,6
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
	N	928	937	939	908
FEMININO	Período integral	57,3	17,9	34,7	63,1
	Meio expediente	33,0	48,5	46,7	22,4
	Não trabalhar fora	9,7	33,5	18,6	14,5
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0
	N	965	975	969	941
Total Geral		1.893	1.912	1.908	1.849

Questões – A mulher deve trabalhar fora:

A – depois de casar e antes de ter filhos?

B – quando tem filho pequeno?

C – quando o filho caçula entra na escola?

D – quando os filhos saem de casa?

Fonte: (ARAÚJO, SCALON, 2006, p. 60)

Merece destaque o fato de que a mulher não foi passiva e, tomando consciência da sua situação, iniciou um processo de libertação e passou a ocupar espaços na sociedade exercendo seu papel de cidadã e exigindo o mesmo tratamento e as mesmas condições oferecidas ao homem. É com grande esperança que hoje vemos a mulher mais livre e disposta a ocupar seu espaço na sociedade. No cotidiano percebemos, cada vez mais, a mulher participando das decisões políticas e sendo sujeito de mudança no processo histórico. A mulher vem, há muito tempo, percebendo que a sua presença na sociedade é indispensável e assume, de forma criativa e dinâmica, as funções que durante muito tempo foram exercidas somente pelos homens.

A presença ativa da mulher dá uma nova dinâmica à sociedade e acontecem movimentos no sentido de proceder às adaptações necessárias a fim de que o modo feminino de ser seja contemplado em todos os setores da sociedade. A presença da mulher acrescentou à sociedade mais possibilidades e trouxe um novo alento aos mecanismos de decisão, qualificando as relações.

A mulher sai do casulo e mostra seu potencial e a sociedade ganha uma força de transformação valiosa. Ela começa viver novas experiências, convence a sociedade da sua importância questionando os motivos de sua rejeição e prova que é tão ou até mais capaz do que o homem no desenvolvimento social e econômico bem como no exercício da solidariedade e no respeito às diferenças de gênero.

No quarto exemplo direciona-se a reflexão para um outro grupo que são dispensadores de grande sabedoria adquirida com a vivência e que na sociedade atual são marginalizados, esquecidos ou depositados em asilos sem a atenção e valorização da qual são merecedores. A sociedade individualista e capitalista ignora uma parte da sua história uma vez que não demonstra respeito aos idosos.

(um ser humano) discriminado, inativo, vivendo em condições precárias e em situação de perda de status, do prestígio e das relações funcionais decorrentes do trabalho [...] Conseqüentemente temos um idoso em crise: crise de identidade, que o leva na maioria das vezes, à retração, à volta à si mesmo, à síndrome de pós-aposentadoria caracterizada pelo isolamento, pela solidão, pelo desinteresse pela vida, alcoolismo, divórcio, decrepitude, morte social e morte Física. (SÁ apud DEBERT, 2004, p. 202).

É urgente repensar a postura da sociedade atual em relação a estas pessoas que deram grande parte de suas vidas e seu trabalho no desenvolvimento da sociedade e na humanização. Essas pessoas são parte da sociedade, com grande sabedoria e maturidade, em condições para contribuir na identificação das experiências que deram certo e que podem ser consideradas como significativas e as que devem ser ressignificadas ou evitadas. Os idosos representam o legado de um momento histórico, ou seja, são a própria história transformada em vida, ação, movimento e práxis.

O velho é depositário de uma experiência e de um saber único e exclusivo dado pelos anos vividos. A memória é um bem valioso que, assim como a história, deve ser transmitida às gerações mais jovens. Por princípio, portanto, sendo portador dessa memória, cada idoso deve ter a respeitabilidade recuperada e garantida diante dos mais jovens e dos que estão na mesma faixa etária. (DEBERT, 2004, p. 100-101).

Não valorizar os idosos é não reconhecer parte da história, é *ignorar a* memória, estabelecer uma ruptura na construção do conhecimento e na cultura de um povo. Uma sociedade que busca apenas a coisificação tende a descartar aquilo que ela entende que não tem mais a eficiência da rapidez nos movimentos de adaptação por ela exigida. Descarta a sabedoria e prioriza a utilidade. Esse tem sido um dos grandes erros que quanto mais rápido for reparado maior será o ganho da sociedade, assim, esta poderá contar com a sabedoria de quem já acumulou muito conhecimento e tem um grande desejo de socializá-lo a fim de legá-lo para as gerações futuras. A situação de abandono dos idosos é o reflexo de uma sociedade pouco solidária e que não dá o devido valor ao passado, porque está excessivamente apegada ao presente.

Diante destas posturas parece prudente olhar o futuro com certa preocupação já que os princípios morais e éticos de valorização da vida, de humanização e respeito às pessoas e ao meio ambiente não têm tanta relevância. Apesar da preocupação, é necessário manter viva a

chama da esperança e depositar nossa confiança nos movimentos, organismos e setores da sociedade que estão criticando o contexto sócio-econômico-político atual e estão criando espaços de mudança e transformação da sociedade de modo que ela seja mais livre, solidária e fraterna.

Até aqui se procurou mostrar que a construção do conhecimento, processo histórico e cultura estão em permanente diálogo e que nas relações do cotidiano ocorrem as trocas e conforme os contextos são mais ou menos afetadas pelas decisões políticas e relações de poder. Para dar prosseguimento à reflexão, é preciso analisar a distinção que a teoria da Educação Popular estabelece entre cultura de massa e cultura popular.

2.4 Cultura de massa e cultura popular

Geralmente não tem sido fácil diferenciar conceitos. Tomando como referência cultura de massa e cultura popular, estamos novamente, diante de uma situação de complexidade uma vez que as construções teóricas não tem tido a transparência necessária para se chegar a um resultado satisfatório.

A Cultura de massa tem aparecido com um pouco mais de clareza e as referências a respeito apontam para uma cultura difundida pelos meios de comunicação de massa tais como televisão, rádio, jornais, revistas, cinema, etc. “Cultura do povo funcionalmente modernizada como cultura de massa: a lógica e os significados dominantes na expressão simbólica do dominado” (BRANDÃO, 2002, p. 91).

Por não ser direcionada a apenas um grupo, mas está voltada para o povo, sem restringir os limites de seu alcance. É uma cultura que se difunde com grande rapidez uma vez que os veículos de transmissão têm se revelado muito eficiente em expandi-la. Em curto espaço de tempo ela assume proporções até mesmo planetárias e vai, perpassando todas as camadas sociais, até mesmo aqueles setores da sociedade que habitam as regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Além de difundir prioritariamente o pensamento dominante a cultura de massa ainda alimenta a indústria cultural.

A indústria audiovisual é a maior exportadora dos Estados Unidos. Fatura 60 bilhões de dólares por ano. Desde a década de 1990, seis empresas transnacionais tomaram conta de 96% do mercado mundial de música. Compraram pequenas gravadoras e editoras em países latino-americanos, africanos e asiáticos. No que se refere ao cinema, mais de 90% das telas norte-americanas só exibem filmes feitos no próprio país - e 85% das fitas exibidas no planeta brotam de Hollywood. Informações da Organização Mundial do Comércio (OMC) dão conta de que o faturamento das indústrias criativas no mercado internacional duplicou nos primeiros três anos do século XXI. Segundo os cálculos dos especialistas da

Organização das Nações Unidas (ONU), a economia criativa, que envolve setores como teatro, artesanato, televisão, cinema, entre muitos outros, é responsável por 7% da riqueza produzida no mundo. Essa, no entanto, é uma média. Esconde disparidades. (SIMONETTI, 2006)

Seria ingenuidade não perceber que a cultura de massa é produzida num contexto complexo e assim como serve para difundir as ideologias dominantes e exploração também contemplam, em menor escala, outros aspectos como manifestação, conscientização e resistência das classes populares.

É por meio das mediações que detectamos os conflitos de interesses existentes nas sociedades de classes, marcadas por uma aparente massificação e padronização de comportamentos e atitudes. Ao detectarmos referências claras da presença das classes populares, ou da cultura popular, nos meios massivos comprovamos sua resistência como expressão não apenas cultural, mas aí localizado o político. A resistência mostra a existência das diferenças culturais dentro daquilo que muitos autores chamam de massa, termo que denota a uniformidade. (TORRES, 2006, p. 3).

A cultura de massa pode ser acessada, em sua essência, pelo público em geral, significa que quase todos os indivíduos têm acesso a algum meio de produção da mesma. Ela perpassa as mentes e vai se apresentando como possibilidade ou se impondo no imaginário das pessoas, criando um modo próprio de ser e de existir. Quanto ao acesso é uma cultura que se apresenta em quase todos os setores da sociedade, porém, pode-se questionar sua orientação. De onde vem a orientação da cultura de massa produzida? Quem tem o controle dos meios de produção da cultura de massa? Nessas duas questões pode-se identificar uma relação de poder bastante clara. Geralmente a orientação do tipo de cultura de massa a ser produzida vem das classes dominantes, dos que monopolizam o poder e o capital e a grande maioria das pessoas se constitui em meros consumidores porque vão produzir e se apropriar de uma cultura que segue uma orientação bem específica, a serviço da classe que domina e que busca, com clareza, as metas que a beneficiam. Pode-se dizer que é uma cultura que não tem em vista o bem-estar da coletividade, mas apenas procura apresentar uma proposta de quem domina e que precisa de um grande número de consumidores para manter-se no poder.

Outra observação plausível é o fato de que não atende à proposta do diálogo entre as culturas porque os meios pelos quais é produzida pouco abrem espaço para o questionamento e a troca de informações uma vez que as pessoas têm pouca possibilidade de interagir porque ou são leitores, ouvintes, telespectadores, etc., mas pouco conseguem intervir no processo de produção.

Também é possível verificar que a maioria dos consumidores da cultura de massa, são afetados por ela sem terem consciência do seu alcance, do poder de persuasão e da capacidade

de estabelecer comportamentos e modos de vida adequados aos seus princípios e valores, ou seja, ela aliena as pessoas.

A Internet abriu mais possibilidades de interação e pode ser entendida como um certo avanço mas está longe de abrir espaço para os consumidores darem a orientação e ter o controle dos meios de produção da cultura de massa mesmo porque apesar de aumentar o número de usuários se restringe a um grupo seleto da sociedade com condições econômicas e intelectuais para apropriar-se do seu conteúdo.

Está claro que a orientação é dada pelas ideologias dominantes e que os meios de produção da cultura de massa estão a serviço das ideologias e das elites que controlam o capital, o poder e por sua vez a propagação desse tipo de cultura.

A cultura é autêntica quando a sua dimensão social se desdobra plenamente, isto é, quando suas significações e seus valores podem ser comunicados em sua plenitude a todas as consciências (do grupo, da nação, da época). (ACÃO POPULAR, 1963, p.2 Apud BRANDÃO, 2002, p.41).

Outro tema inquietante e até mais complexo do que a cultura de massa é a cultura popular. Com frequência surgem as perguntas: O que é cultura popular? O que não é cultura popular? Quem orienta a sua produção, ou seja, quais são seus sujeitos?

A respeito da definição de cultura popular, percebe-se que alguns dos autores pesquisados não encontram argumentos suficientes para chegar a uma definição mesmo porque talvez nem seja o mais importante fazê-lo, no entanto, Carlos Rodrigues Brandão apresenta uma definição nos seguintes termos:

(...) cultura popular é precisamente entrar em tensão ideológica contra uma dimensão de cultura de uma classe (polarização ideológica na afirmação de uma cultura contra a outra). Uma dita popular, isto é, uma cultura que permite a abertura das consciências num grau de universalidade crescente... (A cultura) é popular quando é comunicável ao povo, isto é, quando significações, valores, idéias, obras são destinadas ao povo e respondem às exigências de realização humana em determinada época; em suma, à sua consciência histórica real. É popular a cultura que leva o homem a assumir a sua posição de sujeito da própria criação cultural e de operário consciente do processo histórico em que se acha inserido. (Ação Popular, 1963 Apud BRANDÃO, 2002, p. 55)

Precisamos reconhecer que é problemático o conceito de “cultura”, adjetivada de “popular”. Brandão, em Educação como cultura, mostra a imprecisão de “cultura popular” em confronto com “cultura de massas”, “cultura de dominação”. Adotou-se o conceito acima cômicos de tal imprecisão e que se faz necessário continuar refletindo e buscar maior clareza em relação a tal conceito. Quero deixar claro que não se tem a pretensão de resolver tal dilema se deseja sim, aprofundar a reflexão.

A cultura popular, segundo o meu ponto de vista, deve ser analisada a partir de alguns critérios pelos quais seja possível dar algumas referências a respeito de sua produção. Os critérios adotados nessa pesquisa estão organizados em seis tópicos:

1. Parece importante especificar o contexto de sua produção. Se ela recebe o nome de popular, então, deve ser produzida pelo povo trabalhador, setor da sociedade que representa a maioria da população. Também são aquelas pessoas ou grupos excluídos, marginalizados pelo sistema e as ideologias vigentes.
2. É uma cultura que favorece a conscientização e que se desdobra n autonomia e libertação do sujeito. Por quê? Pelo fato de ser popular e ser produzida pelas e nas classes trabalhadoras assim sendo representa um espaço rico de formação da consciência crítica e de conquista da autonomia pela sua dinamicidade e diversidade. Para ser popular a cultura deve ser autêntica.
3. A cultura popular está mais propensa para ações coletivas porque o lugar do sujeito que fala se situa, de modo geral, no meio de produção coletiva. Alguns autores associam a cultura popular ao modo de produção braçal enquanto que o intelectual está mais associado às elites dominantes. Entende-se que a cultura popular é um somatório das ações braçais e dos movimentos intelectuais que são orientados para fins diferentes dos das elites dominantes.
4. A cultura popular tem uma peculiaridade que a diferencia da dominante quando se trata de potencializar as forças no sentido de valorizar as diferenças pois ela tem mais abertura para aceitar e valorizar as diferenças individuais e culturais. No seu interior, desenvolve-se um processo dinâmico de iniciativas autônomas através da informalidade e esta foge do controle dos grupos dominantes e apresenta possibilidades de autonomia e de mudança social.
5. A cultura popular é foco de organização e resistência à exploração e dominação. Pode servir, muitas vezes, como massa de manobra mas também é um espaço de ação-reflexão-ação, ou seja, um espaço alternativo de concretização da igualdade, liberdade, fraternidade e solidariedade. É um espaço de indignação e de luta contra um sistema e uma cultura que aliena e domina impondo seu modo de ser e suas necessidades.
6. Para concluir, a cultura popular significa um modo próprio de ser e existir organizado diferentemente do das culturas dominantes e que visa dar identidade e garantir os direitos aos sujeitos para os quais é vetada a possibilidade de participar na posse do capital e lhe é negado o direito de tomar decisões relativas às ideologias vigentes.

Esses tópicos foram sintetizados porque servirão para analisar os depoimentos e as entrevistas no capítulo três. Os tópicos não são definitivos porque há ambigüidade na cultura popular.

Ao abordar a cultura popular, a presente pesquisa não pode se furtar de trazer para a reflexão e análise, as políticas públicas direcionadas ou não ao atendimento de alguns direitos sociais básicos dos cidadãos conforme são explicitados e garantidos pela Constituição Federal.

Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.

2.5 Ação pública

Para esboçar uma reflexão aprofundando a compreensão da ação pública é inevitável repassar as políticas direcionadas a esse setor e o tipo de relação que se cria no entorno desse contexto. Confesso que sinto uma forte indignação por se tratar de um espaço que deveria contemplar o bem-estar coletivo, no entanto, tem sido usado como força de exploração e opressão no Brasil e na maioria dos países da América Latina.

O espaço de ação pública, numa perspectiva positiva, está ao serviço do bem-estar coletivo. As estruturas e as políticas são organizadas no intuito de facilitar a vida das pessoas e garantir-lhes a qualidade de vida. Seguindo positivando o espaço de ação pública pode-se argumentar que o mesmo abre brechas no sentido de valorizar ações voltadas para o exercício da cidadania consciente e madura em torno de projetos focados na humanização.

No meu entendimento, o surgimento do espaço de ação pública é uma resposta convincente e cuja finalidade não deixa de ser um acréscimo qualificado no processo de desenvolvimento social e remete a ações reconhecidamente legítimas quando se busca o fortalecimento das instituições democráticas. Um dos objetivos fundamentais das políticas públicas é criar mecanismos de serviço à coletividade e fortalecer as relações solidárias e o sentimento de pertença a um estado e/ou nação.

Sendo assim podemos dizer que:

Uma política pública constitui um quadro normativo de ação: ela combina elementos de força pública e elementos de competência[expertise]; ela tende a constituir uma ordem local.

Isso Significa que, para que uma política pública “exista” é preciso que as diferentes declarações e/ou decisões sejam reunidas por um quadro geral de ação que funcione como uma estrutura de sentido, ou seja, que mobilize elementos de valor e de conhecimento, assim como instrumentos de ação particulares, com o fim de realizar objetivos construídos pelas trocas entre os atores públicos e privados. (MULLER, SUREAL, 2004, p. 16,18,19).

A partir da citação acima podemos afirmar que as políticas públicas são mais complexas do que se imagina porque envolvem uma série de mecanismos e fatores que interagem formando uma rede de conexões visando ações públicas. No processo entram aspectos relacionados às normas, tais como, respeito às faixas de segurança, uso obrigatório do cinto, respeito aos sinais de trânsito, etc. para estabelecer mecanismos de controle das condutas que desrespeitam a valorização da vida e o bem-estar da coletividade.

As ações públicas devem seguir um sistema de regulação, para tanto é necessário mobilizar os recursos reguladores a fim de que as decisões sejam acertadas e a ação tenha realmente finalidade pública. Se não forem mobilizados os recursos reguladores, corre-se o risco de perder o foco e realizar ações cujos resultados não objetivam as metas de ações voltadas ao benefício e bem-estar da coletividade.

Seguindo a nomeação dos aspectos importantes, essa pesquisa não poderia deixar de relacionar os recursos intelectuais por se tratarem das competências que os atores das políticas são capazes de mobilizar no sentido de realizar as conexões necessárias para estabelecer as políticas de ação pública.

Um dos fatores com destacada importância nas políticas públicas são os recursos financeiros porque estes mobilizam forças em termos de organização e luta em torno dos fins que se tem em vista. Na realidade os recursos financeiros possibilitam a efetivação dos projetos de ação pública.

Cabe fazer um parêntese relacionado à administração desses recursos. Numa ótica idealista, os mesmos deveriam ser direcionados de forma racional à satisfação das necessidades prioritárias do povo. O processo de eleição do Orçamento Participativo desenvolvido pela Prefeitura de Porto Alegre, demonstra ser dos mais indicados na medida que possibilita a participação do maior número de interessados nas políticas decisórias, abrindo assim espaço para contemplar as ações compatíveis com as demandas dos interessados. Estabelecidas as prioridades com a participação coletiva e obtidos os recursos necessários é fundamental montar estratégias para otimizá-los. Dentro desse viés é fundamental a participação da coletividade interessada a fim de estabelecer um rígido processo de planejamento e controle para evitar desperdícios e impedir que o destino dos recursos seja desvirtuado da finalidade para qual foi destinado pela eleição coletiva.

É importante ressaltar que o espaço de políticas públicas subentende uma série de relações entre uma cadeia de sistemas organizativos mobilizando elementos de valor e de conhecimento bem como estruturas políticas e sociais pertinentes ao processo de implantação das ações públicas.

Toda política pública assume, de fato, a forma de um espaço de relações interorganizacionais que ultrapassa a visão estritamente jurídica que se poderia ter a respeito; uma política pública constitui uma ordem local, isto é, um constructo político relativamente autônomo que opera, em seu nível, a regulação dos conflitos entre os interessados, e assegura entre eles a articulação e a harmonização de seus interesses e seus fins individuais, assim como dos interesses e fins coletivos. (MULLER, SUREAL, 2004, p. 22)

Ao estabelecer uma análise das políticas públicas convém buscar princípios nos quais possamos extrair algumas noções fundamentais de modo a estabelecer uma sequência básica. É significativo constatar que quando “fenômenos sociais aparecem; eles se tornam problemas dignos de atenção; sua resolução é atribuída ao Estado” (MULLER, SUREAL, 2004, p. 55).

Quando pensamos em políticas públicas estamos diante de uma realidade que remete à possibilidade de identificar o surgimento de fenômenos sociais cuja visibilidade e importância desperta a atenção da mídia e do público em geral e, cuja magnitude, revela se tratar de um problema digno de atenção. De imediato surge a figura do Estado como detentor de poder e capacidade para intervir na resolução.

Uma vez citado o Estado, deve-se esboçar alguns argumentos estruturados a respeito desse órgão público no contexto atual. É inquestionável que se trata de um organismo criado para facilitar a vida do cidadão e se constituir numa entidade voltada para o bem-estar coletivo, ou seja, estar a serviço do povo. Olhando o nosso contexto é notório que sua função está desvirtuada, se caracteriza mais como um mecanismo de dominação e exploração e deixa de cumprir sua finalidade de estar em função do atendimento das necessidades básicas dos cidadãos e da sociedade no sentido de garantir maior qualidade de vida e uma convivência harmoniosa entre os diversos setores da sociedade.

Trata-se de uma entidade cujas políticas públicas não estão sendo otimizadas e é ineficiente na prestação dos serviços que são de sua competência. Em outras palavras pode-se afirmar que o Estado não está conseguindo ser eficiente e eficaz quando se trata de garantir os direitos dos cidadãos e falha em suas estratégias de viabilidade já que onera suas estruturas acima do potencial de manutenção, precarizando a qualidade de seus serviços.

Nas condições atuais é necessário iniciar um profundo processo de avaliação das políticas públicas sob a égide do Estado. Os cidadãos não suportam mais uma estrutura organizacional afetada pela ineficiência e marcada por uma burocracia voltada à manutenção dos privilégios de alguns burocratas enquanto os cidadãos obrigam-se a destinar uma significativa parcela de seu trabalho para manter uma estrutura que pouco lhes beneficia. Nesse sentido, continuando o foco na ação pública, pode-se qualificar como significativa que:

A gênese da ação pública é, então, dividida em três processos ideais, sob o aspecto analítico distintos, que tratam respectivamente da problematização dos fenômenos sociais, da inscrição formal na agenda e da influência eventual das “janelas políticas”. (MULLER, SUREAL, 2004, p. 56)

Convém associar os processos acima aos atores públicos, caso contrário, a reflexão não estaria suficientemente aprofundada se não demonstrássemos sensibilidade no sentido de destacar a importância destes na gênese da ação pública. É fundamental frisar a participação

dos atores mobilizados na emergência de um problema e na “estruturação deste mesmo problema pelos atores político-administrativos.”(MULLER, SUREAL, 2004, p. 80).

Os atores, indivíduo ou grupos, assumem a incumbência de escolher um fenômeno preciso a partir do qual geram uma problematização inicial fazendo com que esta ganhe visibilidade a ponto de implementar um trabalho de mobilização de recursos que conferem aos atores capacidade de agir, ou seja, lhe concedem poder e repertórios para aumentar o montante de público interessado num problema ou reivindicação precisa. Quanto maior o público mobilizado e a visibilidade do problema, tanto maiores são as possibilidades de inserir o problema na agenda política.

A partir das considerações feitas a respeito das políticas públicas e para ampliar o leque da pesquisa se pode estender a reflexão ao currículo por se tratar de um dos temas que é fundamental tanto no processo de educação como na formação do cidadão e da cultura popular já que o mesmo age como componente político intervindo significativamente nas relações de poder.

2.6 O Poder do Currículo na escola, sociedade e cultura popular

O foco desta reflexão está mais voltado para a compreensão da educação contextualizada, superando os limites da sala de aula e para o conhecimento construído a partir das peculiaridades da cultura popular. Sendo assim pode-se qualificar a escola como um importante espaço de construção do conhecimento e de valorização dos elementos culturais do cotidiano. Na escola tem-se oportunidade de organizar a produção cotidiana do indivíduo, bem como refletir sobre os aspectos relativos ao ser e existir da cultura local. A escola serve de ponte entre a construção do conhecimento científico e sua aplicabilidade no cotidiano da cultura local, ou seja, é um espaço onde se reflete a ação.

No âmbito da escola existe uma organização primando pela clareza de que é um espaço orientado para a produção do conhecimento. Aqui cabe uma pergunta: A orientação da escola muda dependendo do espaço geográfico em que a mesma está situada? Por exemplo: a escola em um grande centro urbano cujos educandos são pessoas pertencentes ou à classe dominante ou dominada, nesse caso, a escola vai se organizar para criar possibilidades de aprendizagem, no entanto, priorizará certos desafios tais como a cultura da classe dominante ou da dominada? Criará outro canal de comunicação contemplando a ambos? E o contexto como será contemplado? Como vai negociar com os mecanismos governamentais de controle dos conteúdos?

Focando outra realidade digamos que a escola esteja numa área periférica de uma cidade e que o contexto do educando seja a cultura popular produzida pelos trabalhadores e moradores das vilas. Nessa realidade, encontram-se elementos característicos próprios de um contexto marcado por algumas peculiaridades como grande número de pessoas trabalhando na informalidade. Geralmente são pessoas simples, com baixo índice de escolaridade, tendem a dar mais valor ao trabalho na relação com o estudo, vivem em precárias condições de habitação, há limitada disposição de recursos para as necessidades básicas, perdem-se as referências, existem outros modos de organização familiar, há cumplicidade em relação ao tráfico, prostituição, drogas, etc.

Os dois exemplos acima mostram que a escola faz parte da cultura uma vez que propõe a produção do conhecimento.

A instituição escola é um espaço a serviço de elementos importantes na produção cultural e o currículo entra como instrumento decisivo nas políticas educacionais por ser ele um importante mecanismo de poder. “É essa estreita relação entre organização curricular e poder que faz com que qualquer mudança curricular implique uma mudança também nos princípios de poder” (SILVA, 2005. p.68).

Uma vez que esta abordagem está se propondo a apresentar o currículo no âmbito da escola, a análise pretende aprofundar a compreensão do efeito do mesmo nas organizações escolares. No âmbito da escola vivenciam-se experiências significativas tanto positivas como negativas, tanto de aprendizagem como de apenas assimilação de conteúdos, tanto de reflexão como de acomodação.

A apresentação dessas realidades antagônicas tem a intenção de mostrar que os resultados no processo de aprendizagem estão relacionados com o modo como se educa, quem organiza o processo de aprendizagem, quais são os sujeitos da aprendizagem; como se dão as relações de poder; como se selecionam os conteúdos da aprendizagem; qual a concepção de homem e sociedade é priorizada, etc. Pode-se começar analisando o modo como são selecionados os conteúdos que entram no currículo. Nesse particular podemos afirmar que a escola possui pouca autonomia porque os conteúdos têm um forte controle do estado, entra a influência das ideologias dominantes na proposição do material didático, a intervenção da direção da escola e responsáveis pelos serviços de modo que os professores, os alunos, os pais, as comunidades educativa e local têm pouco ou praticamente nenhum espaço para opinarem e decidirem em relação aos conteúdos do currículo.

Quem mais tem condições de relacionar os conteúdos que necessitam para a formação pessoal e profissional são os alunos, os professores, os pais e a comunidade educativa na

interação com a comunidade local pois são estes os interessados diretos no processo de aprendizagem e sabem identificar os elementos mais significativos e as peculiaridades culturais e sociais a serem inseridas no currículo.

Outra crítica a ser feita é quanto ao modo como os conteúdos são apresentados. Com algumas exceções, os conteúdos são propostos no modelo de disciplinas de forma fragmentada sem possibilidade de estabelecer conexões e chegar a uma compreensão globalizada. A apresentação fragmentada limita o espaço do processo de produção do conhecimento, dá uma noção incompleta da realidade e dos mecanismos que interagem na constituição do currículo, estimula a individualidade, dificulta as iniciativas de organização e ações coletivas por parte dos educandos.

Os modelos atuais de escola estão organizados a partir do princípio da segmentação e da fragmentação porque além da distribuição dos conteúdos por disciplinas, toda a organização da escola é fragmentada uma vez que o organograma da maioria das escolas é vertical tendo equipe diretiva, setores de orientação, setores de administração e outros estabelecendo uma relação de poder que dificulta a participação, cooperação, solidariedade, respeito ao direito de expressão e manifestação das idéias. O poder é exercido pelos que ocupam os cargos de coordenação e não ocorre a socialização das responsabilidades de forma que as bases possam participar das decisões.

Na LDB (Lei nº 9394 de 20/12/96), o artigo 26 define o currículo do ensino fundamental, revelando com clareza, que a determinação dos conteúdos é feita por um pequeno grupo de entendidos que estipulam uma base nacional comum obrigatória, restando uma parte complementar diversificada que contemple os aspectos locais, a cargo de cada sistema de ensino e estabelecimento escolar. Para o leitor perceber com mais transparência a reflexão segue a transcrição do artigo anunciado:

Os currículos de ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 1º Os currículos que se refere ao caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 3º A educação física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II- maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática de educação física;

IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V – que tenha prole.

§ 4º - O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferenças culturais e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia.

§ 5º - Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quarta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Lendo o artigo 26 da LDB, percebe-se a repetição da palavra obrigatoriedade inúmeras vezes revelando que os conteúdos estão relacionados e cabe o cumprimento independente se atendem ou não à demanda dos interessados diretos que são os educandos. A base comum é estabelecida tendo em vista as necessidades de um sistema ideológico dominante que busca o controle da produção do conhecimento ignorando a necessidade dos educandos, professores, comunidade e cultura local. Trata-se de uma organização curricular vertical em que os conteúdos norteadores são estabelecidos e obrigatórios ficando uma pequena margem para a participação e envolvimento dos pais, professores e alunos.

A reflexão a se fazer é no sentido de mostrar que uma organização escolar a partir de uma relação de poder horizontal é mais democrática e tem mais possibilidade de abertura para relações e decisões conscientes e maduras. A horizontalidade nas relações cria cumplicidade e compromete os indivíduos porque estes se sentem sujeitos ativos do processo de efetivação do dia-a-dia da escola. Quando as pessoas participam das decisões, compreendem que todos têm a responsabilidade de garantir o êxito do processo em que podem interagir.

A oportunidade de participar nas decisões da escola cria possibilidades de formar sujeitos conscientes de que os rumos da sociedade dependem da intervenção de cidadãos autônomos e cientes de seu compromisso social com a humanização e o desenvolvimento de uma sociedade democrática.

A escola e o currículo devem ser locais onde os estudantes tenham a oportunidade de exercer as habilidades democráticas da discussão e da participação, de questionamento dos pressupostos do senso comum da vida social. Por outro lado, os professores e as professoras não podem ser vistos como técnicos ou burocratas, mas como pessoas ativamente envolvidos nas atividades de crítica e do questionamento, a serviço do processo de emancipação e libertação. (SILVA, 2005, p. 54-55)

A escola é um espaço de formação. No exercício de sua função social deve criar situações para os educandos experienciarem o maior número possível de momentos em que necessitam posicionar-se e buscar caminhos para aprenderem a partir do desafio proposto. Os educandos querem ser desafiados pois desejam testar seu potencial; verificar se realmente estão conseguindo ser eficientes no momento de transformar os resultados teóricos em práticas.

A escola contempla muitos elementos de cunho social. Se formos analisar as pessoas que a freqüentam, elas representam uma vasta diversidade cultural. São oriundas de lugares diferentes; têm modos de ser, viver, crenças religiosas, funções, origens, usos, costumes, comportamentos, atitudes e sentimentos diferentes. Além disso, na escola, existe uma certa organização semelhante ao estilo de organização presente no meio cultural do qual os educandos procedem.

Tomando como referência estas observações pode-se salientar que a escola não é e nem pode ser uma redoma distante das interpelações do contexto em que está inserida pois é afetada direta e indiretamente pela cultura local e consegue se apresentar como um mecanismo de produção do conhecimento, da cultura e uma possibilidade de criação de espaços de interação entre os indivíduos e as diferentes culturas.

O currículo tem participação incisiva nas políticas educacionais e um aspecto relevante, a ser contemplado, entre tantos, é a formação dos profissionais da educação. Na elaboração do currículo, a instituição deve debruçar-se com muito zelo em um projeto qualificado de formação dos educadores e demais profissionais.

Hoje é cada vez maior a insistência na formação permanente uma vez que estamos diante de uma sociedade extremamente competitiva e que processa mudanças com uma rapidez inimaginável. O educador que não está aberto para movimentos no sentido de se atualizar e adaptar-se aos tempos atuais corre o risco de ser relegado pelo sistema e entrar em um processo de desqualificação profissional.

O currículo deve ser um baluarte no qual os profissionais da educação possam encontrar subsídios suficientes para garantir a necessidade de formação permanente a fim de que possam navegar em águas seguras. Da segurança do educador em relação aos conteúdos de problematização, depende a concretização de um processo educativo qualificado, que atenda às demandas.

Na determinação dos conteúdos do currículo, as escolas têm ocultado alguns aspectos de importância fundamental. Não se constata, na elaboração do currículo, a preocupação com a presença de temas como as diferenças de gênero, de opções sexuais, de raças e etnias. Além disso, os conteúdos seguem a lógica masculina relegando para segundo plano a presença feminina como poder de decisão, oportunidade de manifestação e expressão.

Ao analisarmos criticamente o material didático podemos identificar textos e gravuras que ressaltam os componentes ideológicos da masculinidade onde os homens geralmente ocupam as funções mais importantes e as mulheres exercem as funções subalternas. O material didático é apenas um exemplo, mas existem muitos outros aspectos relacionados à

questão de gênero que demonstram uma relação de poder desigual sobressaindo o masculino em detrimento da condição feminina. O lugar do homem e da mulher deve ser objeto de muita reflexão na elaboração do currículo pois só assim será possível estabelecer um novo tipo de relação onde ambos tenham os mesmos direitos e deveres na tomada de decisão e na seleção dos conteúdos.

Através de um processo dialógico em que homem e mulher possam falar do mesmo lugar, pode-se estabelecer relações no sentido horizontal sem perder as peculiaridades do ser homem e do ser mulher, chegando a um denominador comum em que ambos possam realizar as trocas e conexões necessárias para desencadear um processo de construção do conhecimento em condições de igualdade mantendo as diferenças de gênero.

Se o currículo conseguir contemplar as características masculina e feminina em seus conteúdos, estará facilitando o diálogo entre ambos e as relações se darão menos no sentido da confirmação do poder e mais em direção ao respeito às diferenças, à cooperação, à solidariedade demonstrando alegria e prazer de ser homem e mulher dispostos a despojarem-se do orgulho e compartilhando suas potencialidades na busca de ideais comuns. Homens e mulheres se completam e a relação se torna rica quando exercida na complementaridade.

A escola é um espaço de superação de preconceitos e também de criação de preconceitos dependendo de suas políticas e orientação. Nas escolas onde o material didático, os profissionais da educação e os conteúdos do currículo reforçam a presença de preconceitos, a tendência é de que os educandos sejam preconceituosos. Nas escolas que tomam o caminho inverso e desestimulam as relações preconceituosas e criam ambiente de tolerância e respeito às diferenças, a chance dos educandos não assumirem atitudes preconceituosas é maior. O currículo cujos conteúdos alimentam as diferenças como fator de competição, fortalecimento da individualidade, ascensão social, e não apresenta como possibilidade, a ação coletiva, a cooperação, o respeito, a partilha, a justiça e a solidariedade estará abrindo espaço para formar uma geração de indivíduos preconceituosos, intolerantes e com tendências ao racismo.

Isso significa dizer que, em nossas atividades cotidianas, os currículos que criamos misturam elementos das propostas formais e organizadas com as possibilidades que temos de implantá-las e o acordo ou desacordo que temos sobre elas. Por sua vez, essas possibilidades se relacionam com aquilo que sabemos e em que acreditamos, ao mesmo tempo que são definidas na dinâmica de cada turma, dos saberes dos alunos, das circunstâncias de cada dia de trabalho. É nesse sentido que entendemos as práticas curriculares cotidianas como multicoloridas, pois suas tonalidades vão depender sempre das possibilidades daqueles que as fazem e das circunstâncias nas quais estão envolvidos. (LOPES & MACEDO, 2002, p. 96-97)

Quando as práticas curriculares cotidianas são pensadas em consonância com a flexibilidade, torna-se viável a readaptação e o redimensionamento, se necessário. As práticas curriculares cujo movimento de efetivação não permite a flexibilidade tendem a esvaziar-se, limitam o potencial das ações e encurtam o alcance do processo de transformação.

A flexibilidade é necessária nas práticas curriculares cotidianas porque não temos condições de prever todos os movimentos e a sequência exata das etapas a percorrer ao longo do processo de implantação. Não podemos deixar de salientar a existência de uma série de elementos previsíveis, no entanto, no decorrer do processo, surgirão movimentos e conteúdos inesperados e nesse momento deve entrar a flexibilidade para fazer os ajustes necessários a fim de enriquecê-lo e qualificá-lo. A flexibilidade é um diferencial funcionando como espaço de criação remetendo ao mecanismo cujo reflexo se projeta no fortalecimento da criatividade e na eficácia das práticas curriculares cotidianas. A flexibilidade se apresenta como desafio, abre espaços para movimentos de ousadia, e favorece o surgimento de novos caminhos na dinâmica das práticas curriculares. Um currículo flexível amplia as oportunidades de participação, facilita o acesso aos mecanismos de decisão, abre espaço para a contextualização, fortalece os vínculos, invoca os envolvidos ao comprometimento e dá consistência as suas metas.

A interação com o inesperado e a abertura para novas possibilidades com margem para fazer novos *links*, cria um clima favorável para a transgressão e abre novos horizontes aumentando as condições para mudanças. Para instaurar processos de mudança é preciso transpor limites, provocar rupturas e superar os registros históricos que são motivo de imobilidade e fazer opções em favor de um currículo flexível, crítico, contextualizado que valorize opções políticas em favor da liberdade, igualdade de oportunidades e solidariedade, ou seja, que contemple todos os elementos necessários para a formação integral das pessoas.

Que a organização curricular pode levar às pessoas para as quais for endereçado a uma condição de maior maturidade a ponto de torná-las mais críticas, autônomas, conscientes de suas possibilidades e de suas limitações, mas determinadas em assumir com muita convicção um papel social voltado à formação de uma sociedade diferente, onde os indivíduos consigam expressar suas opções ideológicas e agir no sentido de torná-las realidade e possuírem resistência às ideologias dominantes. Que, a partir de currículos bem fundamentados e planejados, surjam indivíduos engajados na conquista de um saber crítico que leve à reflexão e ao questionamento das opções políticas que estão a serviço de uma minoria e surjam sempre mais movimentos empenhados em um processo de mudança em que as opções políticas possam mudar de foco deixando de servir à minoria dominante e passem a priorizar a maioria

dominada. Que as práticas curriculares cotidianas levem a relações de poder mais igualitárias, voltadas para o bem-estar de todos.

2.7 Concepção teóricas da Educação Popular sobre conhecimento

Para construir o conhecimento, na concepção teórica de Paulo Freire, é necessário simpatizar e ter convicção na formação da consciência crítica, na problematização, politização, dialogicidade e opção política favorável às classes populares. A construção do conhecimento, conforme Paulo Freire é reflexão-ação-reflexão, ou seja, é compromisso ideológico e político direcionado aos processos de libertação e de construção da autonomia dos sujeitos que conformam à cultura popular. Construção do conhecimento, na visão de Paulo Freire, é comprometimento com processos históricos e culturais de envolvimento social e exercício de cidadania.

Na visão de Paulo Freire educação não é apenas transmissão de conhecimento, é transformação dos sujeitos que não gozam de autonomia e são alienados das sociedades que não dispõem do direito à liberdade e autonomia. Para Paulo Freire, a educação deve facilitar a compreensão dos mecanismos de alienação e dominação e instigar os sujeitos a iniciar processos de transformação da realidade. Para Freire somente sujeitos autônomos e livres conseguem ter consciência crítica e fazer opções maduras e eticamente concatenadas com os princípios da solidariedade e do respeito às diferenças culturais e diferentes culturas.

Na mesma perspectiva é possível relacionar as idéias de Paulo Freire com a concepção de Carlos Rodrigues Brandão que também entende a educação como possibilidades oferecidas aos educandos. Brandão mostra sua empatia com processos que favorecem a construção coletiva do conhecimento e priorizam a construção crítica do saber levando à obtenção de autonomia e liberdade necessárias para o exercício maduro da cidadania.

Carlos Rodrigues Brandão adota princípios políticos favoráveis às classes populares por entender que o conhecimento, entre tantos outros significados, também, significa poder. Não resta dúvida que a opção de Brandão é no sentido de ajudar, na construção do conhecimento, os que são vítimas das relações de poder, no caso, as classes populares. Na sua ótica, a socialização do conhecimento ajuda as classes vitimadas pelo poder econômico, ou ideológico ou político a encontrar caminhos, alternativas, para diante de tal situação, iniciar um processo de libertação e construção da autonomia.

Carlos Brandão acredita em processos participativos de construção do conhecimento enfatizando sua convicção em processos coletivos. Interpretando Brandão, entendo ser ele,

um teórico e prático convencido da importância da prática na construção do conhecimento por entender que o conhecimento facilita a implantação de processos de transformação social e de obtenção da autonomia.

Citei reiteradas vezes a Alberto Melucci, pois vejo com simpatia o seu esforço de defender a necessidade de ampliar o olhar a respeito dos imbricados mecanismos da rede de informações e de situações que perpassam a complexidade dos processos históricos e culturais tanto dos sujeitos como da sociedade. Esse pensador busca ampliar os horizontes dos que percebem os fatos, a realidade, os acontecimentos, as situações, os comportamentos, as estruturas, os funcionamentos, etc. a partir da ótica aristotélica onde a tendência é priorizar ou a emoção, sensibilidade ou a razão. Melucci aponta para a superação dos logocentrismos e mostra que o momento histórico no espaço e tempo atual propõe como necessidade a inclusão dos múltiplos e a superação de movimentos de exclusão.

Para reforçar o argumento acima cabe lembrar que Melucci acredita na importância de valorizar ideologias e processos direcionados a ações que têm em vista o coletivo, o bem-estar de todos, no entanto, salienta a importância e necessidade de não esquecer o indivíduo como sujeito do processo e dispensador do direito de autonomia e liberdade.

Melucci propõe a inclusão das duas realidades, acredita ele, que não é necessário reforçar uma realidade e excluir a outra já que se pode trabalhar com as duas variáveis tornando o processo de construção do saber, mais rico e mais completo na medida em que se processa a inclusão de um número maior de elementos e variáveis.

Sem sombra de dúvida, na medida em que se optar pelo aumento da quantidade de variáveis no processo, este se torna mais complexo, portanto, exige dos sujeitos mais participação e perícia para compreendê-lo e assumi-lo como possível e viável. Caracterizando uma concepção bastante democrática e abrangente de construção do conhecimento que favorece a qualidade e profundidade dos processos.

Na visão de Melucci ao pensar um sujeito histórico e cultural é preciso pensá-lo no espaço e tempo das relações complexas onde o mesmo deve ser visto como um sujeito contextualizado, cujo cotidiano o coloca permanentemente em contato com situações de cunho individuais e dizem respeito a seu eu próprio e outras situações que o coloca em relação com aspectos grupais, sociais, relacionados ao seu eu em relação ao outro.

3 CAPÍTULO TERCEIRO – A visão de alguns educadores e educandos sobre a escola juntamente com a análise documental

3.1 Dados documentais e análise

O Roteiro para a elaboração deste estudo e análise documental está disponível no anexo um. Antes de começar a confrontação e análise dos documentos que fundamentam nossa ação educativa e nossa visão de homem, sociedade e mundo bem como a concepção de educação que queremos difundir, convém ressaltar que a análise será feita tendo como foco situar nos documentos institucionais da rede de escolas lassalistas, os aspectos que contemplam as argumentações de Paulo Freire presentes na fundamentação teórica.

Com mais frequência explorar-se-á, nos documentos, os elementos condizentes com os objetivos desta pesquisa e quando for relevante serão apresentados os aspectos dissonantes para instigar o leitor à reflexão e análise crítica dos conteúdos.

Os documentos que serão objeto de análise são o Projeto Pedagógico, o Plano Global, o Plano de Estudos, a Proposta Educativa e os Parâmetros Curriculares da Escola Fundamental La Salle Esmeralda.

O Projeto Pedagógico (p. 7) e a Proposta Educativa (p. 19) falam de um mundo em contínuas e rápidas mudanças, ou seja, mostram a importância de se ter consciência que a história é um processo em mudança e a educação contextualizada precisa acompanhar os movimentos do processo histórico e as transformações que ocorrem na sociedade tanto no nível social, econômico, político e religioso como nos processos que provocam alterações no nível axiológico atingindo a constituição do ser humano e das culturas.

Tanto no Projeto Pedagógico (p. 7) como na Proposta Educativa (p. 14) e Plano de Estudos do Ensino Fundamental (p. 2) transparece com clareza que se quer uma educação na qual a centralidade seja a pessoa humana e os processos de aprendizagem que a envolvem.

Na sequência lê-se no Projeto Pedagógico que:

A Sociedade Porvir Científico¹⁵ tem por missão institucional promover o desenvolvimento integral da pessoa e a transformação da sociedade, através da educação humana e cristã, solidária e participativa. (p. 8)

Tanto a Proposta Educativa (p. 14) quanto o Plano de Estudos do Ensino Fundamental (p. 1) reiteram a afirmação acima.

É notória a ênfase dada no sentido de manifestar uma concepção de pessoa na sua integralidade. A educação almejada visa sempre criar as condições favoráveis a fim de que os educandos possam dispor de todas as possibilidades para, no processo educativo, atingir uma formação qualificada. A pessoa deve chegar a um grau de maturidade tal que lhe dê condições de enfrentar com realismo e criatividade as situações problemas ao longo de sua vida e que possa estabelecer relações maduras tanto consigo mesma, com o outro, quanto com o meio ambiente.

No item referente ao cenário o Projeto Pedagógico (p. 10) relata que vivemos em um mundo marcado por um modelo econômico de exclusão e concentração de renda. As consequências sociais desse modelo manifestam-se no desemprego, na exclusão social, na marginalização e no aumento da pobreza em geral. A Proposta Educativa (p. 10) com outras palavras diz praticamente o mesmo.

Refere-se a uma realidade onde participam os detentores do poder e do capital e que por sua vez gozam dos benefícios e do conforto gerado pelo acúmulo do mesmo e o controle do poder enquanto que a grande maioria do povo não tem ao seu dispor, o necessário para viver com alguma dignidade.

Transparecem também, as divisões de gênero, raça, classe social e grupos etários. O Projeto Pedagógico está alertando para a necessidade dos sujeitos que atuam no processo educativo estarem conscientes da presença de um processo onde se estabelece uma tensão ideológica a partir de uma sociedade de classe.

Mediante uma sociedade em mudanças e complexa:

Em nossa missão de educadores lassalistas, enfrentamos novos desafios: formar integralmente, num mundo fragmentado; buscar alternativas de desenvolver, a um tempo, a criatividade e a solidariedade, num mundo competitivo e empreendedor; formar em valores humanos e cristãos, num mundo do imediato e do relativo; exercitar linguagens que permitam a comunicação, num mundo globalizado; fidelizar os educandos; sustentar financeiramente as escolas. (PP, p. 12)

Na citação acima se percebe um movimento dialético no sentido de confrontar elementos axiológicos de condição perene e essencialista a outros de caráter mais transitórios

¹⁵ Associação civil de direito privado, sem fins econômicos, de caráter educativo, cultural, beneficente, filantrópico e caritativo, que tem por fim especial a educação e a assistência social.

e imediatos associados a aspectos históricos e culturais. No Projeto Pedagógico é ressaltado, com frequência, esse movimento dialético propondo a necessidade de ter certa abertura para incluir novos elementos, porém, se percebe esforço e insistência para garantir a continuidade de certos valores considerados essenciais à filosofia lassalista munidos de certa perenidade sem abertura para mudanças mais significativas e ousadas.

No Projeto Pedagógico está explicitado que:

A sociedade que almejamos e para cuja construção queremos contribuir, através da educação, é uma sociedade conforme o Plano de Deus, revelado em Jesus Cristo. Uma sociedade, portanto, organizada em função da pessoa, respeitada em sua condição e dignidade e ordenada por valores ético-morais. Uma sociedade que vivencie e promova a justiça, a liberdade, a fraternidade, a solidariedade, a igualdade, a democracia, a participação e o respeito às diferenças. Uma sociedade em que sejam respeitados os direitos das pessoas aos bens necessários para uma vida digna. (p. 13).

Na Proposta Educativa temos o seguinte:

A grande finalidade da missão lassalista é proporcionar o acesso à salvação integral. A finalidade consiste em aproximar cada vez mais a realidade da intenção original de Deus ao criar o Mundo; em manter os valores evangélicos; em respeitar a verdade sobre o homem em sua realidade ontológica e histórica, em sua totalidade e em suas formas particularizadas. De um lado, a formação da pessoa consciente, livre e responsável, integrada, participativa e aberta ao transcendente... é forma de construir a sociedade. De outro, a constituição de uma sociedade comprometida com o bem comum de todos, com uma estruturação e administração evangélico-libertadoras..., incide também numa promoção de todas as pessoas e da pessoa toda. (p. 18).

O modelo de sociedade proposto contempla o pensamento de Paulo Freire. O autor referido desenvolve uma reflexão ampla no sentido de convencer os leitores da importância de se lutar por um modelo de sociedade onde a figura do ser humano (mulher e homem) tenha como centralidade o seu ser e a valorização dos aspectos que contribuem para tornar o ser humano mais crítico, cooperativo, participativo e solidário. Paulo Freire sempre defendeu uma sociedade onde todos pudessem ter igualdade de condições para acessar os meios necessários de garantia de uma vida digna e feliz. Focando a sociedade almejada, é possível afirmar que, inerente ao conteúdo do Projeto Pedagógico, evidencia-se até certo ponto, a contemplação da concepção de Educação de Paulo Freire.

Tanto o Projeto Pedagógico, nos princípios antropológicos, como o Plano de Estudos do Ensino Fundamental (p. 1) e a Proposta Educativa (p. 6, 7, 14) reafirmam a convicção de que a pessoa humana foi criada à imagem e semelhança de Deus e Jesus é o referencial para o ser, o viver e o relacionar-se.

Concebemos a pessoa humana como um ser que se expressa como um todo, constituído em três níveis: físico, psíquico e espiritual, e em três potencialidades: afeto, inteligência e vontade, que a fazem relacionar-se consigo, com Deus, com

outras pessoas e com a natureza. Compreendemos e tratamos a pessoa como sujeito de seu próprio desenvolvimento”. (PP, p. 14).

Os princípios epistemológicos apresentam “o conhecimento como social e historicamente constituído, perpassando por componentes subjetivos e permeado de intencionalidades, gerando distintos olhares sobre a realidade” (PP, p. 15). A proposta epistemológica não se restringe ao acima mencionado e tem em vista o conhecimento como processo explicativo, construção dialética, intuição fenomenológica e compreensão hermenêutica. Os diferentes modos de produção do conhecimento são pautados por relações dinâmicas e através da dialogicidade entre os agentes construtores de conhecimento, valorização da pluralidade e dos contextos sócio-históricos.

O Projeto Pedagógico se refere aos princípios ético-morais (p. 17) e a Proposta Educativa (p. 30) busca um agir ético educando os indivíduos para a responsabilidade pessoal e social. No processo educativo deseja-se favorecer a autonomia, responsabilidade, solidariedade, respeito ao bem comum, sensibilidade, criatividade e espírito inventivo, aceitação da diversidade, inclusão e integração e formação da consciência social

No Projeto Pedagógico (p. 18), princípios teológico-pastorais, e Proposta Educativa (p. 28-29) confirma-se a crença de que a pessoa é um ser criado à imagem e semelhança de Deus com potencial e capacidade de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Jesus Cristo, sua vida e obras, servem de referencial para o ser, o viver e o relacionar-se das pessoas. A pessoa é concebida como ser de relações que, pela fé e por intermédio da educação se compromete a contribuir no processo formativo das pessoas e na transformação da sociedade.

“Como lassalistas, assumimos o espírito de fé e zelo como princípio inspirador da vida; a fraternidade, como ideal evangélico; e o serviço em favor de uma educação humana e cristã, preferentemente dos pobres, como missão apostólica” (p. 19). Ainda pretende-se viver um processo de escola em pastoral, respeitar e promover movimentos em direção ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso. Nessa perspectiva a educação favorece processos de amadurecimento das pessoas a fim de que assumam a fé como opção consciente e livre.

Nos princípios administrativos do Projeto Pedagógico (p. 21) e na Proposta Educativa (p. 30) dá-se ênfase ao diálogo como prática contínua e prima-se por uma gestão participativa onde todos têm possibilidade de participar dos processos decisórios e pelo cumprimento dos princípios éticos e legais.

No Projeto Pedagógico, princípios pedagógicos, consta que se pretende:

Oportunizar ao educando uma pedagogia que viabilize a produção e a apropriação do conhecimento necessário para a compreensão da realidade que o cerca, a mudança de suas relações com ela, e para que sua intervenção, nela,

progressivamente, alcance níveis mais complexos do desenvolvimento de suas capacidades humanas. Reafirmamos a importância de conhecer o educando e conectar-se ao seu processo histórico, para que a intervenção pedagógica resgate o desejo, a alegria e o sabor de aprender. (p. 22)

Além do já revelado na citação supracitada, cabe ressaltar que se busca uma aproximação permanente entre escola e família dos educandos de modo que a comunidade educativa possa desempenhar um trabalho formativo de forma participativa e integrada com a cooperação de todos os interessados e envolvidos no processo.

Tanto no Projeto Pedagógico (p. 23) quanto no Plano de Estudos do Ensino Fundamental (p. 4), o currículo é compreendido como um processo coletivo, discernido em diálogo com todos os segmentos da comunidade escolar, sendo selecionados saberes, competências, conhecimentos e habilidades. O mesmo é objeto de atualização permanente. O conteúdo de estudo é tratado de forma problematizada, os componentes curriculares são tratados na ótica da globalidade e de modo integral desenvolvendo-os “interdisciplinar, transdisciplinar e transversalmente”.

Tanto o Projeto Pedagógico (p. 24) como o Plano de Estudos do Ensino Fundamental (p. 4) se referem ao planejamento declarando que este tem como referenciais a realidade e os documentos (Proposta Educativa Lassalista, Projeto Pedagógico, Plano Estratégico, Regimento Escolar e Plano de Formação) necessários para o pleno funcionamento de uma instituição que se dedica a educação humana e cristã de qualidade. Ainda afirma que o planejamento se trata de “um processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação a partir da realidade; processo de previsão de necessidades e racionalização dos recursos, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas” (PP, p.24).

“Assumimos uma metodologia caracterizada pela reflexão-ação-reflexão. Queremos que a construção do conhecimento se dê de forma participativa, interativa e dialógica, valorizando o aprender contínuo” (PP, p. 25-26). Tanto o Projeto Pedagógico como podemos ver na citação acima quanto a Proposta Educativa (p. 30) e o Plano de Estudos do Ensino Fundamental (p. 4, 5) apresentam a mesma concepção de metodologia a ser adotada. Cabe ressaltar que Paulo Freire também compactua com essa visão quando se trata de opção metodológica para o processo de construção do conhecimento.

Tanto o Projeto Pedagógico (p. 27) como o Plano de Estudos do Ensino Fundamental (p. 39) ressaltam que a avaliação é diagnóstica e tem função reorientadora e se estende à Instituição e ao educando em seu desempenho, sendo que para o último é diagnóstica, cumulativa, processual e participativa.

O Projeto Pedagógico (p. 29-30) e a Proposta Educativa (p. 25- 26) fazem referências ao perfil do educador lassalista e, em síntese, relatam que o mesmo deve ser competente e ético; zeloso pelo crescimento integral dos educandos, comprometido com a filosofia da instituição e com a construção do conhecimento, humana e cristãmente exemplares, coerentes no dizer e fazer, munir-se de prática dialética entre teoria e ação e buscar permanentemente a formação pessoal e profissional. Vinculando o perfil do educador lassalista com a fundamentação teórica embasada no pensamento de Paulo Freire. Percebem-se inúmeras coincidências ressaltando as qualidades de um educador comprometido com uma educação libertadora.

O educando deve buscar inspiração em Jesus Cristo para ser e agir de acordo com seus ensinamentos, vivências e seus valores. Conscientiza-se aos educandos a fim de que sejam sabedores de seus direitos e deveres; consigam exercer conscientemente seu papel de cidadão e acreditar na possibilidade de um mundo melhor.

Não dá para furtar-se de fazer algumas considerações a respeito do Projeto Pedagógico e demais documentos seguindo a concepção de educação na ótica de Paulo Freire. Inicialmente convém ressaltar que se trata de documentos que contemplam as concepções de homem e sociedade simpáticas ao pensamento de Paulo Freire.

Têm uma concepção da produção do conhecimento a partir de processos que estão em contínuo aperfeiçoamento de modo que se reconhece o mesmo como inacabado e aberto a novos olhares cuja reflexão e construção seguem seu curso permanentemente. Reconhecem que a construção do conhecimento se dá a partir de trocas, interação entre subjetividades e objetividades. Entendem que o conhecimento é construído por intermédio das relações. Ambos reconhecem a importância do contexto na construção do conhecimento bem como dão ênfase à importância do processo histórico e cultural.

Valorizam a conscientização, problematização e politização no processo de construção do conhecimento por entender que só assim é possível criar a consciência crítica e ter educandos críticos, dinâmicos, éticos, responsáveis e comprometidos com a transformação da sociedade atual em uma sociedade sensível à solidariedade, igualdade, liberdade e fraternidade.

Apontam para fatores sociais, frutos dos processos dialéticos oriundos de mecanismos ideológicos fundamentados no capitalismo em que se ressalta a importância da liberdade de mercado, propriedade privada com uma minoria usufruindo do resultado do esforço da maioria e individualismo em detrimento das ações coletivas de cooperação e valorização da pessoa em seu ser e dignidade.

Vêm na dialogicidade, o caminho para dar ao educando possibilidades de construção do conhecimento numa perspectiva crítica e participativa reforçando a crença de que a construção do conhecimento se dá a partir da interação das subjetividades. No diálogo, os educandos têm oportunidade de serem sujeitos ativos do processo formativo e na construção do conhecimento.

Os documentos apontam para o Projeto de Deus como projeto de vida e focam Jesus Cristo como modelo e exemplo para o educando seguir. Nesse particular, se trata de uma alternativa que limita a diversidade uma vez que apresenta um projeto até certo ponto já consolidado, detentor de certa perenidade e essencialista sem muito espaço para construir um projeto de vida testando outras possibilidades com caminhos novos e com outros referenciais, mas é compreensível por se tratar de uma proposta que parte de uma Instituição de orientação religiosa.

Os documentos são categóricos em afirmar que uma das preocupações básicas do processo educativo é a atenção e sensibilidade no sentido de dar ao educando todos os meios e possibilidades necessários para desenvolver todas as dimensões da pessoa humana e suas potencialidades de forma integral.

É notória, nos conteúdos dos documentos, a preocupação em criar condições para, no decorrer do processo educativo, se ter iniciativas insistentes e ousadas no sentido de valorizar as diferenças culturais e as diferentes culturas bem como as questões de gênero, raça e etnia.

Nos documentos percebe-se a insistência na afirmação de que o processo educativo que não se preocupa com o rigor científico fica no âmbito do senso comum e vai contribuir muito pouco na qualificação dos educandos, do próprio processo educativo e na construção do conhecimento científico uma vez que somente chega-se a um processo diferenciado de produção do conhecimento ultrapassando a *doxa*. Uma vez que se sai do senso comum, tem-se a possibilidade de adentrar, com convicção e entusiasmo, na *episteme* e, então, ter-se-á condições de fazer a diferença quando se trata de transcender as construções até então realizadas, apontar para novas possibilidades, instaurando um processo de inovação e construção do saber de forma crítica.

Nos documentos constata-se a insistência quanto a importância da avaliação como instrumento para diagnosticar e redimensionar o processo. Cabe destacar que Paulo Freire era simpático ao fato de se estar permanentemente refletindo e avaliando os processos para se ter a possibilidade de resgatar aqueles aspectos significativos que passaram despercebidos bem como para ver aquilo que não contribui e deve ser descartado.

Quanto à metodologia, pode-se afirmar que os documentos apontam para a importância de que a mesma seja norteada pela ação-reflexão-ação entendendo que a construção do conhecimento se dá de forma participativa, interativa e dialógica contemplando os interesses de todos os envolvidos. A mesma está em conformidade com o pensamento de Paulo Freire já que este também acredita que a ação-reflexão-ação é uma boa maneira de ajudar o educando a construir o conhecimento de forma crítica e participativa contemplando o contexto e a realidade que o cerca.

A proposta de currículo, conforme está explicitada nos documentos, busca criar as condições favoráveis para oferecer aos educandos todas as possibilidades possíveis para atingirem um crescimento integral. Na sua eleição é proposto um processo coletivo com a participação de todos os membros da comunidade escolar. O mesmo é concebido de forma aberta com a possibilidade de atualização e os componentes curriculares são tratados no âmbito da problematização, globalidade e integralidade. Remetendo a reflexão a Paulo Freire não é exagero dizer que ele é simpático a todas as iniciativas que visam valorizar a pessoa como um todo e torná-la participante como sujeito ativo do processo com possibilidade de opinar, argumentar, problematizar e tomar decisões autônomas, conscientes e maduras.

Na eleição dos conteúdos, a partir da percepção obtida através de experiências, dá para cogitar uma argumentação no sentido de identificar uma discrepância entre a teoria e a prática. A eleição dos conteúdos, geralmente, se dá sem a participação dos principais interessados que são os educandos e os pais. Propõe-se conteúdos procedentes dos Parâmetros Curriculares Nacionais e mais aqueles que as instituições consideram importantes e que compactuam com suas filosofias e pouco se envolve os educandos para saber quais seriam os conteúdos que melhor contribuem para a sua formação e a construção do conhecimento.

Especificando um pouco mais quero argumentar que não pretendo negar a presença de comunidades educativas que contemplem a participação dos pais e educandos na eleição dos conteúdos, mas, sem sombra de dúvida, o número das que não atendem esse requisito é maior.

Há preocupação em seguir os Parâmetros Curriculares Nacionais, mesmo porque são conteúdos que são exigidos por parte dos órgãos responsáveis pela orientação e controle do processo educativo no Brasil. As instituições de ensino, até certo ponto, tornam-se reféns dos conteúdos e das normas procedentes do sistema que domina e comanda a orientação da educação no país.

Diante dessa realidade cabe ressaltar que os educandos e a comunidade educativa recebem uma lista de conteúdos que devem ser contemplados em todas as instituições

educativas sem a possibilidade de questionar se são os mais indicados e que melhor atendem à demanda dos educandos e se estão em sintonia com os anseios e interesses dos mesmos.

Os conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais revelam a falta de liberdade e de autonomia tanto das instituições de ensino como dos educandos em poder optar, escolher os conteúdos que melhor satisfaçam as necessidades da comunidade local e dos sujeitos do processo educativo.

É oportuno ressaltar que existem instituições de ensino e educadores que, apesar da intransigência dos mecanismos de controle que exercem forte pressão no sentido de que haja adesão plena em relação aos conteúdos dos Parâmetros Curriculares, conseguem, diante da criatividade, ousadia e dinamicidade encontrar caminhos para valorizar o conhecimento dos educandos e a cultura local bem como para inovar com metodologias críticas, participativas, politizantes e problematizadoras.

Pode-se dizer que existem espaços para criatividade e para o exercício da autonomia e da liberdade de forma consciente, participativa e crítica, mesmo diante da imposição de conteúdos que tentam preencher as necessidades do sistema dominante e consolidar as políticas embasadas nas finalidades das ideologias que comandam a orientação política, econômica e social do momento histórico atual.

Essa busca de espaços para o exercício da liberdade de forma consciente e madura, dentro das instituições de ensino, é motivo de alegria e de esperança. Sem sombra de dúvida, são oportunidades que podem fazer a diferença quando se pensa num processo de construção do conhecimento valorizando o saber do educando, sua cultura e sua realidade.

Todo educador, convicto de que o processo educativo é um tempo privilegiado e relevante para despertar nos indivíduos a consciência crítica e o desejo de autonomia e liberdade, busca com insistência e astúcia, aumentar os espaços e as oportunidades para os educandos aderirem a uma proposta ousada de construção do saber voltada para a conquista de uma sociedade mais justa e igualitária.

Hoje, percebem-se avanços no sentido de favorecer a participação dos pais e dos educandos na seleção dos conteúdos que é possível incluir no processo educativo além dos que são estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares.

Em relação aos conteúdos obrigatórios já que são dados de forma autoritária por quem comanda os sistemas de ensino no país cabe às instituições de ensino dialogar com os pais, os educandos e a comunidade local sobre qual é a melhor forma e o momento oportuno de apresentá-los a fim de que se possa usá-los como recurso para contribuir na caminhada histórica tanto pessoal como profissional do educando bem como da comunidade local.

Observando a realidade das instituições de ensino, percebe-se que, a prática de um bom número delas, não aspira tanto um processo de valorização da consciência crítica e da autonomia, já que desenvolvem uma educação voltada para a competência e qualidade. Se trata de um modelo de educação que tem em vista o êxito pessoal e profissional do indivíduo sem focar o comprometimento com processos coletivos de construção do saber direcionados a fins sociais e ao bem comum.

Outro aspecto que merece reflexão e análise é a estrutura organizacional das comunidades educativas uma vez que um bom número destas segue o princípio da verticalidade e não da horizontalidade conflitando com o pensamento de Paulo Freire que defende insistentemente a existência de relações embasadas na participação, cooperação, dialogicidade e horizontalidade. As relações de poder embasadas na verticalidade segmentam e dificultam a construção coletiva do conhecimento de forma solidária e participativa.

Outra constatação a ser feita trata-se da dissonância que ocorre entre as propostas documentais que são feitas, elogiosamente, dentro de uma visão progressista respeitando as diferenças e apresentando teorias ousadas e desafiadoras tendo como foco um processo de mudanças e a construção do conhecimento, no entanto, a prática tem revelado mais a insistência no arcaico processo de transmissão do conhecimento e na manutenção de essencialismos.

Paulo Freire considera a transmissão do conhecimento como educação bancária onde o educador sabe e vai introjetando no interior do educando o conhecimento para que este o assimile. Convém ressaltar que Paulo Freire se opõe a tal processo educativo uma vez que não oportuniza a valorização do conhecimento do educando nem a politização e menos ainda a problematização de modo que não ajuda o educando na busca de autonomia e participação.

Outra percepção que se tem é a reiterada insistência nos conteúdos dos documentos na importância de estimular a pesquisa científica como um fator determinante no processo de construção do conhecimento, no entanto, se percebe grande dificuldade em um número considerável de educadores para fazer com que tal desejo se efetive na prática cotidiana. A formação dos educadores nos moldes tradicionais em que se reforça a transmissão do conhecimento já constituído tem dificultado a prática da pesquisa nos processos educativos. Percebe-se a necessidade de encorajar os professores para abandonarem a forma tradicional de educar e optar por métodos que favoreçam a criatividade e a formação da consciência crítica conforme sugere Paulo Freire.

Outro dilema que envolve documentos e práticas é o do convencimento a respeito do que é mais importante: entre preparar o educando para sua inserção no mercado de trabalho

conforme querem os pais ou aproveitar os elementos característicos da cultura do educando para fazê-lo refletir a realidade e suas condições de vida? Aqui cabe lembrar Melucci para dizer que, com criatividade, interesse, convicção e sensibilidade política é possível fazer as duas coisas ao mesmo tempo, sem a necessidade de descarte, ou seja, é possível fazer do limão, uma limonada.

Um exemplo prático do dilema apontado acima é o Plano Global da Escola Fundamental La Salle Esmeralda. O mesmo apresenta, no início, o diagnóstico da realidade na qual as atividades previstas no documento citado serão implantadas e demonstra ser um espaço caracterizado como de educação popular no entanto as atividades são organizadas num foco político de meio termo, tentando contemplar aspectos da cultura popular e, ao mesmo tempo, acolher as orientações legais e da Mantenedora.

As funções constam a partir de um organograma elaborado verticalmente a partir da direção e funções subsequentes estabelecendo-se segmentação e relações de poder que não compactuam com a visão participativa e cooperativa proposta por Paulo Freire onde as relações de poder seguem o princípio da horizontalidade.

As atividades propostas no decorrer do ano letivo, conforme o Plano Global, estão pensadas de modo a não contemplar plenamente a interdisciplinaridade, trasdisciplinaridade e transversalidade conforme propõe o Projeto Pedagógico. Constata-se esforço para trabalhar de forma integrada os conteúdos e atividades mas impõem-se limites e dificuldades quando se trata da efetivação prática.

A partir da análise documental pode-se afirmar que os documentos contemplam um grande número de elementos propostos por Paulo Freire para um processo educativo na ótica da problematização, conscientização e politização. Por outro lado também contemplam elementos que não condizem com o pensamento de Paulo Freire. Verifica-se dificuldade de efetivar na prática algumas propostas mais ousadas, desafiadoras e progressistas que subentendem mudança de pensamento, atitudes e comportamento.

3.2 Dados coletados junto aos professores por intermédio de questionário e entrevistas.

Nos dados que seguem vamos perceber que os professores dão respostas politicamente corretas, como seria de esperar. Apesar disso, não houve qualquer tensionamento dessas respostas por parte do pesquisador, considerando o fato de eu ser Diretor da escola, entendi que qualquer questionamento de minha parte, sem sombra de dúvida, não aumentaria a liberdade dos professores para alterarem suas respostas às questões propostas. Sendo assim,

como avaliar os métodos utilizados para este levantamento dos dados? Até que ponto os professores estavam respondendo ao pesquisador e não ao seu Diretor?

O fato de ser Diretor da escola, sem sombra de dúvida, restringiu a liberdade dos professores ao responderem às questões propostas.

Analisando os resultados percebe-se que os mesmos responderam mais para o diretor, de forma correta, do que para o pesquisador afim de que esse tivesse os dados que apontassem para uma noção fidedigna da realidade investigada.

Tendo presente essa situação planejou-se uma coleta de dados junto aos alunos podendo assim oportunizar uma confrontação.

A pesquisa com professores, buscou evidências empíricas que permitissem realizar uma análise no sentido de atender aos objetivos da presente dissertação é reunir os dados que dessem algumas pistas a respeito da construção do conhecimento em ambiente de periferia.

Os dados das três questões que apresento a seguir foram obtidos por intermédio de um questionário, respondido por oito professores por escrito, conforme o anexo dois. A escolha se deu por intermédio de sorteio. Os registros foram, então, sintetizados como se pode verificar a seguir. É oportuno dizer, que nas respostas, pode ocorrer quantidade de idéias superior ao número de pessoas entrevistadas, uma vez que, de alguns professores foram desmembradas as respostas devido a extensão das mesmas.

3.2.1 Dados obtidos por intermédio de questionários

PRIMEIRA QUESTÃO: No seu trabalho profissional na Escola Fundamental La Salle Esmeralda você entende que ajuda ou não os educandos a:

a)Refletir a respeito de como e por que ele age?

Todos os professores responderam que sim. Seguem as explicações escritas pelos professores:

Em situação de conflito procuro refletir, com os educandos, os motivos que os levaram a tal situação .

Os educandos agem na sociedade e as suas atitudes podem beneficiar ou não o meio em que vivem.

A cada momento de reflexão a respeito de nossos direitos e deveres, os alunos conseguem fazer o deslocamento para suas atitudes, não somente em sala de aula, mas em todos os momentos.

Diariamente temos momento de diálogo, com os educandos, a respeito de acontecimentos cotidianos.

Acredito que o professor é um mediador da aprendizagem do educando, com isto contribui para o educando melhor desenvolver sua personalidade e poder agir com autonomia, expressando opiniões e atuando efetivamente.

Eu entendo que na medida do possível eu procuro ajudar o educando a refletir seu modo de agir. Procuro fazer com que o educando entenda que sua forma de agir, é geralmente, fruto de uma cultura e de um ambiente no qual ele vive.

Com certeza, através do diálogo como forma de esclarecer conflitos, da reflexão dos atos e atitudes para compreender os motivos de nossa ação.

Priorizo as atividades de interação social, a busca de solução de problemas de forma mais independente possível, observando e permitindo o desenvolvimento das potencialidades na construção contínua de conhecimento

Direciono sempre para a idéia que vivemos em sociedade, temos regras e normas para respeitar e assim manter o equilíbrio.

Penso que ajudo sim o educando a refletir a respeito de como e porque ele age em relação as suas atitudes, faço isso tanto com os aspectos negativos como com os positivos.

Eu ajudo e faço com que eles entendam que toda ação tem uma consequência seja ela boa ou ruim e que precisamos sempre refletir sobre nossas atitudes

b) A perceber por que existem pessoas ricas e outras pobres? (6) responderam sim, (1) branco e (1) dúvida). Seguem as explicações dos professores:

Procuro mostrar as duas realidades, incentivando-os ao mesmo tempo a estudarem para modificar a sua atual situação.

Não tenho clareza se consigo levar os alunos a esta conclusão, mas observo neles este conhecimento como algo empírico ou adquirido pela família.

Observo que meus alunos possuem muita noção do dinheiro e sua importância. Ao discutirmos esse assunto os alunos colocam muito o senso-comum, ou seja, o que escutam em casa dos pais e com nossas conversas começam a refletir sobre o assunto. Porque de acordo com a educação que se obtém pode-se ter melhor oportunidades porém, às vezes, por necessidade não se tem oportunidade de estudar não tendo assim melhores condições na vida.

Trabalho numa instituição de serviço educativo aos pobres e eles já vêm para a escola com essa percepção da classe social deles (somos pobres) sendo assim procuro fazer que se sintam valorizados e juntos buscarmos alternativas e até mesmo apontar o caminho para entenderem que podemos mudar nossa classe social.

As desigualdades e as diferenças fazem parte da nossa vida. Nesta realidade temos que ser criativos, inventivos para poder viver e sobreviver no meio da diversidade tão grande e assoladora.

Tenho sempre a preocupação de não instaurar sentimentos de ira e revolta, mas sim de atitudes que levem à realização de nossos ideais.

É natural, nas aulas de história, falar a respeito das diferentes classes sociais. A riqueza e a pobreza fazem parte de um sistema político, social que, de certa forma, dá privilégios para alguns, os quais podem se tornar mais ricos ainda, mas que todo ser humano tem condições de ser aquilo que deseja.

Sim, faço com que os educandos percebam a diferença, mas trabalho com o pensamento de que todos somos iguais, e que uma pessoa pobre pode trabalhar, estudar e mudar sua situação financeira.

c) A saber escolher aquilo que o ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida pessoal e profissional?

Todos os professores responderam sim. Seguem as explicações dos professores:

Penso que é função do educador ajudar seus educandos a perceberem qual a melhor forma de ser alguém na vida.

Sei que em uma sala de aula existem vários perfis de pessoas, uma não pensa igual a outra, e nem posso exigir que assim seja, pois cada pessoa é única, mas procuro sempre ajudar o educando pensar para seu futuro. O que é melhor para cada pessoa?

Este é um dos meus objetivos como profissional da educação, que através de um conhecimento amplo do mundo os alunos venham a ser seres humanos melhores.

Para que as pessoas sejam bem preparadas pessoal e profissionalmente existe uma fórmula infalível que é o estudo, o amor pelo saber, buscar a verdade das coisas através da educação.

Através do diálogo como forma de esclarecer, compreender e tomar decisões, fazer comparações com o que é e o que realmente queremos e qual o melhor caminho que devemos usar para alcançar nossos ideais, que seja o melhor para mim e para os outros.

Minha função como educador é mostrar aos meus educandos que em cada dia construímos o que vai nos preparar para nossa vida pessoal e profissional e a partir disso fazer escolhas e saber que isso vai ajudá-los a serem melhores e mais preparados nos caminhos que vão seguir.

É importante que o aluno tenha a consciência que a vida é feita de escolhas, por isso, pensar nas suas atitudes antes de decidir deve ser essencial.

Procuro conversar com eles sobre escolhas que fazemos em nossa vida, e que a partir das escolhas que fazemos, podemos estabelecer o rumo de nossa história.

Incentivo os educandos a estudar, para, através da formação pessoal e profissional, serem agentes de mudança da própria realidade.

Estamos sempre conversando sobre a vida e refletindo sobre os exemplos de pessoas que não escolheram o melhor caminho.

d) A posicionar-se diante da política, a refletir sobre as propostas dos candidatos em época de eleições e acompanhar se há ou não coerência entre suas propostas e a sua vida política? (6) responderam sim, (2) não. Segue as explicações dos professores:

Este é um ponto que me encontro em falha, pois eu mesmo como cidadã tenho uma visão política frustrada.

Os educandos não possuem uma consciência crítica formada a respeito da política e as referências são a postura dos pais em relação ao tema.

Vivemos numa sociedade democrática e é através do voto que temos oportunidade de decidir o futuro do nosso país. O educando tem que ter consciência política para decidir, em tempo oportuno, o que é melhor para o país.

Analisando os fatos do dia-a-dia, a realidade social e escolar, as questões familiares, a saúde, segurança,... através do diálogo sintetizamos nossas conclusões, priorizando a formação do pensamento crítico, da tomada de decisões.

Todo ser humano é um político. Querendo ou não a nossa vida é uma constante política. Nas aulas de história se fala muito em política, deixando sempre a liberdade para críticas.

No que diz respeito à política e propostas de candidatos em épocas de eleições, é claro que eu procuro mostrar para os educandos qual a importância da política em nossa vida.

Procuro incentivar os educandos a acompanhar os programas políticos na televisão, porque é assim que a gente vai chegando a um conhecimento das pessoas que estão em destaque na política brasileira.

Falamos sobre os candidatos e algumas propostas que são feitas durante a campanha. Procuramos não nos posicionar em nenhum partido.

Sim, trazendo esse assunto para ser debatido em sala de aula e escutar opiniões que os alunos têm sobre essa informação, o que escutam nos meios de comunicações, no meio familiar e com isso fazer com que eles tenham suas próprias opiniões.

e) A relacionar os assuntos estudados com a vida, família, comunidade e sociedade onde o aluno vive? (7) responderam sim e (1) não respondeu. Seguem as explicações dos professores:

Sim, procuro relacionar os conteúdos aproximando a realidade deles.

Creio que sim, inclusive já elaboramos um projeto sobre a comunidade, abrangendo diversos aspectos das áreas do conhecimento.

É necessário que se faça uma ligação do assunto que se está estudando com a vida, não só do aluno, mas da sociedade em geral.

É muito importante trabalhar a realidade do educando, pois esta é a realidade na qual ele está inserido, assim é mais fácil para o educando compreender o mundo atual. O mundo carece de sujeitos politicamente organizados buscando o bem comum. O importante é a formação de um espírito de pertença e compromisso entre família, comunidade, sociedade em vista da causa da vida e de sua manutenção e preservação.

Para que haja uma aprendizagem significativa nada melhor que trabalhar com a realidade do educando, assim ele aprende a valorizar e se conscientiza sobre onde vive.

Procuro sempre trabalhar com projetos de interesse da família, comunidade, do grupo em que o educando está inserido, tento tornar os estudos importantes para a comunidade, prazerosos e significativos aos educandos.

Sim, os conteúdos trabalhados em sala de aula procuro sempre relacionar com a realidade do meu aluno para que tenha sentido e motivação no aprender.

SEGUNDA QUESTÃO: *Você trabalha com os educandos a questão de raça, etnia e gênero?(7) responderam sim ,(1) respondeu não . Seguem as explicações dos professores:*

No dia-a-dia escolar fazendo com que valorizem as diferenças nos outros. Orientando na certeza de que todos aqueles que estão envolvidos serão sujeitos comprometidos com a construção de uma nova sociedade onde se respeita as diferenças.

Costumo trabalhar com eles iniciando sobre as características de cada um, com estórias contadas e a partir daí mostrando que cada pessoa tem suas características diferentes umas das outras e não somente características físicas mas também de personalidade.

O importante frente às questões étnicas, raciais e de gênero é a pessoa posicionar-se, interpretando a sua tarefa de cidadão com direitos e deveres, prevalecendo o valor do respeito na realidade presente a ser compreendida e aceita.

Trabalho através de textos, filmes, reportagem, relatos. Nós debatemos e refletimos em aula como se pode mudar, respeitar as características e diferenças dos outros.

Eu trabalho com os educandos estas questões de raça, etnia e gênero de forma não muito específica, mas quando se estuda os primeiros povos que aqui chegaram, de onde vieram, como e porque abordamos esses temas.

Através de projetos, histórias e a própria história dos nossos pais.

Ao longo dos dias letivos, aproveitando as datas comemorativas, iniciando com o dia do índio, semana da consciência negra, ...

Sim, através do respeito às diferenças e pela história dos nossos antepassados, respeitando todas as raças.

O educador que não respondeu, justificou-se dizendo que a faixa etária dos educandos não permitia desenvolver esse tipo de trabalho com êxito.

TERCEIRA QUESTÃO. *Você entende ser importante preparar os educandos para ter atitudes solidárias, justas e fraternas? Todos os 8 professores responderam que sim. Seguem as explicações dos professores:*

Sim, tendo em vista a realidade em que vivem é de suma importância que tenham atitudes solidárias e fraternas.

Sim, pois ser solidário, justo e fraterno, são qualidades essenciais para a humanização, pois nossa sociedade; se depara com situações de completo teor desumano.

Ser solidário, justo e fraterno são três pilares que apóiam uma sociedade no momento em que faltar um dos pilares os valores começam cair por terra.

Penso que, através de ações concretas podemos levar os educandos a respeitar as diferenças, serem solidários e rejeitarem as discriminações e aplicarem o

conhecimento adquirido para construir uma sociedade democrática, solidária e fraterna procurando a igualdade de direitos e deveres entre as pessoas.

Sentimentos como amizade, socialização, cooperação, respeito, partilha, atitudes solidárias, respeito à diversidade, valorização da vida, cultura, convívio social, cidadania,... levam à construção de uma sociedade humana, fraterna, pois o mundo carece de pessoas boas.

Entendo que é muito importante preparar meus educandos para terem atitudes solidárias, justas e fraternas, até porque eles estão em formação e adquirindo essas atitudes e também porque no nosso dia-a-dia elas estão presentes e é na escola que devemos fortalecê-las, tendo em vista a construção de um mundo melhor.

A criança tem que saber que não vivemos isolados numa ilha, sendo assim, ela tem que ter a consciência que precisamos uns dos outros para vivermos e é através da solidariedade, amor, amizade,... que conseguiremos viver bem e feliz.

Não só é importante como acho que um professor deve além de tudo ter a obrigação de desenvolver com a criança estas atitudes e é este o momento de mudarmos o futuro.

O educando precisa aprender a viver e a conviver com o outro. Adquirir plena consciência de sua dignidade e de seus compromissos, na medida, em que for educado para o inter-relacionamento humano, com ações concretas.

Precisamos formar pessoas mais amorosas, que se preocupam com o próximo e que lutam para o mundo mais justo, porque o que vemos atualmente é um mundo com muitas dificuldades de todos os tipos, a nossa esperança de um mundo melhor são os nossos educandos de hoje.

Analisando esse conjunto de respostas é possível dizer que existe por parte dos professores da Escola Fundamental La Salle Esmeralda, um comprometimento e consciência no sentido de trabalhar os aspectos mencionados no decorrer das três primeiras questões propostas pelo questionário da pesquisa. É difícil, no entanto, estabelecer um prognóstico satisfatório com o intuito de mensurar o grau de intensidade e com que frequência os profissionais trabalham esses conteúdos, objeto da pesquisa, uma vez que seria necessário um trabalho mais aprofundado e um número maior de elementos que permitissem medir com maior precisão os resultados da ação dos profissionais a partir dos quais as respostas supracitadas foram produzidas.

Cabe ressaltar que o objetivo era verificar se os educadores estavam contemplando os aspectos em pauta e após verificar os dados obtidos, sem sombra de dúvida, ficou evidente que vem acontecendo a inclusão dos mesmos no processo educativo, sendo assim, o objetivo foi atingido.

Os dados que seguem são relativos as entrevistas e tentam dar algumas pistas no sentido de responder a seguinte pergunta: “Como é possível construir conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular”?

3.2.2 Dados obtidos por intermédio de entrevistas

As entrevistas foram pensadas no sentido de coletar junto aos educadores, elementos que corroborem na resposta da pergunta: “Como é possível construir conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular?” (Questão quatro do anexo 2)

Para responder a questão supracitada foram sorteados cinco educadores. A coleta dos dados se deu através de entrevistas dialogadas em que cada um dos entrevistados teve oportunidade de expor livremente sua compreensão a respeito do tema pesquisado.

Durante o diálogo fui anotando os elementos que foram surgindo com intuito de analisá-las como argumento empírico para contextualizar e dar corpo aos possíveis aspectos a serem considerados como significativos ao se construir o conhecimento em contexto de cultura popular. O resultado das anotações é o que consta nas tabelas abaixo:

PRIMEIRA ENTREVISTA
<p>Pergunta: Na sua concepção o que é importante considerar na construção do conhecimento para valorizar as peculiaridades da cultura popular?</p> <p>Resposta: É necessário destacar a importância da participação da família na organização e acompanhamento do educando.</p> <p>Levar em conta a realidade do educando e mostrar-lhe que a sociedade é mais extensa e complexa do que o espaço de convívio do educando. É necessário interligar as informações e a reflexão no sentido de transpor a realidade local e buscar a universalidade.</p> <p>É preciso pensar projetos envolvendo a comunidade e contextos mais amplos que o espaço da escola.</p> <p>Pergunta: Como você valoriza as peculiaridades da cultura popular no processo educativo?</p> <p>Resposta: Não podemos, no processo educativo, deixar de valorizar o conhecimento dos educandos.</p> <p>É relevante desenvolver atividades que favoreçam a autonomia.</p> <p>É importante fazer um diagnóstico da realidade e a situação em que o educando vive.</p> <p>Precisamos desenvolver visão política e crítica, refletindo as situações do presente e projeções futuras.</p> <p>A ludicidade é muito importante. O uso da brincadeira facilita a aprendizagem.</p> <p>Considero importante no processo educativo, a formação para o respeito e solidariedade.</p> <p>O processo educativo precisa valorizar a interação entre professores, pais, alunos e comunidade local, meio e contexto em que o educando vive.</p> <p>Pergunta: Como você percebe as questões de raça, gênero e etnia no processo de construção do conhecimento?</p> <p>Resposta: Questões relativas à raça, cor e etnia é complicado e complexo se trabalhar porém, entendo que se deve respeitar as diferenças e refletir com os educandos.</p> <p>Pergunta: O que você entende por mística popular?</p> <p>Resposta: Pessoas de classe popular são trabalhadoras, fortes, e sempre desejam algo mais. Tem algo místico que as impulsiona.</p>

SEGUNDA ENTREVISTA

Pergunta: Na sua concepção o que é importante considerar na construção do conhecimento para valorizar as peculiaridades da cultura popular?

Resposta: Temos que valorizar os aspectos da cultura popular que os educandos trazem e que obtiveram pela vivência.

Ter sensibilidade em captar aspectos da realidade e da vivência cotidiana do educando e usar na construção do conhecimento.

Ter ações políticas condizentes e favoráveis à classe popular.

Na construção do conhecimento deve-se valorizar o educando usando o saber que o mesmo obtém no contexto.

Trabalhar a consciência crítica, refletir a realidade e propor valores.

É preciso exercitar atitudes solidárias.

Pergunta: Como você valoriza as peculiaridades da cultura popular no processo educativo?

Resposta: Convém estar atentos ao estado em que os educandos se encontram, ou seja, diagnosticar as condições de cada educando.

Cabe a nós ajudar os educandos a entenderem a complexidade da realidade.

É preciso demonstrar afetividade e atenção aos educandos.

Precisamos, de forma exaustiva, usar a ludicidade.

Temos que compreender a construção do conhecimento como um processo de troca e interação.

Cabe a nós criarmos condições para desenvolver a criatividade.

Pergunta: Como você percebe as questões de raça, gênero e etnia na construção do conhecimento?

Resposta: É importante conscientizar para a tolerância e aceitação das diferenças de raça, etnia e gênero.

Trabalhar a diversidade cultural.

Pergunta: O que você entende por mística popular?

Resposta: Temos que valorizar a mística popular, fé, força, crença, modo de ser dos educandos da classe popular.

TERCEIRA ENTREVISTA

Pergunta: Na sua concepção o que é importante considerar na construção do conhecimento para valorizar as peculiaridades da cultura popular?

Resposta: Devemos ter conhecimento prévio do educando.

Estabelecer relação de troca entre professor e aluno.

Ter olhar crítico.

Mostrar a importância das decisões políticas em nossa vida.

É necessário sair do senso comum e ter consciência crítica.

Trabalhar conteúdos relacionados a questões da vida.

Refletir questões ideológicas.

Entendo que o processo de construção do conhecimento é complexo.

O modo como se trabalha o processo de construção do conhecimento é diferente.

Pergunta: Como você valoriza as peculiaridades da cultura popular no processo educativo?

Resposta: O brincar no processo educativo favorece a ressignificação que é fundamental para a aprendizagem.

Valorizando experiências da vida, as vivências.

Usando criatividade, dinamicidade e imaginação.

Tendo afetividade e respeito.

Desenvolvendo a autonomia, desafiando o aluno na resolução de problemas.

Sendo flexível, possibilitando ao aluno oportunidade para fazer escolhas.

Pergunta: Como você percebe as questões de raça, gênero e etnia na construção do conhecimento?

Resposta: Precisamos mostrar que as pessoas são diferentes e agem e se comportam diferentemente.

Devemos respeitar as diferenças.

É preciso trabalhar a solidariedade e o respeito.

Pergunta: O que você entende por mística popular?

Resposta: Para mim é muito confusa a percepção do significado da palavra mística.

QUARTA ENTREVISTA

Pergunta: Na sua concepção o que é importante considerar na construção do conhecimento para valorizar as peculiaridades da cultura popular?

Resposta: Conhecer o meio, a realidade do educando.

Mostrar a complexidade e extensão da realidade, uma vez que esta extrapola os limites do local em que o educando vive.

Valorizar a história dos educandos, família, comunidade, ...

Pergunta: Como você valoriza as peculiaridades da cultura popular no processo educativo?

Resposta: Realizando sondagens.

Diagnosticando a realidade, situação e condições do educando.

Valorizando o saber e cotidiano do educando.

Valorizando a afetividade, atenção e sensibilidade.

Demonstrando abertura ao diálogo.

As regras devem ser combinadas, refletidas e questionadas.

Oportunizando a tomada de decisões.

Conscientizando a respeito das melhores atitudes e comportamento a se adotar.

Crianças gostam de experiências e produção científica, trabalhar o rigor científico.

Insistindo na importância do acompanhamento e incentivo dos pais na construção do conhecimento.

Pergunta: Como você percebe as questões de raça, gênero e etnia na construção do conhecimento?

Resposta: Devemos conscientizar para atitudes de respeito às opções religiosas, raças, etnias e gênero.

Pergunta: O que você entende por mística popular?

Resposta: Para mim é uma palavra muito subjetiva.

QUINTA ENTREVISTA

Pergunta: Na sua concepção o que é importante considerar na construção do conhecimento para valorizar as peculiaridades da cultura popular?

Resposta: Ter presente a realidade do educando, o conhecimento que o mesmo tem do contexto.

Ter presente que educação é ato político.

Favorecer o exercício de autonomia.

Refletir as mudanças sociais, os direitos e deveres do educando e a valorização do bem comum.

Demonstrar indignação mediante os mecanismos de exploração e dominação.

Valorizar a linguagem popular e as trocas mediante diálogo.

Desenvolver consciência crítica.

Trocar informações, refletir a realidade confrontando a teoria com o conhecimento prático e a vivência.

Valorizar a cultura popular.

Estimular a problematização.

Ter metas, objetivos, claros em favor da classe popular.

Usar estratégias construídas coletivamente.

Ser apaixonado pela cultura popular, acreditar na educação popular.

Demonstrar afetividade e confiança.

Pergunta: Como você valoriza as peculiaridades da cultura popular no processo educativo?

Resposta: Ludicidade é muito importante. Dá prazer. É gostoso e cativante.

Pergunta: Como você percebe as questões de raça, gênero e etnia na construção do conhecimento?

Resposta: Precisamos demonstrar tolerância, compreensão, autenticidade e respeito às diferenças culturais.

Pergunta: O que você entende por mística popular?

Resposta: É a fé na mudança, na capacidade de superação, força transcendente. Aproximação com Jesus pobre, sofredor e vencedor.

De posse dos resultados, deu-se o processo de organização, análise e desenvolvimento do conteúdo. Cabe ressaltar que, por se tratar de uma tentativa de perceber como é possível construir o conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular, procurou-se contemplar, ao máximo, os elementos obtidos junto aos professores já que todos os entrevistados têm experiências de atuação no meio popular e possuem formação em nível superior.

Todas as afirmações referentes ao conteúdo relativo ao processo de pesquisa junto aos professores são apresentadas na forma de uma compilação de elementos presentes no dia-a-dia do educador popular.

Se há de concordar que os conteúdos que seguem são fundamentais para a construção do conhecimento, e para uma prática educativa que pretende o desenvolvimento da pessoa na sua integralidade e busca um processo de conscientização e libertação das pessoas dos mecanismos que dificultam a autonomia e a auto-realização.

No intuito de dar maior profundidade e conectividade aos elementos obtidos a partir de minha experiência de trabalho e convivência em meio popular e formação acadêmica nas Licenciaturas em Ciências Religiosas, em Filosofia, em Matemática e Especialização em Administração Escolar, tentarei inserir, com o máximo de fidelidade, os elementos resultantes das respostas das entrevistas em uma série de pequenos textos. Os mesmos tentam apontar, de

forma mais sistematizada, alguns aspectos importantes a serem considerados ao instaurar um processo de construção do conhecimento em meios populares.

3.3 Reflexões pedagógicas e desafios.

Com base nos dados das entrevistas com os professores e minha experiência de oito anos trabalhando em uma escola inserida no meio popular e o fato de estar morando na Vila Esmeralda e participando do cotidiano dos sujeitos da cultura popular seguem algumas reflexões de como se pode construir o conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular.

3.3.1 Assumindo o conhecimento como processo, usando sensibilidade e observação para diagnosticar corretamente e explorar o contexto e o saber do educando.

No meu entendimento e de acordo com a pesquisa realizada e a experiência obtida no decorrer de oito anos na Vila Esmeralda, considero fundamental começar pela consciência de que a construção do conhecimento é um processo que supõe um campo complexo de ações e a necessidade de compreender que a educação se constitui como terreno fértil para criar condições de possibilidades para a produção do conhecimento.

Uma nova educação para a Era das Relações requer a inteligência, a consciência e o pensamento, assim como o conhecimento, sejam vistos como processo, em continuidade, e que o produto resultante de cada uma dessas atividades nunca está completamente pronto e acabado, mas num movimento permanente de vir a ser – assim como o movimento das marés - constituído de ondas de reflexão que se desdobram em ações e que se dobras e se concretizam em novos processos de reflexão. É um movimento recursivo de reflexão na ação e de reflexão sobre a ação. Requer a reflexão crítica sobre a práxis histórica. (MORAES, 2004, p. 213).

Para se construir o conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular é necessário um alto grau de sensibilidade e apurado espírito de observação. Só com muita sensibilidade é possível criar predisposição para tentar inicialmente compreender os mecanismos que intervêm na produção do conhecimento no âmbito da cultura popular.

Sensibilidade, por exemplo, de perceber que o educando do meio popular tem dificuldade para obter o material necessário para estudo; muitas vezes não se alimenta direito; não dorme direito devido às limitações e precariedade de condições dos espaços nas casas.

Para ilustrar, trago o relato da realidade da família de Ariel que é composta de doze pessoas entre filhos, pai e mãe. A casa é de três peças e os filhos dormem em número de dez em uma única peça. Diz o Ariel que, muitas noites dorme pouco, porque seus irmãozinhos

choram muito de modo que, muitas vezes, ele chega na sala de aula e deita na classe e, para a surpresa dos professores, em vez de estudar, dorme. Cabe nessa situação a pergunta: Como conduzir o processo educativo de modo que o Ariel consiga aprender? De antemão pode-se dizer que o ritmo do educando não é o mesmo dos que têm condições favoráveis para descansar com tranquilidade e sossego necessário para manter concentração nas atividades em que estão envolvidos. O educador popular, consciente da realidade, ao planejar as atividades contempla o caso do Ariel porque é sabedor das condições do menino e que ele necessita primeiro descansar e depois terá condições de fazer as atividades com interesse e disposição. No caso do Ariel, quando ele chega à sala de aula, com sono e cansado, os educadores propõem uma atividade diferenciada onde ele possa se movimentar e atuar de forma mais dinâmica com envolvimento e participação, no entanto, a sensibilidade do educador popular vai verificar a intensidade do caso e decidir que a melhor solução, algumas vezes, é colocá-lo em um local reservado na companhia de um colchonete para descansar e só depois executará as tarefas.

Essa pesquisa apontou como relevante na construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular, espaços para ouvir os sujeitos do processo. Para reafirmar a importância dessa percepção vamos nos reportar a Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Tolerância* que diz o seguinte:

Um outro saber que o professor deve ter é saber que precisa aprender a escutar. É interessante isso! Como você pode falar se você não escuta? Quer dizer, no fundo, não é falando que eu aprendo a falar, mas escutando que eu aprendo a falar (...). Há um momento em que o educando precisa escutar o educador, mas há um momento que o educador precisa escutar o educando e há momentos que os dois se escutam entre si. (2004, p. 157)

O conhecimento se constrói nas relações, trocas e para haver troca é necessário estabelecer condições para os sujeitos expressarem-se e criarem estratégias para comunicarem-se com clareza e precisão. O comunicar-se com clareza subentende a possibilidade de troca entre emissor e receptor e nesse quesito é essencial reconhecer a participação do componente atenção e acolhida, típicos dos que revelam capacidade e sensibilidade de ouvir o que o outro tem a dizer.

Na cultura popular se encontram exemplos formidáveis e comoventes de acolhida e sensibilidade. Para ilustrar farei o relato da Regina. Os pais dela são pessoas doentes. Sendo que o pai é portador de HIV e a mãe necessita fazer hemodiálise. Se isso não bastasse são pobres e além da Regina têm mais cinco filhos. É comovente perceber que pessoas, também pobres, procuram ajudar com aquilo que podem tanto com alimentação como com gestos

solidários. Os vizinhos da Regina, quando a mãe faz hemodiálise, se dividem e acolhem a mesma e seus cinco irmãos para alimentá-los e encaminhá-los para a escola. Na comunidade sempre existem pessoas preocupadas com a família da Regina e promovem campanhas de coleta de alimentos ou até mesmo passam nas casas pedindo ajuda para socorrer a família mencionada.

Observando esse caso reafirma-se a necessidade de conhecer o contexto de produção da cultura popular. O educador que se diz popular não tem como não reconhecer a realidade do educando com o qual ele vai interagir. Uma vez que o educador não conhece o contexto, a realidade do educando, ele não dispõe do diagnóstico, sendo que este fornece os elementos necessários para começar um processo de construção do conhecimento.

O diagnóstico dá ao educador condições para acessar aos elementos da cultura popular e identificar os espaços que representam oportunidades e possibilidades de construção do conhecimento. O educador popular jamais pode impor seu modo de conceber a sociedade, a visão de homem e de mundo. Ele pode, sim, propor alternativas, possibilidades para que o educando reflita sobre sua condição de sujeito no processo histórico e faça as escolhas que melhor atendam as suas necessidades no decorrer do processo educativo e lhe preparem para a vida.

No diagnóstico, o educador popular pode identificar os elementos que são característicos do meio ao qual o educando pertence para valorizar a cultura do mesmo e o conhecimento que ele tem de sua realidade e do contexto onde vive. A realidade em que o educando vive proporciona maior proximidade do conteúdo do conhecimento e da sua história. É um espaço em que o educando está afetivamente ligado e se torna representativo no simbólico do educando porque constantemente remete a uma realidade conhecida e palco de experiências significativas para ele. É um conteúdo com o qual o educando já está familiarizado e faz parte do cabedal de seu conhecimento de modo que fica mais fácil para relacionar o conteúdo do conhecimento com as situações vividas no dia-a-dia.

A título de exemplo, segue o relato de uma, entre tantas atividades, que despertam o envolvimento e participação dos educandos empolgando-os para o estudo e pesquisa. Nos conteúdos de ciências da sexta série consta o estudo dos seres vivos. O desafio lançado aos educandos foi o de, inicialmente, realizarem uma pesquisa para encontrar o maior número de seres vivos existentes na Vila Esmeralda. Durante a pesquisa verificou-se que existiam animais saudáveis e outros doentes. Tal constatação fez com que os educandos buscassem levantar hipóteses a respeito dos tipos de doenças e fossem pesquisar a origem das mesmas. O procedimento levou-os a diagnosticar um grande número de doenças existentes nos animais e

verificar que os causadores das mesmas, em sua maioria, eram seres vivos. A atividade comoveu e mobilizou os educandos e eles entenderam que tinham que fazer algo para ajudar os animais doentes da Vila Esmeralda. Essa sensibilização os levou a promover uma campanha de conscientização despertando os moradores para a necessidade de cuidar melhor dos animais e medicarem os animais doentes e ainda articularam uma campanha de Vacinação.

Os problemas solucionados no cotidiano fazem parte do educando na sua integralidade de modo que não é possível dissociá-los do todo da pessoa e, sendo assim, além de existirem aspectos cognitivos existem também aspectos afetivos porque fazem parte do contexto e das experiências do educando. É relevante que, no processo de construção do conhecimento, o educador popular valorize o máximo possível o conhecimento que o educando constrói através da vivência e da solução de situações problemas com as quais se depara no dia-a-dia. Cabe ao educador encontrar os mecanismos mais indicados para propor ao educando um olhar crítico tanto nas condições em que vive como nas interfaces que assumem as mais diversas ideologias que, freqüentemente, buscam alienar os sujeitos.

De posse dos dados da pesquisa pode-se argumentar que na Escola Fundamental La Salle Esmeralda há um esforço dos educadores no sentido de favorecer um processo de construção do conhecimento em que se prioriza a reflexão e a consciência crítica. No entanto, do mesmo modo, pode-se dizer que é necessário continuar o aprofundamento desse processo já que a construção do conhecimento abre, sempre, novas janelas e jamais se consegue chegar a um grau de qualidade em que se possa afirmar que se chegou ao limite, se está plenamente satisfeito. Olhando a nossa realidade, sem sombra de dúvida, a conclusão é de que não chegamos nem a uma condição satisfatória de modo que precisamos caminhar rumo a águas mais profundas, intensificar a criatividade, a reflexão e a qualidade de nossa ação.

3.3.2 Mantendo abertura às diferenças culturais e diferentes culturas numa postura de tolerância e acolhida ao novo e ao diferente.

Analisando as respostas apresentadas nas entrevistas dialogadas com os educadores verifica-se que a construção do conhecimento valorizando as peculiaridades do meio popular exige capacidade de tolerância e abertura para acolher as diferenças.

Ninguém é verdadeiramente tolerante se se admite o direito de dizer do outro ou da outra: o máximo que posso fazer é tolerá-lo, é agüentá-la. A tolerância genuína, por outro lado, não exige de mim que concorde com aquele ou com aquela a quem tolero ou também não me pede que a estime ou o estime. O que a tolerância autêntica demanda de mim é que respeite o diferente, seus sonhos, suas idéias, suas opções,

seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por me ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente. Há algo que me parece fundamental e que até prévio a qualquer indagação em torno da tolerância é que ela é uma instância da existência humana. (FREIRE, 2004, p.24)

No meio popular, os educadores precisam exercitar a “tolerância autêntica” uma vez que encontram situações desafiadoras tais como: educandos em condições de saúde e higiene precárias e insuficientemente alimentados para atingir um grau aceitável na produção do conhecimento; educandos que são vítimas de agressão dos pais e/ou responsáveis e apresentam desequilíbrio emocional; educandos carentes econômica e afetivamente; educandos que não têm capacidade de concentração porque chegam à escola com sono, uma vez que tiveram que cuidar dos irmãos durante a noite porque os pais trabalham neste período; educandos que não têm, em casa, ambiente e nem espaço para estudar; educandos que vivem a tensão e a insegurança que os pais experimentam devido às dificuldades econômicas e de relacionamento; educando que os pais não têm condições de ajudar na organização e no estudo porque não tiveram a oportunidade de estudar.

Para ilustrar segue o relato da situação do Isaac. A família do educando referido se encontra em uma situação como muitas outras do meio popular. Os pais vieram do interior de Santa Rosa, em 1998, para tentar a sorte na cidade de Porto Alegre. Chegando aqui, como muitos outros moradores da Vila Esmeralda, encontraram uma realidade completamente estranha aos seus costumes e modo de vida. Sentiram-se perdidos e desamparados e sem condições de sobreviver caso não encontrassem trabalho ou algum outro meio de obter recursos para alimentação e satisfazer outras necessidades básicas tais como higiene, saúde, pagamento das taxas de água, luz, etc. Após algum tempo o pai, com pouca escolarização, sabendo apenas assinar seu nome e soletrar algumas palavras conseguiu um trabalho na construção civil e a mãe, sem nenhuma escolarização, se pôs a fazer envelopes para uma empresa recebendo uma quantia irrisória por milheiro de envelopes feitos. O Isaac quando não está estudando ajuda a mãe. É um menino que tem dificuldade de aprendizagem e é muito desorganizado retratando um pouco sua condição familiar. A mãe atende as solicitações da escola com muita presteza e em diálogo com a Orientação Educacional da escola revelou sua impotência em relação a ajudar o filho no estudo e organização uma vez que ela não tem autoridade no seu relacionamento com o menino, no entanto, declarou acreditar que através do estudo, Isaac terá a possibilidade de enfrentar o dia-a-dia com menos dificuldades e sofrer menos do que seus pais.

Na compreensão dos entrevistados para valorizar as peculiaridades da cultura popular é preciso olhar com zelo a questão das diferenças culturais e também as diferentes culturas. A

construção do conhecimento no meio popular aumenta a capacidade de eficácia na medida que procura formas de valorizar a produção cultural. A cultura é fruto das intervenções do homem e ela se efetiva a partir da relação deste com os outros, com o meio e com as diferenças culturais. Para valorizar o contexto e a cotidianidade é preciso adentrar nos processos culturais e históricos dos educandos.

O educador popular demonstra-se aberto para acolher a realidade de cada educando e através de sua história também os aspectos culturais que o mesmo carrega consigo. Torna-se significativo relatar o exemplo da Orientadora Educacional que atua na Escola La Salle Esmeralda. A atitude da mesma provocou uma revolução no comportamento dos educadores e dos educandos. No início das atividades diárias ela é uma das primeiras a chegar e se posiciona no portão de entrada, recebe a todos, indiscriminadamente, alunos, pais, professores e outras pessoas que chegam à escola com um abraço e desejando boas vindas. A partir de então reduziu-se significativamente a agressividade entre os educandos e percebe-se que os mesmos gostam de estar na escola e a sentem como um espaço onde são bem-vindos e que a presença dos mesmos é querida e desejada e, todos, são acolhidos, valorizados e respeitados como seres humanos, independente da classe social, raça e etnia.

No contexto de construção do conhecimento característico da cultura popular existem elementos da cultura afro, portuguesa, indígena, japonesa, polonesa, alemã, italiana, espanhola e muitas outras e cada uma com suas peculiaridades que é necessário contemplar. Além dos aspectos culturais ainda tem-se a questão de gênero e etnias que também devem ser respeitadas e valorizadas no processo de construção do conhecimento.

Através da observação das atividades diárias, análise dos documentos e pesquisa feita com alunos e professores verifica-se a preocupação e o esforço dos educadores da Escola Fundamental la Salle Esmeralda para contemplar tanto a realidade do educando quanto a valorização dos saberes que os mesmos construíram através de suas vivências. Cabe ressaltar que a preocupação e o esforço é algo de bom que está acontecendo, porém, o limite situa-se na efetivação já que existem algumas dissonâncias a serem resolvidas quando se trata de concatenar os conhecimentos dos educandos e a valorização das peculiaridades da cultura popular com os conteúdos propostos e exigidos legalmente através dos Parâmetros Curriculares.

3.3.3 Considerando a complexidade da sociedade atual, mantendo flexibilidade, garantindo inclusão, valorizando a autenticidade cultural e problematizando

Na análise das respostas das entrevistas dialogadas realizadas para esta dissertação percebeu-se uma particularidade que depõe a favor e também contra os educadores. A favor de alguns educadores que têm mais flexibilidade e habilidade para fazer os vínculos dos conteúdos com a realidade, a vida e a cultura do educando. Contra aqueles professores, um pouco desatualizados, que apresentam pouca flexibilidade e certa dificuldade para superar os modos tradicionais de educar que consideram-se detentores do conhecimento e que devem apenas transmiti-lo ao invés de construí-los com a participação do educando.

No decorrer da pesquisa verificou-se que os entrevistados acreditam que, para a construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular, é importante manter o espírito aberto no sentido de favorecer a flexibilidade e o reconhecimento da presença de múltiplas possibilidades. Na construção do conhecimento, o inusitado, o insight, ocorre, com mais intensidade, nas mentes cuja consciência revela a crença na criatividade e na possibilidade de ampliar os horizontes e abrir o leque para a inovação e a acolhida de processos de mudança. Uma mente aberta e flexível suporta com naturalidade o questionamento e a crítica uma vez que vê nelas a capacidade de crescimento, aprendizagem e maturação. Uma mente aberta acolhe com mais facilidade as contribuições dos outros e aceita que os outros (educandos) também possam dar uma parcela significativa de contribuição na construção de novos saberes e no aperfeiçoamento do conhecimento já sistematizado.

A pesquisa revelou que é relevante ter noção e consciência da complexidade tanto dos sistemas como dos processos. A cultura popular apresenta uma infinidade de elementos que interagem com o sujeito com frequência, intensidade e abrangência colocando-o diante de uma rede de fatos, acontecimentos, informações e conhecimentos cujo desafio situa-se na necessidade de perceber que está diante de uma realidade complexa e que deve ser percebida, reconhecida e assumida como tal.

O educador popular, conforme a pesquisa, deve ter essa consciência e preparar-se para lidar com a complexidade da realidade que constitui o palco de ação no dia-a-dia do educando. Hoje, mais do que nunca, o momento histórico interpela os indivíduos a assumirem uma atitude de abertura no sentido de incluir ao invés de excluir. O ambiente da cultura popular é um espaço em que urge a necessidade de movimentos em direção à inclusão, acolhida e solidariedade. A aceitação da complexidade como espaço de ação dá ao sujeito maior flexibilidade para aceitar as diferenças tanto individuais como culturais. O diferente

deve ser compreendido como possibilidade e não como dificuldade, uma vez que se constitui num fator de qualificação do processo de construção do conhecimento. Aceitar as diferenças demonstra capacidade, indispensável ao educador popular, de incluir o outro no processo e torná-lo partícipe, como sujeito, do movimento em busca do saber, na construção da autonomia e da consciência crítica.

Outro elemento apontado pela pesquisa é a autenticidade. O educador popular jamais pode deixar calar dentro de si a inquietude pela busca daquilo que é próprio da cultura popular, ou seja, a sua autenticidade. É gratificante o processo que leva à compreensão dos elementos que a caracterizam. Para se chegar a isso não basta trabalhar para, é preciso estar com as classes populares e participar do seu modo de ser e viver no cotidiano. O pesquisador tem-se questionado com frequência sobre o que é autêntico no modo de ser e viver de uma cultura e convenceu-se que só participando da mesma se consegue, com muita sensibilidade e observação, resolver esse dilema. Confessa, a exemplo de Sócrates, a sua ignorância e reconhece que é difícil identificar aspectos que apontem ou não para a autenticidade no modo de ser e de viver dos moradores da Vila Esmeralda. No entanto acredita-se que a simplicidade, solidariedade, espírito de luta, esperança, confiança na força coletiva, busca do conhecimento e consciência crítica, envolvimento político e criatividade para evitar alienação e ideologização são aspectos que revelam o modo de ser e viver que é próprio dos moradores da Vila Esmeralda. Na pesquisa se verificou que os educadores consideram significativo valorizar a autenticidade, mas também se percebeu que não conseguem identificar com clareza aquilo que é ou não autêntico em determinada cultura.

Para a construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular é necessário refletir e fazer o confronto da realidade do educando de periferia com outras realidades diferentes desta. É preciso problematizar as realidades e ajudar os educandos a compreender os motivos pelos quais são realidades organizadas em condições e modos completamente diferentes. O educando do meio popular precisa entender porque seus pais têm dificuldade de encontrar trabalho, e porque, quando encontram, ganham pouco; por que não têm acesso à saúde, educação, moradia, lazer de qualidade etc. enquanto que uma pequena parcela da sociedade tem o privilégio de ter o conforto necessário para viver na opulência.

3.3.4 Ressaltando a importância da afetividade e resgatando a auto-estima

A construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular precisa levar em conta a necessidade afetiva inerente à pessoa humana. Em se tratando de educandos

que vivem em ambiente de tensão, agressão e violência é fundamental que façam a experiência de sentirem-se acolhidos, queridos e amados no decorrer do processo formativo. O sujeito que vivenciou a maior parte de suas relações com pessoas significativas para sua história pessoal de forma agressiva ou com importante presença da agressão, tende a adotar esse tipo de comportamento porque foi dessa forma que aprendeu a se relacionar com as pessoas com as quais tem contato com mais frequência. É um sujeito que precisa conhecer outras formas de relacionamentos e fazer outras experiências significativas de acolhida, respeito, valorização, compreensão, tolerância e diálogo. Na medida em que o sujeito vivencia relações mais tranquilas, mais harmônicas e menos agressivas, a tendência é que responda demonstrando mais tolerância, compreensão e capacidade para dialogar e se expressar com confiança e serenidade.

O educador popular é desafiado a demonstrar afeto e interesse tanto no conhecimento do educando e sua história de vida, bem como na busca de estratégias para levá-lo a aumentar sua auto-estima e o sentimento de valorização. Existem muitas técnicas grupais que podem ser usadas para estimular a construção de relações mais maduras e que favoreçam o crescimento na auto-estima. Os educadores podem prever técnicas em que os educandos consigam se tocar e sentirem o prazer de participar em atividades com outros educandos e possam também ter o sentimento de serem aceitos valorizados e queridos pelo grupo. Na mesma atividade é possível criar momentos em que o sujeito possa expressar seus sentimentos e sentir-se ouvido, compreendido e estimulado, crescendo assim na consolidação da auto-confiança e aprofundamento da auto-estima.

Educandos que se reconhecem capazes de assumir a construção de sua autonomia, que valorizam a própria cultura e as conquistas cotidianas, possuem maior potencial e capacidade cognitiva para aceitar o desafio de construir a própria história com coragem e ousadia superando os limites e as dificuldades para construir, passo a passo, uma nova realidade e uma cultura com maior potencial de reconhecimento e valorização.

3.3.5 Mantendo rigor científico e favorecendo a pesquisa

Na concepção dos educadores pesquisados a construção do conhecimento contemplando as peculiaridades da cultura popular, não se pode fechar os olhos para o rigor científico. Cabe ressaltar que Paulo Freire tem a mesma visão e argumenta intensamente a favor da construção do conhecimento a partir do rigor científico. A construção do conhecimento que não assume o caminho da cientificidade acaba permanecendo no senso

comum. Este também é importante, porém, não suficiente para quem quer intervir qualitativamente no processo histórico como sujeito ativo. O educador popular não pode permanecer no senso comum ele precisa ser mais ousado e buscar o conhecimento com mais profundidade sendo um profícuo seguidor do rigor científico e da pesquisa científica.

A pesquisa científica fornece ao educador popular e aos educandos, os fundamentos necessários para argumentar e demonstrar com clareza e precisão suas construções teóricas e efetivações práticas de modo a provocar o convencimento sobre a veracidade de suas construções cognitivas. A construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular oportuniza aos educandos do meio popular o acesso ao conhecimento teórico para sustentar sua visão pragmática da realidade. O educador popular deve empenhar-se no sentido de ajudar o educando a fazer as conexões entre os dados teóricos e aplicação dos mesmos na prática do cotidiano, ou seja, ajuda o educando a sistematizar os argumentos e a construir teorias que sustentem as razões pelas quais a prática é válida e confiável. O educador popular não pode ignorar que toda prática é reveladora de uma teoria e que a teoria facilita a compreensão dos mecanismos presentes na efetivação da prática.

A construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular tem como aliados a criatividade, dinamicidade e capacidade de inovação. Todo processo de construção do saber conta com a criatividade e, em se tratando de construção do conhecimento nos meios populares, com maior razão, faz-se necessário utilizar todos os caminhos e possibilidades para tirar o máximo proveito da criatividade de todos os envolvidos no processo. A criatividade instiga os sujeitos a buscarem novas alternativas e abre os horizontes a fim de dar ao processo, dinamicidade e fecundidade. A inovação é meta de sujeitos dinâmicos, ousados e criativos.

A cultura popular é dinâmica e a construção do conhecimento é mais prazerosa na medida em que o educador conseguir motivar o educando e mediar a produção do conhecimento usando, por exemplo, as condições de vida e de moradia dos educandos contrapondo-as com o direito à habitação, saúde e alimentação saudável como instigação a refletir sobre a necessidade de consciência política e de assunção do papel de cidadãos tanto exigindo propostas políticas claras e endereçadas ao bem-comum, bem como controlando a efetivação das mesmas.

Um exemplo marcante de participação e envolvimento político foi o desafio lançado nas aulas de filosofia. Na cidade de Porto Alegre ocorre o Orçamento Participativo, através do qual as comunidades são convidadas a participar na eleição das obras prioritárias em cada região. Todos os anos a Escola Fundamental La Salle Esmeralda é palco de encontros das

comunidades para nomear os delegados e debater as prioridades a serem defendidas na grande plenária regional. Através das aulas de filosofia, se desafiou os educandos a participarem dos encontros e a colaborarem com sugestões. Foi uma experiência que rendeu idéias para muito diálogo e discussões nas aulas que se sucederam uma vez que se tratava de envolvimento com assuntos inerentes à realidade do educando e isso os instiga e os empolga.

Ainda é possível usar a criatividade e inserir no processo de construção do conhecimento elementos da cultura do educando ligados à música, canto, arte, dança, teatro, pintura, escultura e outras formas de expressão popular que estão relacionadas ao dia-a-dia dos educandos. Além de convidar os sujeitos a refletir sua cultura e seus valores é possível garantir aos mesmos, a oportunidade de expressarem-se e revelarem suas potencialidades experimentando momentos significativos onde é possível trabalhar a autonomia e o sentimento de liberdade. Vale a pena relatar o caso do Derick. O educando em pauta demonstra pouco entusiasmo e interesse para concentração e estudo, porém, é um exímio articulador político e organizador de atividades grupais. Com sua iniciativa deu-se início a um grupinho de pagode e o momento de ensaios acontece durante o intervalo das aulas. Com o tempo o ensaio do grupo tornou-se atração e hoje quando o grupo faz seus ensaios já conta com uma fiel platéia que participa ativamente desse momento de amizade e descontração. Com o sucesso do grupo e o gosto pela música, surgiu uma nova realidade e outros educandos passaram a demonstrar interesse pela música e criaram um grupo de tocadores de flauta que, com muito empenho, estão aperfeiçoando, no período inverso ao das aulas, tal habilidade. Nessa situação percebe-se, com clareza, a diversidade de interesses e a criatividade dos educandos em uma ação típica da cultura popular.

3.3.6 Conscientizando para opções ideológicas claras comprometidas com um processo de conquista da autonomia, liberdade e igualdade que desemboca no exercício de atitudes solidárias e fraternas.

A construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular deve levar os sujeitos do processo a estabelecerem para si opções ideológicas claras. Ao educando é necessário oportunizar a consciência de que as ideologias estão presentes no cotidiano de todo cidadão e somente através de escolhas livres, autônomas e maduras se pode fugir dos efeitos alienantes das ideologias. Os educandos dos meios populares têm o direito de saber que existem ideologias que querem restringir a liberdade e autonomia e que só a partir de cidadãos com consciência crítica e astúcia cognitiva é possível compreender com clareza

aquilo que deve ser valorizado para criar uma sociedade de pessoas mais conscientes e mais livres.

A produção do conhecimento valorizando as peculiaridades do meio popular deve desafiar o educando a experimentar o exercício da autonomia. O processo de construção do conhecimento deve propiciar aos educandos de periferia a participação em condições de atuar ativamente nos momentos de decisão. Somente sujeitos que têm oportunidade de opinar e decidir conseguem maturar sua capacidade de autonomia e buscar permanentemente a liberdade de opinião e ação.

Penso que a liberdade, como gosto necessário, como impulso fundamental, como expressão da vida, como anseio quando castrada, como ode quando explosão de busca, nos vem acompanhando ao longo da história. Sem ela, ou melhor, sem luta por ela, não é possível criação, invenção, risco, existência humana. (FREIRE, 2004, p. 161)

A Escola Fundamental La Salle Esmeralda reflete permanentemente sobre a busca da melhor forma de criar espaços para os educandos se manifestarem com autonomia e expressarem suas idéias com espontaneidade e liberdade. Criou-se, com esse intuito, um espaço para a formação de lideranças e tem sido uma experiência de grande valia uma vez que os participantes são desafiados permanentemente a interagir e a expressarem seus pontos de vista no grupo e a defenderem suas idéias fundamentando-as com argumentos e pela persuasão através do diálogo e da oratória.

Quanto maior o grau de autonomia do sujeito maior será o desejo de liberdade. Sujeitos com pouca autonomia são dependentes e alienados, ao passo que sujeitos autônomos têm mais condições de refletir e de exercitar a consciência crítica bem como estão mais cientes de que a liberdade de expressão e ação é um direito do ser humano e é uma possibilidade para quem busca, com convicção, a autonomia e a consciência crítica. Conforme Paulo Freire, a “criticidade faz parte da natureza mesma da vida. É condição necessária a que a vida se plenifique, a que a vida se alongue em existência” (1999, p. 198).

Na pesquisa evidenciou-se a preocupação dos educadores em valorizar a igualdade de direitos e deveres quando do exercício do papel de cidadãos conscientes e autônomos. Indivíduos autônomos e livres não vivem em uma redoma, pelo contrário, são sensíveis às necessidades dos outros e estão atentos para defender a igualdade de direitos para todos, bem como, desafiam a todos para assumirem com responsabilidade e liberdade os deveres de indivíduos comprometidos com o meio cultural em que vivem e de cidadãos conscientes das responsabilidades sociais. A igualdade de direitos e deveres dá a cada cidadão a consciência de fazer parte de uma sociedade onde, todos, têm possibilidades e também responsabilidades.

O exercício destes direitos e responsabilidades se efetiva com justiça e liberdade por se tratar de opções maduras da cidadania que tem em vista o bem comum.

Na construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular é significativa a prática da fraternidade e da solidariedade. Na ausência desses dois elementos tem-se sujeitos individualistas e pouco comprometidos com projetos sociais de valorização e respeito aos outros. O exercício da solidariedade e da fraternidade torna as pessoas sensíveis às necessidades dos outros e gera um processo de comprometimento e cumplicidade. O meio popular revela uma realidade que interpela a todos, ao exercício da solidariedade uma vez que se trata de um contexto onde verifica-se a ausência de capacidade econômica, de condições saudáveis de alimentação, boas condições de saúde, educação, moradia entre outras. São ausências que abrem a possibilidade de sensibilizar as pessoas para gestos de solidariedade e fraternidade.

Através da observação do cotidiano das pessoas do meio popular não é difícil verificar com alguma frequência, testemunhos de pessoas que sentem satisfação e muita alegria em poder ajudar os outros em suas necessidades. Nos tempos atuais tem-se dificuldade de acreditar que existem pessoas que sentem alegria ao ver os outros felizes, no entanto, pode-se afirmar que nos meios populares existem pessoas simples e humildes capazes de gestos grandiosos de solidariedade, fraternidade e amor ao próximo necessitado bem como de proteção ao meio ambiente. Nesse quesito, a pesquisa revelou que a Escola Fundamental La Salle Esmeralda dá grande importância às atividades que visam aprofundar a preparação dos educandos tendo em vista o exercício da fraternidade e da solidariedade bem como o comprometimento social em favor do respeito à igualdade de direitos e deveres do cidadão. É um compromisso inalienável da escola, a insistência na formação de educandos capazes de gestos direcionados ao bem-estar e à felicidade dos outros. Pode-se dizer que, quanto à preparação para atitudes fraternas e solidárias, a escola propõe diversas experiências e oportunidades de efetivação dando ao educando condições de fazê-lo com relativa intensidade, abrangência e qualidade.

3.3.7 Compreendendo os processos relacionais dos sujeitos que vivem no meio popular.

Nesta pesquisa transpareceu a necessidade do educador ter consciência e compreensão acerca dos modos de se relacionar do sujeito do meio popular. Cabe argumentar, a partir de vivências, que os sujeitos do meio popular pautam suas relações a partir de suas condições reais de vida. Sujeitos com vocabulário limitado, afetividade comprometida pelo sofrimento,

dor, tensões, desprezo, desafeto, agressão e pouca capacidade de argumentação, não conhecimento dos meios legais para solucionar situações de conflito. O convívio com estes sujeitos evidencia que tendem a ter dificuldades para relações autônomas e maduras, de modo que o educador popular precisa estar ciente disso e propor alternativas para levar o educando a atingir um grau maior de autonomia e maturidade.

É oportuno mencionar o caso da Andressa. É uma adolescente muito nervosa e, às vezes, um olhar já é motivo para que ela parta para o ataque, agredindo aos outros. Conhecendo sua história, é fácil perceber que seu comportamento tem determinadas origens e motivos. Trata-se de uma pessoa incompreendida pelos pais, não tem direito de se manifestar, vítima de repressão quando realiza movimentos para buscar maior autonomia, tem baixa auto-estima, é tímida, possui dificuldades para argumentar e se expressar.

O educador percebeu que era necessário fazer algo em benefício da Andressa. Com um diagnóstico bem detalhado da situação da mesma, tratou de propor atividades para melhorar a qualidade de vida e o modo de se relacionar da adolescente. Foi necessário a participação da família uma vez que os pais precisavam compreender que também tinham que mudar o modo como eles se relacionavam com a Andressa. Tem-se obtido progressos significativos, a adolescente mudou seu temperamento e os pais demonstram maior sensibilidade para com ela de modo que tanto os pais como a Andressa demonstram maior maturidade e mais qualidade nos relacionamentos. Isso foi possível porque o educador popular procurou conhecer a educanda, sua realidade e a maneira de se relacionar e acredita no potencial da mesma para transpor obstáculos e progredir no auto-conhecimento, no conhecimento do outro, da cultura e do meio em que vive e também acredita que a cada dia que passa a pessoa, quando ajudada, tem condições de ser melhor e atingir um grau maior de satisfação e auto-realização.

Hoje, a Andressa, surpreendentemente, demonstra ousadia, pois ela já consegue, com algum receio ainda é claro, manifestar seus sentimentos com alguma espontaneidade e defender idéias com certo grau de convicção. Claro que ela tem um longo caminho a percorrer mas é gratificante perceber que diante da situação constrangedora e traumática em que se encontrava conseguiu encontrar força e energia para crescer como pessoa e buscar maior autonomia.

3.3.8 Usando e favorecendo o uso da imaginação.

Seguindo a reflexão podemos apontar para a necessidade de contemplar como relevante o exercício da imaginação na construção do conhecimento. A mesma demonstrou-se fiel

aliada das pessoas que freqüentam os espaços reconhecidos como sendo de construção da cultura popular. Os educadores populares, no processo de construção do conhecimento, são desafiados, a cada dia, a instigar os educandos a valorizar o exercício da imaginação para encontrar a melhor forma de atingir o saber e compreender os mecanismos imbricados nas diferentes propostas ideológicas e decisões políticas. Tendo a criatividade e a imaginação como aliados, o educador tem a complexa missão de tornar o processo de construção do conhecimento acessível e prazeroso motivando o educando a assumi-lo como parte de sua formação, portanto, também de sua história. Ao chegar a essa compreensão, o educando tem a possibilidade de assumir o processo formativo como sendo significativo na preparação para a vida e na definição do seu modo de ser e agir.

Aos moradores do meio popular não é difícil perceber a imaginação como uma aliada uma vez que são obrigados usá-la constantemente para encontrar formas de buscar o suprimento das ausências de recursos, moradia, alimentação, lazer e tantos outros direitos que lhe são negados. Através da imaginação, encontram caminhos e novos mecanismos para suprirem suas necessidades e, ao mesmo tempo, acrescentam à cultura popular novos elementos e conhecimentos mais complexos. A imaginação os ajuda a tomar consciência que são detentores de ampla capacidade e são exímios desveladores de situações problemas.

No envolvimento com a realidade cotidiana e a complexidade de experiências, conhecimentos e informações, o educando do meio popular se vê diante de situações problemas que devem ser, por ele, assumidas e resolvidas. Sendo assim, pode-se considerar que o meio popular constitui-se num espaço de ousadia e de desafios em que aos sujeitos do processo se apresenta como uma realidade complexa e enigmática.

Para desvendar enigmas, os sujeitos do meio popular revelam-se eficientes uma vez que, para os mesmos a própria vida é enigmática. Nessa afirmação entra certa dose de ironia uma vez que o desejo é apontar para algumas dificuldades dos moradores do meio popular tais como resolver o enigma de encontrar meios de fazer com que os filhos cheguem à escola quando não têm dinheiro para comprar passagens de ônibus. O enigma de obter a alimentação quando o que ganham é suficiente para comprar apenas metade do que necessitam. O enigma de manterem-se vivos quando marcam uma consulta e precisam aguardar um ano até serem atendidos. O enigma de conseguir acesso a uma faculdade quando não dispõem de recursos nem para se deslocar até a universidade. O enigma de melhorar as condições de vida quando assistem seus representantes usando as artimanhas mais variadas e imorais para obter o máximo de proveito privado dos bens públicos. Poder-se-ia continuar nomeando situações enigmáticas em que os moradores dos meios populares se deparam com percepções que dão a

nítida impressão de um beco sem saída. Porém cabe ressaltar que diante de tantos enigmas, os sujeitos de construção da cultura popular estão cada vez mais convencidos, organizados e conscientes de que são sujeitos da história e que através de intervenções qualificadas e maduras conseguem mudar o rumo da mesma para tornar a sociedade mais justa e igualitária.

3.3.9 - Estimulando o diálogo

Para a teoria da Educação Popular, o diálogo é fundamental no processo de construção do conhecimento que valoriza as peculiaridades da cultura popular. Hoje, é difícil pensar em construção do conhecimento sem a possibilidade do diálogo. Paulo Freire é um pensador convicto da eficácia do mesmo e entende que se constrói o saber por intermédio de trocas e o diálogo se constitui num fator preponderante. Em oposição à educação bancária, Freire propõe a educação problematizadora como aquela que se baseia no diálogo porque problematizar é realizar o "ato cognoscente". A "relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível" (FREIRE, 2005, p. 77-78).

O diálogo facilita a comunicação entre os sujeitos do processo e cria condições favoráveis para a manifestação de idéias e sentimentos. Pelo diálogo, os sujeitos explicitam detalhadamente e de forma articulada os mecanismos que interagem no processo e encontram espaço para sustentar suas construções cognitivas. O diálogo instiga o sujeito a sair de seu campo de domínio e abrir-se favorecendo assim a acolhida do outro como partícipe e sujeito da construção cognitiva. O diálogo remove os obstáculos, rompe com os paradigmas e favorece a intersubjetividade. É oportuno dizer que na construção da cultura popular, o diálogo se torna decisivo uma vez que as pessoas têm pouca escolaridade e não conseguem expor suas idéias e sentimentos através da escrita de modo que se reforça com maior intensidade a tradição e a linguagem oral características da cultura popular, desse modo ganha força o diálogo como instrumento da educação vinculada aos sujeitos da cultura popular. A linguagem oral torna-se o principal meio de comunicação e a forma mais comum de expressão do modo de ser e dos valores da cultura popular. Muitas pessoas do meio popular não sabem ler e nem escrever, mas conseguem e sabem falar. É pela fala que se expressam, se revelam e revelam seu modo de ser.

O seu Antônio, morador da Vila Esmeralda, natural de Erechim, nascido em 1948, e pai de três filhos, não sabe ler e nem escrever. É uma pessoa que até tentou estudar mas mal aprendeu a assinar seu nome. Quando se trata de escrever algo ele titubeia e não se entusiasma

nem um pouco, revelando que se trata de uma tarefa da qual não consegue dar conta. Mas o fato de não usar a linguagem escrita não impediu seu Antônio de desenvolver com criatividade e muita perícia a oralidade. Tratando-se de falar, argumentar e contar histórias, para ele, não é nada complicado, pelo contrário, tem prazer de socializar os resultados dessa sua prazerosa habilidade. Seu Antônio fala como ninguém, com desenvoltura invejável e sempre tem assunto para alegrar e descontraír os espaços onde está inserido. Quando o ambiente exige, ele sabe usar com destreza a capacidade argumentativa e consegue captar a atenção de todos e, quando se empolga, profere discursos comovedores arrancando aplausos das pessoas que o cercam. O fato de não desenvolver a habilidade da escrita não o limitou na possibilidade de usar mais intensamente a oralidade e fazer dela um importante meio de comunicação e expressão. É através da oralidade que o seu Antônio resolve a maioria dos problemas do dia-a-dia e se insere no processo de construção da cultura no meio popular.

3.3.10 - Refletindo as diferenças de gênero, raças e etnias.

No decorrer da pesquisa os educadores populares declararam acreditar na importância de contemplar, na construção do conhecimento, as diferenças de gênero, raça e etnias. Reconheceram que, atualmente, está em voga a busca, com mais intensidade, de reflexões e ações tendo em vista os termos acima elencados. A questão de gênero vem criando reflexões acaloradas e gerando discussões acirradas quando, por um lado, se trata de analisar as relações de poder e a participação no mercado de trabalho e, por outro, na ocupação dos espaços decisórios tanto no nível político como econômico, social e religioso.

Percebe-se que a mulher despertou, tomou consciência de sua condição e investiu na busca de um espaço que até então lhe fora e é negada a participação. Encontrando-se submissa aos homens quando se trata de relações de poder, as mulheres entenderam que está na hora de agir e encontrar o caminho da autonomia e liberdade. Partiram para a luta e reagiram, bravamente, buscando superar a resignação e dominação. Aos poucos estão recuperando a auto-estima e revelando capacidade para assumir espaços na sociedade com tanta competência quando a dos homens e, às vezes, até com mais competência e presteza.

Uma vez que a presente pesquisa pretende aprofundar a construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular, cabe uma reflexão a respeito da questão do gênero nos meios populares. Ressalvado pela vivência no meio citado e pela observação de vários anos o pesquisador se autoriza a dizer que o processo de tomada de consciência e de conquista de autonomia e liberdade é mais lento do que alguns setores da sociedade em que as

mulheres são mais esclarecidas, têm mais oportunidades de trabalhar fora de casa e são menos dependentes economicamente dos maridos. Nos meios populares, as questões de gênero são pouco refletidas porque as pessoas precisam investir muito tempo no trabalho para buscar a subsistência e sobra pouco tempo e oportunidades para conversar e refletir a respeito das relações de poder.

Com isso, de modo algum, se está dizendo que não existe reflexão e busca, pelo contrário, sem sombra de dúvida, o processo está ganhando forma mas devemos reconhecer que, nos meios populares, é um pouco mais lento e levará mais tempo até que as mulheres conquistem a autonomia e liberdade necessária para estabelecer relações em que possam preservar seus direitos de participação e espaços de valorização e auto-realização.

Um exemplo disso é a luta da Maria Gorete. Moradora da Vila Esmeralda, natural de Concórdia, nascida em 1964, mãe de três filhos sendo um deles adotivo, engajada nos movimentos comunitários e casada com seu Rodolfo. Ela tem lutado e, como é boa estrategista, têm conseguido, aos poucos, dar passos em direção à autonomia e liberdade. Como tinha pouca escolarização, convenceu-se que deveria aumentar seu nível de conhecimento e uma das formas possíveis era através do estudo, foi quando decidiu se lançar na luta para alcançar tal meta. A primeira barreira encontrou na própria casa, uma vez que seu Rodolfo não admitia que sua mulher saísse à noite para estudar. Com muita conversa ela o convenceu a concordar e acabou tendo o seu consentimento. Com o tempo os horizontes se abriram e surgiram propostas para trabalhar fora de casa. Travou-se nova batalha porque o Rodolfo fixou-se na idéia de que lugar de mulher é em casa para cuidar dos filhos e agradar o marido. Maria Gorete não se conformou com a intransigência do marido e novamente argumentou que, trabalhar fora, seria bom para ela e também para a família uma vez que poderiam gozar de maior conforto. Nas batalhas geralmente ocorrem ganhos e perdas e no caso de Maria Gorete não foi diferente, uma vez que persistiu na sua intenção, começou trabalhar fora e após algum tempo ficou sem marido. Não deixou a peteca cair, continuou a luta e consolidou a convicção de que é necessário enfrentar com muita ousadia e coragem as ações que buscam diminuir a autonomia e a liberdade das pessoas. Hoje é Conselheira Tutelar e continua atuando na defesa do direito à vida e respeito à autonomia e liberdade.

Mesmo transparecendo com evidência, na pesquisa realizada, a relevância de abordar questões de gênero na construção do conhecimento, se percebe que os educadores da Escola Fundamental La Salle Esmeralda têm trabalhado pouco o assunto com seus educandos. Tal constatação nos representa, até certo ponto, um dilema. Se por um lado verifica-se a importância de trabalhar questões de gênero na construção do conhecimento, por outro, tem-

se a surpresa de ouvir dos educadores que estão faltando quando se trata de colocar em prática suas convicções. Sendo assim, é oportuno reconhecer a necessidade de encontrar mecanismos para favorecer ações mais frequentes contemplando o tema supracitado.

Além de refletir as relações de poder caracterizadas a partir das diferenças de gênero também é necessário olhar para as diferenças de raças e etnias. No ambiente popular, como em outros ambientes, verifica-se a presença de pessoas procedentes de diferentes raças que carregam consigo características originárias na cultura e da raça da qual o sujeito faz parte e com a qual se identifica. Uma vez percebidas estas diferenças o educador popular é mais uma vez desafiado a encontrar o melhor caminho para valorizar e tolerar todas as raças aproveitando a riqueza de valores e experiências de cada sujeito num gesto de acolhida e respeito a todas as raças como componentes da construção histórica e cultural dos povos.

Abordou-se até aqui a importância de incluir na construção do conhecimento as questões de gênero e raciais e não se pode omitir a relevância de contemplar os diferentes grupos étnicos. A título de exemplo pode-se citar os grupos indígenas, os afros, os ciganos e outros. A construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular deve criar formas de conscientizar para atitudes de empatia e comprometimento com a garantia de valorização e dos direitos desses grupos étnicos. É preciso despertar os educandos para perceberem-se responsáveis por criar atitudes de tolerância, respeito e valorização dos diferentes grupos étnicos.

Na Escola Fundamental La Salle busca-se a conscientização e a construção de atitudes de tolerância e respeito às diferenças raciais e étnicas. É um espaço aberto a todas as raças e a todos os grupos étnicos e trabalha-se com sensibilidade quando se trata de valorizar as riquezas que cada sujeito traz a partir do saber já construído independente de sua raça ou grupo étnico de modo que todos têm oportunidade de expressar a riqueza da raça ou grupo étnico a que pertence. Os educadores pesquisados mostraram que trabalham com frequência e refletem intensamente as questões de cunho racial e étnico. Também declararam preocuparem-se com a situação de grupos étnicos que são discriminados, são vítimas de preconceitos e de desrespeitos no âmbito social. O fato de trabalhar não quer dizer que, na prática, se atingiu a meta.

3.3.11 Aproveitando a ludicidade

A construção do conhecimento ressaltando as peculiaridades da cultura popular tem como desafio explorar os aspectos lúdicos da cultura em pauta.

A seriedade não precisa ser pesada. Quanto mais leve é a seriedade, mais eficaz e convincente é ela. Sonhamos com uma escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas dedicada, séria e competentemente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar, de aprender, de conhecer não transforma este que-fazer em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar-aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. (FREIRE, 2004, p. 171).

No processo educativo tem-se obtido avanços extraordinários na construção do conhecimento usando atividades lúdicas. A ludicidade estimula o sentimento de prazer na execução de tarefas e torna a construção do conhecimento mais criativa e interessante. Quando o educando realiza uma tarefa com satisfação e prazer, ativa a capacidade anímica, se envolve de corpo e alma, aumentando o grau de significação e valorização das conquistas ao longo do processo de construção do saber. O educando consegue dar sentido ao seu agir e traçar metas em conformidade com seus anseios e ideais de vida.

A ludicidade oferece ao educando a possibilidade de intuir e encontrar caminhos novos para compreender que a construção do conhecimento não deve ser uma tarefa árdua e pesada mas, ao contrário, é uma construção interessante, agradável, significativa, desejável, envolvente, participativa, desafiadora e prazerosa. A ludicidade projeta o indivíduo com convicção e entusiasmo em direção aos processos de construção do conhecimento tornando-o mais ativo e participativo uma vez que o mesmo almeja vislumbrar horizontes mais amplos e aumentar seu potencial de reflexão e compreensão dos processos subjetivos e a relação desses com os processos objetivos de construção do conhecimento.

A ludicidade tem-se revelado fator de inclusão e tem sido eficaz quando se trata de cativar e motivar os sujeitos na busca do saber. Atividades lúdicas favorecem o uso da criatividade e oportuniza aos sujeitos envolvidos, espaço para revelarem tanto as suas habilidades bem como suas capacidades de criação e inovação.

A ludicidade torna o processo de construção do saber mais dinâmico e cria mecanismos que atuam em favor da superação das certezas e projeta os sujeitos em direção ao indeterminado e incerto. A incerteza, num primeiro momento, gera insegurança e dúvida mas é a partir do incerto e da dúvida que é possível chegar à reflexão e encontrar novas alternativas e demonstrar que as certezas também apresentam limites e que podem ser superadas ou melhoradas por intermédio da reflexão, análise, estudo e pesquisa.

A ludicidade facilita movimentos dos sujeitos no sentido de revelarem seu modo de ser e agir. É um espaço precioso para o educando se expressar e revelar aos outros o seu modo de se relacionar. Também ajuda a processar tanto os efeitos das estruturas internas como das

externas que intervêm na construção do conhecimento bem como para habilitá-lo a interagir com qualidade na complexa rede de mecanismos que atuam sobre o educando e sua cultura.

Sem sombra de dúvida, a ludicidade inseriu na construção do conhecimento novos mecanismos e tem servido como caminho para, diante das incertezas do século XXI, ser uma luz e superar o ceticismo em relação às condições de possibilidade da construção do conhecimento superando o mecanicismo e o materialismo vulgar para contemplar processos que garantam a valorização do ser humano, sua autonomia e liberdade e favoreçam a construção de sociedades mais justas, fraternas, solidárias e comprometidas com o respeito e proteção ao meio ambiente.

3.3.12 Contemplando a mística popular.

A construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular encontra na mística dos moradores desse contexto, elementos valiosos que são reveladores de um espaço simbólico cultivado e preservado pelos mesmos. A mística popular revela o lado sensitivo dos moradores da periferia. Através de um modo próprio de crer, voltado mais ao sentimento, ao coração e menos à razão, os sujeitos da cultura popular expressam um modo próprio de transcender os limites da capacidade de compreensão e entram num processo de valorização do imaginário. Através de uma fé embasada mais no coração do que na razão, encontram energia e iluminação para através de sua crença impulsionar as ações cotidianas com convicção e enfrentar as situações positivas e os percalços da vida confiantes na presença, ajuda e proteção divina, porém, sempre com muito realismo e consciência de que quem dá o tom e o rumo ao processo histórico são as intervenções dos sujeitos.

A mística popular não é um mecanismo apenas alienante como se ouve muitas vezes na fala dos que não a vivenciam e pouco conhecem a realidade da cultura popular. O fato de ser ou não alienante está muito associado ao modo como essa mística é assumida e como os indivíduos encaram a presença e a influência dos sentimentos direcionados à expressão mística da vida e das culturas populares. Antes de qualquer tentativa de descaracterizar a mística popular é necessário reconhecer que se trata de um valioso instrumento de organização uma vez que corrobora na tomada de consciência a respeito da situação de vida e das necessidades dos moradores da periferia. Sem sombra de dúvida, ajuda os sujeitos a superar o individualismo e a olharem para a realidade que os cerca com sensibilidade e abertos para atitudes coletivas de inclusão, partilha, cooperação, flexibilidade e solidariedade.

A mística popular faz com que os moradores da periferia encontrem motivos e forças para superar as dificuldades e as barreiras do cotidiano. A expressão do sentimento místico tem sido valorizada pelas pessoas simples como suporte para encontrar luz quando a realidade se revela obscura, ofuscada e muitas vezes até dramática. As pessoas que conseguem confiar no potencial restaurador da expressão do misticismo popular conseguem aumentar a autoconfiança em si e na capacidade coletiva de buscar a libertação. Pessoas que fazem experiências místicas fundantes são mais serenas, menos sujeitas à instabilidade, abertas para encarar a vida com realismo e apresentam certo grau de tranquilidade.

O educador popular não pode ignorar que os educandos participam dessa realidade e da construção da cultura popular, logo, carregam consigo os efeitos produzidos pelas crenças, valores, modo de ser e viver de seus antepassados e da cultura da qual fazem parte. Os educandos sofrem os efeitos da ação dos movimentos do processo histórico e são levados a adotar comportamentos e modos de ser de acordo com o contexto e meio onde se encontram inseridos.

O educador tem diante de si o desafio de valorizar a expressão da mística popular como possibilidade de conhecimento. Trata-se de aproveitar a expressão desses aspectos imaginários para aproximar os educandos de um processo de construção do saber focado na politização, problematização e na construção da consciência crítica e compromisso coletivo em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e solidária.

3.3.13 Compreendendo e valorizando a linguagem popular

A Construção do conhecimento contemplando as peculiaridades da cultura popular remete os educadores ao entendimento da linguagem. Os sujeitos da cultura popular têm um modo próprio de comunicarem-se e de expressarem-se de modo que a linguagem se diferencia da de outros setores da sociedade que não são de construção da cultura popular.

A linguagem dos moradores do meio popular retrata a realidade da cultura na qual estão inseridos. É um contexto caracterizado por processos diferenciados de aquisição do saber em que os agentes são pessoas simples, com pouca escolaridade, sofrem as consequências da dominação e exploração típica da sociedade capitalista, são marginalizados e esquecidos pelo poder público, adotados pelos traficantes, discriminados pelo fato de pertencerem ao meio popular e morarem em vilas ou favelas.

Podemos nos perguntar: O que isso tem a ver com a linguagem? Também podemos navegar em águas mais profundas, para refletir e concluir que é através da linguagem que os

indivíduos do meio popular expressam seus sentimentos, seu modo de ser e viver. A linguagem entra de forma decisiva no processo de construção do saber. Por intermédio dela os indivíduos conseguem superar os limites do eu para abrirem-se em direção ao acolhimento do outro. É através da linguagem que os sujeitos conseguem detalhar aspectos significativos e peculiares da cultura e da história.

Os sujeitos do meio popular usam expressões e palavras cujo sentido e significado é compreendido apenas por indivíduos que fazem parte do contexto e do cotidiano dos mesmos. Fora do contexto certos elementos da linguagem popular tornam-se descabidos e desprovidos de significação. Portanto o educador que não compreende a linguagem que circula no contexto da cultura popular tem dificuldade de aproveitar com eficácia, os conhecimentos dos educandos. Para ter êxito no processo educativo é conveniente que o educador procure compreender os diferentes códigos de articulação da linguagem e os mecanismos que atuam no modo de comunicação e expressão dos sujeitos do meio popular.

Pode ainda ocorrer a pergunta: Como é possível construir o conhecimento valorizando a linguagem popular? Limitar-me-ei a citar apenas um exemplo entre tantos que poderia nomear. Por que não convidar uma daquelas pessoas que gostam de falar muito e contar histórias? Com certeza, no meio popular, existem muitas dessas pessoas que gostam de ficar horas e horas contando histórias como forma de entretenimento para ver os outros rirem e dar-lhes a atenção que desejam. Essas pessoas, geralmente, são muito sábias e conseguem apresentar de forma agradável e prazerosa um vasto conteúdo de onde o educador consegue extrair um grande número de elementos próprios da linguagem que circula no meio popular. Sem sombra de dúvida, o educador que consegue inserir, no processo de construção do conhecimento, os elementos da realidade, da cultura e do cotidiano do educando dá passos significativos para aproximar o conteúdo de conhecimento aos interesses e motivações dos educandos e de suas histórias.

Por um lado cabe alertar que a linguagem, ao longo da história, tem servido como meio de consolidar a perpetuação de estruturas e sistemas resultantes das ideologias vigentes e dominantes. Por outro lado, tem-se que reconhecer que a linguagem tem servido para facilitar a implantação de processos de libertação e tem ajudado na formação de cidadãos mais conscientes e maduros comprometidos com o bem comum e seguros quanto a possibilidade de assumirem com perícia o papel social de construção de uma sociedade mais igualitária.

Ao pensar o papel da linguagem na constituição de uma cultura, estamos diante de uma questão bastante complexa uma vez que a linguagem abrange uma infinidade de mecanismos que intervém no modo de se expressar e mostrar de um povo. É complexo na medida em que

se admite a existência de diferenças individuais no interior de uma mesma cultura, gerando assim, diferentes maneiras de comunicar e expressar as características culturais de um grupo. É complexo na medida em que nos defrontamos com uma realidade já anunciada por Pirro no século IV Ac, quando dizia estar convencido de que nenhum conhecimento é seguro, tudo é incerto. Hoje estamos diante da mesma incógnita em que se encontrava Pirro já que as certezas atuais, declaradas pelas ciências, já não são tão certas e um grande número de cientistas e pensadores admitem e acreditam que as teorias podem ser aprofundadas, aperfeiçoadas, melhoradas e até mesmo superadas.

No século XXI, a tendência é superar os essencialismos e priorizar as multiplicidades e as diversidades. O princípio primeiro de onde procedem todas as coisas concebido como uno irreduzível, imutável, perfeito, imóvel, eterno, perene de Parmênides está sendo confrontado com o movimento de Heráclito e o devir de Hegel e de tal confronto resulta a idéia de valorização dos processos e das diferenças e multiplicidades.

O movimento histórico atual está revelando sujeitos que optam pela subjetividade e pela complexidade. Hoje fala-se em redes de conexões e as relações estão embasadas na complexa tarefa de fazer escolhas, opções e de acessar com rapidez e perícia o maior número de informações possível. O conhecimento e a posse de informações são determinantes nas relações de poder e na consolidação dos mecanismos e das estruturas que comandam a produção do saber, a orientação da economia, as opções políticas e ideológicas e a difusão da concepção de homem e sociedade.

Na complexidade do movimento histórico em que é importante manter-se numa perspectiva de abertura e acolhida buscando sempre ampliar o leque de possibilidades e os caminhos de construção do conhecimento bem como dos mecanismos que cercam os processos relacionais, a linguagem atua como sistema aglutinador criando condições para interação entre os mais diferentes e variados processos de construção do saber.

3.4 Sistematização dos dados coletados pelos questionários preenchidos pelos alunos

Conforme os dados fornecidos pelos alunos, pode-se notar que eles apresentam um quadro mais matizado que os professores. A que se deve isso? Eles não teriam visto diante de si a figura do Diretor ou, quem sabe, estariam aproveitando o momento para dizer as suas “verdades”? Talvez. É uma hipótese a se refletir.

Sistematização da coleta de dados realizada através de questionários com alunos da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola La Salle Esmeralda no ano de 2008. No total foram 21 alunos da Turma 81. Os educandos não precisavam se identificar de modo que tiveram maior liberdade para dar seu parecer. O questionário está disponível no Anexo três

1. Dados Pessoais		
Idade	Idade	Número
	13 anos	7
	14	6
	15	6
	16	2
	TOTAL	21
Profissão do Pai (Um pai possuía duas ocupações)	Ocupações dos pais	Número
	Comerciante	2
	aposentado	2
	apenado	1
	pedreiro	3
	vigia	2
	biscateiro	1
	açougueiro	1
	vendedor	1
	funcionário público	2
	cobrador	1
	frentista	1
	não sabem	4
	autônomo	1
	TOTAL	22
Profissão da mãe	Ocupações das mães	Número
	Dona de casa	6
	diarista	7
	babá	2
	comerciante	1
	educadora	2
	cozinheira	1
	enfermeira	1
	não sabem	1
	TOTAL	21
Cidade natal do pai	Cidade natal do pai	Número
	Porto Alegre/RS	5
	Camaquã/RS	1
	Piratini/RS	1
	Pato Branco/PR	1
	São Gabriel/RS	1
	Mariano Moro/RS	1
	Erechim/RS	1
	Laguna/SC	1
	Rosário do Sul/RS	1
	Barracão/SC	1
	São Luiz Gonzaga	1
	Não sabe	6
	TOTAL	21
Cidade natal da mãe	Cidade natal da mãe	Número
	Porto Alegre	9
	Camaquã	1
	Pântano Grande	2

	Santiago	1
	Piratini	1
	Santa Rosa	1
	São Gabriel	1
	Horizontalina	1
	São Francisco de Assis	1
	Não sei	3
	TOTAL	21
Quantidade de irmãos?	Irmãos	Número
	Nenhum irmão	2
	1 irmão	5
	2 irmãos	5
	3	4
	4	4
	6	1
Onde passa as férias?	Local das férias	Número
	Casa parentes	8
	Praias	8
	Em casa	5
Você frequenta?	Local de frequência	Número
	Igreja	6
	grupo de jovens	3
	time de futebol	7
	outros grupos	2
	nenhum	5
O que você faz nos finais de semana? (Obs: Esta opção aceitou mais do que uma alternativa)	Atividade de lazer	Número
	Assiste TV	4
	Vídeo	1
	estuda	2
	visita parentes	3
	fica em casa	5
	joga futebol	5
	sai com amigos	5
	ajuda a mãe	2
	depende	2
	trabalha	1
	vai ao shopping	4
	vai ao centro	2
	navega na internet	2
2.Na sua Opinião, as aulas na Escola Fundamental La Salle Esmeralda ajudam você a: (anexo 4)		
Refletir sobre ações que você decide tomar?	Resposta	Número
	sim	13
	não	5
	não sei	2
	Em branco	1
Saber por que existem pessoas ricas e outras pobres?	Resposta	Número
	Sim	11
	Não	3
	Não sabem	4
	Em branco	3
A escolher aquilo que lhe ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida pessoal?	Resposta	Número
	Sim	10
	Não sei	6
	Não	1
	Em branco	4
A escolher aquilo que lhe ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida profissional?	Resposta	Número
	Sim	10
	Não sei	2

	Não	5
	Em branco	4
A posicionar-se diante da política, refletindo sobre as propostas dos candidatos nas eleições e observando se há coerência entre suas propostas e a vida política?	Resposta	Número
	Sim	9
	Não sei	2
	Não	5
	Em branco	5
A relacionar os assuntos estudados com sua vida na família, na comunidade e na sociedade?	Resposta	Número
	Sim	8
	Não sei	2
	Não	7
	Em branco	4
3. Citar fatos que você aprendeu ou comentou na escola que existem, acontecem ou aconteceram na Vila Esmeralda	Pichação, tráfico, brigas, pobreza, fome, violência, queima de lixo, falta policiamento, precariedade do posto de saúde, baile funk, roubos, partilha, união	
4. Quando você percebe que alguém precisa de ajuda: (anexo 5)		
Você se dispõe a ajudar?	3 responderam sim	
Você deixa que se vire?	Ninguém recorreu a esta opção	
Depende de quem é a pessoa?	18 responderam que depende da pessoa	
5. Se você percebe que um(a) colega está com dificuldade em aula (anexo 5)		
Você ajuda e deixa que ele ou ela mesmo faça a tarefa?	11 assinalaram esta opção	
Você faz a tarefa para ele ou para ela?	Ninguém assinalou esta opção	
Isso nunca me aconteceu?	10 assinalaram esta opção	
6- Você prefere fazer as tarefas de aula (anexo 5)		
Com meninos?	4	
Com meninas?	12	
Tanto faz?	4	
Não respondeu	1	
7. Você prefere fazer atividades (anexo 5)		
Com colegas de cor branca?	-	
Com colegas de cor negra?	-	
Tanto faz?	21	

3.5 Análise dos dados coletados junto aos alunos

Procedendo a análise dos dados obtidos, através do instrumento acima, junto aos alunos, pode-se fazer a seguinte leitura:

São educandos de faixa etária distribuída entre treze a dezesseis anos. Originários de famílias cuja profissão dos pais são as classificadas entre as que fazem parte do trabalho manual, portanto, no processo de diferenciação estão inseridos no grupo que historicamente é visto como executores de tarefas não fazendo parte do grupo que é visto como dispensador da produção intelectual.

As profissões dos pais, com raras exceções, são as consideradas de baixa remuneração e que não exigem muita escolaridade de modo que estamos realizando uma pesquisa com pessoas simples, economicamente limitadas e de poucas posses.

Verifica-se também que tanto o pai como a mãe trabalham fora de modo que o tempo de convivência familiar se torna restrito e o processo formativo dos educandos, na maioria das famílias, se dá com ausência ou limitada participação dos pais ou responsáveis.

A maior parte dos pais dos educandos entrevistados procedem de cidades do interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. De modo que são pessoas procedentes de realidades bastante diversificadas e diferentes que, pelos processos migratórios internos, acabaram se juntando na mesma realidade para formar o contexto e o cotidiano da Vila Esmeralda.

Outra constatação é de que se tomarmos como referência a quantidade de filhos mais de cinquenta por cento, para ser mais exato 57,14% das famílias dos educandos entrevistados, não têm mais do que três. Desse modo, nessa turma de alunos da Escola, não se confirma o mito de que famílias da classe popular “se enchem de filhos”.

Os educandos entrevistados quando interpelados a respeito dos locais onde geralmente passam os períodos de férias, revelaram que vão para a casa de parentes nas cidades do interior, para as casas de praia dos parentes ou amigos com destaque para as idas às praias de Cidreira, Pinhal, Magistério e Quintão. Também existe uma percentagem de 23,8 % dos entrevistados que passam as férias em casa.

Quanto à participação em grupos e movimentos sociais, os maiores índices estão situados nas Igrejas e clubes de futebol, na seqüência, em ordem decrescente, aparecem os que participam de grupos de jovens e uma percentagem de 23,8% que não participam em nenhum grupo ou clube.

Analisando o quesito lazer através da pergunta a respeito das ocupações nos finais de semana, é possível constatar que as opções prioritárias encontram-se nas saídas com amigos, idas ao shopping com a família, permanência em casa, jogo de futebol e assistir TV. Com menor intensidade, apareceram visitas a parentes, jogo de vídeo game, navegar na internet.

Com as informações obtidas até o presente podemos verificar que as pessoas pesquisadas pertencem ao contexto de produção da cultura popular, as suas famílias são procedentes, na sua maioria, do interior dos três estados do Sul, possuem empregos com baixa remuneração que exigem pouca escolaridade, tanto o pai como a mãe trabalham fora, a média aproximada é de três filhos por família, a maioria dos entrevistados freqüentam ou igrejas ou clubes de futebol, passam as férias em casa, na casa de parentes e na praia e os lazeres prioritários são futebol, passeios com amigos, assistir TV e idas ao shopping.

Nas questões de opinião perguntou-se se as aulas da Escola Fundamental La Salle Esmeralda ajudavam a refletir as ações, ter consciência das causas da pobreza, fazer escolhas

conscientes para melhor preparação pessoal e profissional, ter consciência política, relacionar os conteúdos de estudo com as vivências.

A partir do retorno obtido, 61,9% dos entrevistados entendem que a escola ajuda refletir as ações, 23,8% entenderam que não e 9,5% não sabem, ao passo que 4,8% não responderam a questão.

Quanto ao fato de ter consciência sobre as causas da pobreza, 38% reconhecem que a escola ajuda a fazer esse processo enquanto que 9,6% entendem que não e 33,4% não sabem, ao passo que 19% não responderam a questão.

Outra alternativa apresentada referia-se ao desejo de verificar se a escola ajuda os educandos a fazer escolhas conscientes para melhor preparação pessoal. A partir dos retornos nos é possível relatar que 47,7% dos entrevistados disseram que sim, 28,6% disseram não saber, 4,8% declararam que não e 19% não responderam a questão.

Também foi foco de interesse, verificar se a escola ajuda os educandos a fazerem escolhas conscientes para melhor preparação profissional. Agrupando os dados verificou-se que o equivalente à 47,7% disseram que sim, 9,5% responderam que não sabem e 23,8% entendem que não, ao passo que 19% dos entrevistados não responderam a questão.

A pesquisa tinha também como meta verificar se a escola forma os educandos de modo que os mesmos tenham consciência política e saibam analisar as propostas dos candidatos e verificar se estes são coerentes na efetivação das promessas de campanha. Nesse quesito percebeu-se que o equivalente a 42,8% entendem que sim, 9,5% não sabem e 23,8% disseram que não ao passo que 23,8% não responderam a questão.

Na intenção de obter o maior número de informações a fim de constatar se o processo educativo da escola atende às demandas dos alunos e oferece as possibilidades necessárias para uma formação integral não é conveniente deixar de fora uma alternativa em que o educando pudesse opinar se a escola ajuda a relacionar os conteúdos de estudo com as vivências do cotidiano. Os retornos revelaram que uma percentagem de 38% entendeu que sim, 9,5% declarou não saber e 33,3% disse que não, enquanto que 19% dos entrevistados não responderam essa questão.

Para identificar elementos de relação das atividades da escola com o cotidiano dos educandos e valorização das peculiaridades da cultura popular, apresentou-se como questão a possibilidade do educando nomear conteúdos, situações ou fatos que se comenta e aprende na escola que existem, aconteceram ou acontecem na Vila Esmeralda. Os educandos nomearam com maior insistência o tráfico de drogas, pobreza, fome, violência, falta de segurança, precariedade do atendimento à saúde, baile funk, roubos, partilha, união e descaso com a

necessidade de proteção ao meio ambiente. Conforme minha interpretação em relação aos dados obtidos e pelo conhecimento que tenho da realidade a partir da convivência de oito anos nesse contexto, entendo que os educandos abordaram aspectos pertinentes à realidade em que estão inseridos e que representam preocupação do dia-a-dia e retratam o cotidiano da população carente de nosso país.

Os moradores do meio popular, por mais que se esforcem, dificilmente conseguem livrar-se das conseqüências da precariedade de recursos, da marginalização, do descaso e da exploração. Nesse caso é necessário reconhecer que violência, insegurança, fome, limitação de recursos, precariedade das condições de moradia, saúde e higiene bem como a dificuldade para conseguir o reconhecimento de seus direitos de acesso à educação e às condições de vida digna sem omitir a união e partilha são características dos moradores dos meios populares.

Objetivando verificar se a escola consegue realizar o processo educativo formando os educandos para a solidariedade, esboçou-se a seguinte questão: quando você percebe que alguém precisa de ajuda dispõe-se a ajudar, deixa que se vire, depende da pessoa? Uma parcela de 14,28% declarou ajudar, 0% deixa que o necessitado se vire e 85,8% revelaram que sua disposição para ajudar vai depender da pessoa.

Com a intenção de verificar se a escola consegue realizar o processo educativo de modo a respeitar e valorizar, no educando, a busca da autonomia e liberdade apresentou-se o seguinte questionamento: “se você percebe que um(a) colega está com dificuldade em aula ajuda e deixa que ele ou ela faça a tarefa, faz a tarefa para ele ou ela, tal fato nunca me aconteceu?” Os entrevistados retornaram da seguinte forma: 52% declararam ajudar mas deixar que o colega faça a atividade, não houve adesão ao item que declara a possibilidade de fazer a tarefa para o colega e 47,6% disseram não ter ocorrido tal situação.

Para perceber como se estabelecem as relações de gênero perguntou-se se os educandos preferem fazer as tarefas com meninos, meninas ou tanto faz? Um grupo de 19% demonstrou preferência em fazer atividades com meninos, 57,2% com meninas e 19% tanto faz ao passo que 4,8% não responderam a questão. Os números revelam uma tendência histórica de manter a divisão entre masculino e feminino e a dificuldade de estabelecer relações afins com o princípio da igualdade. Apenas 19% dos entrevistados revelaram abertura para acolher tanto o masculino como o feminino para efetivar uma parceria na execução das tarefas.

Na intenção de verificar o grau de tolerância relativa à execução de tarefas com o foco no quesito cor foi lançada a proposta da seguinte forma: “Você prefere fazer atividades com colegas de cor branca, negra, tanto faz?” As respostas dos entrevistados revelaram existir tolerância em relação a cor já que 100% dos entrevistados optaram pela alternativa tanto faz.

Uma vez agrupados todos os dados obtidos através do instrumento de pesquisa aplicado aos alunos, constata-se que na compreensão dos entrevistados a Escola Fundamental La Salle Esmeralda atende apenas regularmente a demanda no quesito leitura crítica da realidade quando da produção do conhecimento já que apenas o equivalente a 60% dos entrevistados assinalaram a alternativa sim.

4 - CONCLUSÃO

Ao concluir a presente dissertação é oportuno retomar algumas das reflexões feitas, descrever constatações, argumentar a respeito do processo de construção do conhecimento, analisar as teorias adotadas, fazer algumas conexões e relacionar as reflexões com os movimentos do processo histórico e cultural.

Na ótica dessa construção dissertativa quanto se trata de construção do conhecimento o contexto, sempre, se torna relevante valorizar o conhecimento do educando e os fatores históricos e culturais relacionados à vida dos mesmos, porque acredita-se que esta valorização fornece as melhores possibilidades de construção do saber na linha da Educação Popular. No processo educativo não se pode fechar os olhos para a realidade, ao contrário, recomenda-se partir da mesma para conseguir despertar o interesse e o envolvimento do educando pois, é óbvio, que o contexto no qual o educando está inserido fornece os elementos culturais a partir dos quais se pode extrair os temas geradores do processo de construção do conhecimento.

Sem sombra de dúvida, assim como o contexto, também os aspectos ligados ao cotidiano dos educandos é relevante na construção do conhecimento. O dia-a-dia dos sujeitos do processo é rico no sentido de dar informações e de reunir elementos relacionados como o modo de ser e viver, bem como com aspectos culturais do educando. É o espaço e o tempo histórico em que se processam as redes de relações que permitem a problematização do cotidiano, transformando-o em um espaço de constante aprendizagem. Voltando a Heráclito pode-se dizer que o cotidiano é movimento, ação, práxis e é, portanto, dialético. Em outras palavras na ótica da construção do conhecimento, o cotidiano é espaço e tempo de possibilidades, de práxis, de oportunidades uma vez que oferece aos sujeitos condições favoráveis para a construção do conhecimento e aquisição do saber.

Na ótica empirista em que a experiência é o caminho primeiro, necessário, determinante para a construção do conhecimento é oportuno mencionar a práxis do educando como um constructo favorável já que no processo de construção do conhecimento, balizado pela reflexão-ação-reflexão, a práxis tem sido valorizada intensamente como espaço e tempo de

instaurar o processo dialético para confrontar ideologias e idéias necessárias para a construção do saber.

Construir conhecimento num ambiente de relações, já que não vislumbramos outra maneira a não ser essa, nos mostra uma realidade complexa onde se estabelecem relações de poder tanto de forma vertical como horizontal. Foucault fala em microfísica do poder mostrando que ao longo do processo histórico, as maneiras de exercer o poder também foram mudando. Hoje, nas realidades complexas, as relações de poder são bastante sutis e adotam características de realidades compreendidas na ótica da multiplicidade, ou seja, se dão em sistemas compartimentados, porém, ligados em rede e dentro de um mecanismo complexo de conexões.

Consciente de tal situação cabe prosseguir dizendo que intencionalmente esta dissertação optou por manter uma postura ética e política direcionada à defesa e valorização das classes populares sem perder do foco a complexidade das realidades e situação histórica atual. Nessa linha convém ressaltar a necessidade de abrir o leque para o respeito às diferenças culturais e também às diferentes culturas. É do conhecimento de todos que, ao longo do processo histórico, o movimento cultural seguiu o ritmo da construção do conhecimento e também as relações de poder sempre acompanharam o movimento da história e algumas culturas se impuseram sobre as demais restringindo a autenticidade e a capacidade de autonomia das demais.

No decorrer do processo histórico se pode observar o desrespeito ao direito de existir como cultura e também o direito de manifestar-se como diferente. Hoje, é reconhecida a necessidade de resgatar a valorização das diferentes culturas e diferentes grupos étnicos bem como o direito do diferente ser expressão das diferenças.

O século XXI apesar das contradições e inúmeras incertezas que por um lado representam aspectos positivos no sentido de abertura à mudança e às possibilidades de construir novos conhecimentos, por outro lado, representa a desconstrução e a insegurança que também, conforme Derrida (apud Cotrim, 2006, p.213), não deixa de ser positivo por se tratar de algo necessário. Não dá para ignorar que a desconstrução gera dúvida, desorganização e instaura crises que exigem dos sujeitos readaptação, reorganização e ressignificação, porém, quando bem elaborada leva à aprendizagem e esta torna os sujeitos mais habilitados a rever seus processos internos e buscar mudanças tanto internas quanto nas relações com os outros.

Na realidade pesquisada verifica-se a necessidade de provocar desconstruções tanto a nível de formação dos professores quanto a níveis ideológicos e estruturais. Se faz necessário

ter políticas educacionais voltadas a um processo que priorize ações que ajudem \dar um passo de qualidade para superar o estilo bancário de fazer educação e ousar em direção a uma educação mais conscientizadora, problematizadora , politizante e libertadora.

No caminhar em direção às mudanças, existe certa concordância em relação a necessidade de favorecer a inclusão e valorização das diferenças tanto individuais como as culturais. Questões de gênero, raça e etnias são eminentes e ocupam espaço de destaque tanto nos debates quanto na construção do conhecimento. Caminha-se para a formação de mentalidades e para a consolidação de teorias pedagógicas direcionadas à defesa de processos que visam a formação de comportamentos de acolhida a atitudes de solidariedade e tolerância.

A flexibilidade tem sido uma tônica nos discursos quando se foca a valorização das diferenças sejam elas culturais ou raciais, no entanto, a prática depõe contra esta tendência e percebe-se a urgência de que a teoria ganhe efetividade também na práxis escolar e que o agir não seja dissonante em relação ao pensar.

A flexibilidade nas relações abre janelas para estabelecer um diálogo construtivo entre as diferentes culturas podendo então, ressaltar os aspectos positivos das diferenças e tornar o caminho do processo de construção do conhecimento mais complexo, porém, mais rico e mais fortalecido no respeito e valorização dos sujeitos e das diferenças culturais e étnicas.

Tanto o racionalismo como o empirismo, ao longo da história da filosofia, ocuparam amplo espaço nas reflexões, discussões e debates sobre qual das duas correntes adotaria posição prioritária na construção do conhecimento. O empirismo foi arduamente defendido por Loke, Bacon, Hobbes, Hume, Berkeley e outros como o caminho mais eficaz para se construir o conhecimento por entender que a experiência é a origem do conhecimento. Já entre os defensores do racionalismo se pode citar desde Platão, Aristóteles, até Descartes, Spinoza, Malebranche, Leibniz, Wolff e outros, entendem que a razão é o caminho prioritário para a construção do conhecimento sem nomear os que adotam uma posição intermediária ora dando ênfase a uma corrente ora dando ênfase para a outra de acordo com os teóricos e pensadores que as defendem.

Nesse vai e vem de debates e argumentos filosóficos, é importante ressaltar que para a construção do conhecimento se pode valorizar todos os canais a partir dos quais se tem oportunidade de ver possibilidades para se chegar ao saber. Toda janela aberta é uma possibilidade a mais para encontrar o melhor caminho para a construção do conhecimento no processo educativo.

Tanto a realidade sensível quanto a inteligível podem participar do processo sem a necessidade de exclusão, ao contrário, complementando-se, abrindo janelas em forma de

possibilidades mostrando de forma ampla os caminhos possíveis, ou seja, que por trajetórias diferentes pode-se chegar ao mesmo objetivo. Hegel procura fazer uma síntese entre as duas realidades, claro que acaba reforçando a realidade inteligível, porém, demonstra concordância e compreende a realidade sensível como participante do processo de construção do saber.

A inclusão abre espaços para o desenvolvimento da criatividade uma vez que oferece aos sujeitos mais alternativas e exige dos mesmos reflexão, análise crítica e capacidade de optar por seguir a trajetória mais indicada para chegar à meta com eficácia. Cada sujeito busca os caminhos de acordo com os recursos de que dispõem. Os mais hábeis para seguir a realidade sensível, das experiências, reforçarão essa potencialidade. Os mais familiarizados com o uso da realidade inteligível, da razão, vão seguir esse caminho, no entanto, o que importa é que o sujeito consiga construir o conhecimento de forma autônoma, livre e o faça de tal forma que possa sentir alegria, prazer e satisfação.

Os autores usados como referência nessa dissertação acreditam num processo dialógico de construção do saber. Reforçam a importância dos aspectos históricos culturais e consideram o contexto, a cotidianidade, a realidade, a práxis como espaços privilegiados donde resultam os temas geradores do processo de construção do saber e de formação da consciência. Também são espaços privilegiados de problematização, politização, construção de processos autônomos e conquista da liberdade.

Os processos históricos e culturais ganham forma na realidade, no cotidiano, na práxis e têm um espaço e tempo delimitado a partir dos quais se dão os movimentos de troca e a construção do saber obedece, até certo ponto, princípios históricos e culturais. Consciente desse processo, na presente dissertação tomo como foco de pesquisa a construção do conhecimento nos meios populares tendo como referência a Escola Fundamental La Salle Esmeralda. É desse lugar que se fala, uma vez que a referida instituição de ensino está inserida na Vila Esmeralda, meio popular, considerado espaço privilegiado para pesquisa, estudo, reflexão e análise do processo de construção do conhecimento na cultura popular.

Tanto a fundamentação teórica como o estudo, reflexão, diálogo e pesquisa deram algumas pistas que corroboraram a tese pedagógica da Educação Popular acerca do enriquecimento e qualificação do processo de construção do conhecimento a partir da cultura popular. É oportuno esclarecer que a dissertação não esgota a reflexão, apenas levantou algumas hipóteses e propôs uma análise mais aprofundada das condições em que se dá a produção do conhecimento nas instituições escolares que têm por clientela o público proveniente dos meios populares.

Acredito que a presente dissertação pode ter sido relevante pelo fato de provocar a reflexão, no entanto, não se deteve apenas nessa meta uma vez que apontou para a necessidade de provocar algumas desconstruções a fim de redirecionar e rever o processo pedagógico da Escola Esmeralda, buscando criar novas alternativas, possibilidades para a produção do conhecimento no meio popular.

Com essas considerações se pode encaminhar a conclusão da presente dissertação dando ênfase às janelas que se abrem mais freqüentemente quando a construção do conhecimento se torna um processo contínuo sempre sujeito a intervenções com o intuito de dar maior profundidade aos processos e às teorias já constituídas, porém, inacabadas que permitem construir novas teorias que atendam às exigências e necessidades do atual momento histórico e cultural.

Através dos dados obtidos pela análise dos documentos da escola, pelas entrevistas com os professores transparece com forte evidência a preocupação em problematizar e politizar a produção do conhecimento, mas na posse dos dados coletados junto aos alunos percebe-se a insuficiência uma vez que apenas o equivalente a 42,8% acredita que a escola desempenha esse papel de forma exitosa.

Tendo presente os dados obtidos através da análise dos documentos e as entrevistas com os professores percebe-se que existe compatibilidade quando se trata de reconhecer a necessidade de valorizar o saber do educando e compreender o processo educativo como relação de troca entre educando e educador. Analisando os dados obtidos junto aos alunos percebe-se certa discrepância entre teoria e prática já que apenas 38% dos entrevistados declararam acreditar que a escola cumpre esse papel com êxito.

Confrontando as respostas dos alunos com a análise dos documentos da escola e os resultados das entrevistas com os professores, pode-se dizer com convicção que, na produção do conhecimento, existe vontade política de educar para o comprometimento social em favor da igualdade, liberdade, fraternidade e solidariedade.

Observando os resultados da pesquisa feita com os alunos dá para questionar as certezas obtidas através da análise dos documentos e dos resultados das entrevistas com os professores, pois uma maioria de 85% dos educandos entrevistados, declarou que a ajuda à alguém está relacionada à pessoa a quem é direcionada. Em outras palavras, os estudantes estão dispostos a ajudar pessoas merecedoras ou com as quais tenham algum vínculo. Apenas 14,28% dos entrevistados demonstram disposição para ajudar independente da pessoa, ou seja, ajudam por acreditar no valor da solidariedade. Interpretando esses dados se pode

entender que é preciso aprofundar o trabalho no sentido de melhorar a compreensão da solidariedade como um valor que deve ser assumido indiscriminadamente.

Tanto os documentos como os resultados das entrevistas com os educadores apontam para a necessidade de, na construção do conhecimento, criar possibilidades para exercitar a consciência crítica, autonomia e respeito às diferenças culturais de raça, etnia e gênero. Os resultados obtidos através da pesquisa junto aos alunos referente à autonomia demonstram que 52% declararam acreditar que a escola favorece a busca da autonomia e revelaram habilidade para respeitar a autonomia do outro.

Em relação à consciência de respeito às diferenças com foco na questão gênero 76,2% dos entrevistados revelaram, através das alternativas escolhidas, ter dificuldades de realizar tarefas sem rivalizar masculino e feminino e apenas 19% revelaram abertura para interagir naturalmente tanto com meninas como com meninos.

Focando a interação tendo em vista o quesito cor, percebe-se, por parte dos educandos entrevistados, alto índice de tolerância uma vez que 100% deles declararam não ter preferência e demonstraram disposição para fazer tarefas indiscriminadamente não importando a cor do(a) colega.

Com o acesso aos dados obtidos através da análise documental, as entrevistas com os professores, funcionários, alunos e moradores da Vila Esmeralda e mediante as reflexões feitas a partir dos referenciais teóricos bem como a observação do cotidiano dos moradores, a valorização do contexto e a minha experiência de oito anos de convivência na Vila Esmeralda, apresento algumas pistas que, diferenciam a construção do conhecimento no meio popular em relação a outros contextos e outras instituições de ensino.

É a consciência que se tem do lugar de onde se fala. Cabe dizer que estou me reportando a um meio específico, cujas características retratam tão somente a realidade da Vila Esmeralda. É nesse espaço que se perpetua um processo de construção do conhecimento de forma diferenciada uma vez que ocorre a inserção de fatos, acontecimentos, atitudes, valores, comportamentos, manifestações, experiências, produções culturais, modo de ser e viver relacionados com o dia-a-dia dos educandos e dos moradores da Vila Esmeralda. Na realidade esse contexto é único porque revela o modo de ser, viver e relacionar dos moradores da vila em questão.

É nesse contexto de inserção da realidade, do cotidiano e do conhecimento do educando da Vila Esmeralda que o educando estabelece o maior número de relações e se depara com os problemas aos quais necessita enfrentar e encontrar mecanismos e meios para transpô-los. É na Vila Esmeralda que o educando se depara com as situações relacionadas com seu dia-a-dia

e suas vivências. É essa a realidade com a qual o educando interage e é nela que encontra a maioria dos elementos necessários para a efetivação do processo de construção do conhecimento. Nessa ótica, o dia-a-dia de um educando é o dia-a-dia de um morador da Vila Esmeralda já que os mesmos participam do movimento histórico e cultural no contexto em que estão inseridos. Sendo assim os educandos têm conhecimento de quase todos os movimentos da comunidade. Estão inteirados das necessidades e das conquistas, das alegrias e das tensões, dos momentos de tranquilidade e das situações de violências, dos sucessos e dos fracassos, das virtudes e dos vícios, das possibilidades e dos limites, do simbólico, da mística e do jeito próprio de ser dos moradores da Vila.

Sobre as opções políticas claramente direcionadas ao público pertencente às classes populares, o referencial das decisões políticas necessariamente remete à valorização de ações cujos resultados beneficiem diretamente à classe popular. Só na medida que as decisões políticas contemplam as classes populares pode-se falar em construção do conhecimento, priorizando a cultura popular. As políticas em benefício das classes populares dão a esse público o direito de recuperar a auto-estima e perceber a importância de, a partir de impulsos externos, encontrar os mecanismos de consolidação de processos autônomos em vista da liberdade.

Sobre as opções ideológicas contemplando tanto os interesses como a valorização da cultura popular, é necessário defender ideologias cujo foco esteja na formação de atitudes solidárias de valorização dos gestos solidários e de respeito às diferenças culturais e diferentes culturas; bem como as ideologias que reconheçam a necessidade de fortalecer as organizações e mecanismos de expansão de ações voltadas ao bem comum e em defesa de projetos sociais direcionados às classes populares. Há também ideologias que buscam fortalecer a convicção na necessidade de socializar o resultado dos meios de produção do capital e do próprio capital bem como a preservação e ampliação de políticas direcionadas ao bem estar e qualidade de vida para todos.

A pesquisa permitiu também estabelecer alguma clareza sobre quem são os sujeitos que participam na construção do conhecimento. Os sujeitos do processo são os educandos e demais participantes das ações e movimentos cuja interação favorece o afloramento de possibilidades que vão desencadear um processo coletivo de construção do conhecimento focado no contexto e cotidiano dos indivíduos. Os sujeitos do processo, na melhor das hipóteses, precisam conhecer a realidade da cultura popular, demonstrar empatia, criar vínculos, e assumir o contexto, o cotidiano e a cultura popular como possibilidade de conhecimento e construção do saber.

O modo como se dá o processo de produção do conhecimento pode ser interpretado através do jeito hegeliano. É preciso uma tese, uma antítese e uma síntese. Por outro lado, compreender que esse mesmo processo de produção do conhecimento, pode se dar pelo jeito dialógico conforme a concepção de Freire, sendo importante a troca, interação e problematização. Outra interpretação pode inspirar-se na ação comunicativa na linha de Habermas, na qual merece destaque a superação do autocentrismo em vista do heterocentrismo. Os sujeitos do processo são desafiados a superar o fechamento sobre as próprias concepções e idéias tendo em vista a valorização das concepções e idéias dos outros. Na realidade para estabelecer a ação comunicativa é necessário valorizar o saber do outro e estabelecer um processo de comunicação e nesse caso a construção do conhecimento assume um viés participativo conforme apregoava Paulo Freire.

Também é possível, a partir dos dados obtidos, refletir sobre a orientação do processo. Último fator sobre o qual pretendo discorrer porque acredito que corrobora significativamente na produção do conhecimento. É decisiva a participação de quem orienta e dá as coordenadas. Na concepção dos pensadores que defendem a formação da consciência crítica, os sujeitos que dão o ritmo ao processo, são os envolvidos, de modo que as decisões são coletivas, proporcionando a participação de todos os sujeitos tendo em vista, sempre, os interesses coletivos e não apenas os individuais. Sempre que possível respeita-se às individualidades, no entanto, estas subordinam-se, quando necessário, às decisões e ações coletivas. Sendo assim, se o processo de construção do conhecimento é orientado pelos sujeitos provenientes ou que demonstram empatia com as classes populares tem maior probabilidade de atender às necessidades e defender os interesses dos sujeitos do meio popular.

É oportuno, reportar-se , mais uma vez, a Alberto Melucci para defender a idéia de que é preciso, sim, respeitar as individualidades, mas não dá para descuidar, perder de vista o foco nos aspectos sociais. Na ótica da complementaridade não cabem concepções que difundam a idéia de escolha a partir de proposições tais como a que segue: ou isso ou aquilo na linha da exclusão, mas é simpática a idéia de considerar isso e aquilo, ou seja, a individualidade mas também a necessidade do convívio social inerente à espécie humana. O ser humano não é uma ilha, de modo que precisa encontrar fora de si aqueles aspectos ausentes na sua interioridade. O ser humano só se realiza na relação. Podemos questionar a qualidade das relações mas, jamais, deixar de reconhecer a necessidade e validade das mesmas.

Finalmente cabe responder de forma sintética, ao final desta dissertação, as três questões propostas na introdução.

a) De que maneira/em que medida a E. F. La Salle Esmeralda pode ser considerada um espaço onde se faz uma leitura crítica da realidade na construção do conhecimento escolar, priorizando a valorização das peculiaridades da cultura popular?

A Escola Fundamental La Salle Esmeralda surgiu a partir de uma necessidade dos moradores da Vila Esmeralda que desejavam ter um espaço para organização e produção do conhecimento. Com esse propósito, a escola foi viabilizada por intermédio de um convênio entre a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a Sociedade Porvir Científico. Embora seja uma escola privada, trata-se de uma instituição de natureza confessional e filantrópica de cunho assistencial voltada ao atendimento gratuito e público dos filhos dos moradores da Vila Esmeralda, nessa medida, dentro das suas possibilidades, a comunidade escolar e local da E. F. La Salle Esmeralda, tentam realizar uma leitura crítica da realidade na construção do conhecimento escolar, priorizando a valorização das peculiaridades da cultura popular.

b) A E. F. La Salle Esmeralda pratica uma educação que permite aos seus alunos e docentes desenvolverem uma leitura crítica da realidade na construção do conhecimento que valorize as peculiaridades da cultura popular?

No decorrer de seu processo histórico já de 28 anos, a escola tem procurado oferecer aos moradores da Vila Esmeralda um espaço de construção do conhecimento. Tem exercido esse papel com muito esmero, porém, o movimento histórico provoca mudanças e hoje é importante avaliar se o modo como está sendo orientado o processo de construção do conhecimento, ainda, atende as necessidades dos moradores da Esmeralda. Cabe destacar que a avaliação deve ser contínua, no entanto, um dos objetivos entre tantos outros dessa dissertação foi o de produzir alguns dados que permitissem o estudo, a reflexão e a análise mais aprofundados, com maior rigor científico, a fim de obter informações mais seguras e precisas. O foco não é apenas avaliação de um processo histórico já construído. Tem-se em vista uma oportunidade para investigar a melhor forma de se chegar ao conhecimento valorizando tanto o saber dos educandos como o contexto e a cotidianidade da cultura popular. Desse modo, a dissertação quis buscar o conhecimento de novas alternativas para o processo educativo valorizando as peculiaridades da cultura popular. No fundo, se pretendia compreender como a construção do conhecimento pode e deve ser diferente para atender às demandas da cultura popular sem comprometer sua autenticidade.

c) As peculiaridades da cultura popular são valorizadas na leitura crítica da realidade necessária ao processo de construção do conhecimento desenvolvido na E. F. La Salle Esmeralda?

Como pistas para obter maior eficácia na construção do conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular, é importante reconhecer o esforço da E. F. La Salle Esmeralda, em especial de seu corpo docente, em especificar com clareza o lugar de onde se ensina; tendo as opções ideológicas de comprometimento e de valorização da cultura popular; assumindo as políticas públicas mais favoráveis à cultura popular; tendo consciência que os sujeitos do processo são os pertencentes à classe popular; valorizando da melhor forma possível o contexto, a realidade, o cotidiano dos sujeitos do processo; valorizando o saber do sujeito do meio popular; reconhecendo a importância de respeitar as diferenças individuais e culturais. O modo, portanto, como esta Escola tenta construir o conhecimento abre possibilidades educativas para os sujeitos pertencentes ao meio popular.

5 - REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Regis de Castro. Brasil: a economia do capitalismo selvagem. Lua Nova. 2002, nº 57, p. 05-32.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional, Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARAUJO, Clara e SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2006, vol. 21, nº 62, p. 45-68.
- BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Prefácio. In: MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**. Petrópolis: Vozes, 2001, prefácio 7-11.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca, **LDB Passo a Passo**, São Paulo: Avercamp, 2007. BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Jornal do Brasil, 5 de out. 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livrarias, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CORTELLA, Mário Sergio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 10ªed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2006.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 16ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Ed. da USP: FAPESP, 2004.
- DI CIOMMO, Regina Célia. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Revista de Estudos Feministas**. 2003, vol. 11, no. 2, p. 423-443
- FISCHER, Nilton Bueno. **Educando o pesquisador: relações entre objeto e objetivo**. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, v. 3, n. 5, p. 7-18, 1999
- FISCHMAN, Gustavo E. Intelectuais, burros ou superprofessores? Os educadores populares. **Currículo sem Fronteiras**, v.2, n.2 Jul/Dez 2002, p. 79-106. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss2articles/gustavo.pdf>. Acesso em 22/08/2008
- FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Editora Unesp, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

INTEGRAÇÃO: revista das comunidades educativas lassalistas. **Proposta Educativa**, Canoas, Gráfica e Editora La Salle, dez de 1997, supl. N° 25.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MIGLIORINI, Ivan José. São João Assume Escola na Agronomia. **Alertas** – Órgão de Divulgação Interno do Colégio São João, nº 27 p. 4 -7. Ano III , out. 1981.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 10. ed. Campinas ; Papirus, 2004.

MULLER, Pierre; SUREAL, Yves. **Análise das Políticas Públicas**. Pelotas- RS: Editora da UCPEL, 2004.

PLANO DE ESTUDOS. Porto Alegre: Província Lassalista de Porto Alegre, 2007.

PLANO GLOBAL. Porto Alegre: Escola Fundamental La Salle Esmeralda, 2008.

PROJETO PEDAGÓGICO. Porto Alegre: Proposta Educativa Lassalista – Província Lassalista de Porto Alegre, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da, **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SIMONETTI, Eliana. Cultura e riqueza. 2006. Disponível em <http://culturadigitalartetexto.blogspot.com/2006/04/cultura-e-riqueza.html> Acesso em 25/08/2008

TAVARES DOS SANTOS, Jose Vicente. A violência na escola, uma questão social global. In: BRICEÑO-LEÓN, Roberto. **Violencia, sociedad y justicia en América Latina**. CLACSO. 2002, p. 117-133. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/violencia/dossantos.pdf>. Acesso em 22/08/2008.

TORRES, Carmen Ligia César Lopes. Programas de Auditório: Um Gênero Mostando a Resistência da Expressão Popular nos Meios de Comunicação de Massa. Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom** - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. Disponível em

<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17259/1/R0404-1.pdf> Acesso em 04 de outubro de 2007)

6 - ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro para coleta de dados nos documentos da escola

1 - Os documentos da escola serão comparados com a fundamentação teórica e será feita uma comparação entre os próprios documentos para elaborar uma análise quanto à seleção dos conteúdos, orientação e hierarquia nas funções. Serão usados os documentos abaixo relacionados.

- a) Projeto pedagógico
- b) Plano Global
- c) Plano de Estudos
- d) Parâmetros Curriculares

ANEXO 2

Roteiro de entrevista com os professores

- 1) No seu trabalho profissional na Escola Fundamental La Salle Esmeralda você entende que ajuda ou não o educando a:
 - a) Refletir a respeito de como e por que ele age? Explique.
 - b) A perceber por que existem pessoas ricas e outras pobres? Explique.
 - c) A saber escolher aquilo que o ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida pessoal e profissional? Explique.
 - d) A posicionar-se diante da política, a refletir sobre as propostas dos candidatos em época de eleições e acompanhar se há ou não coerência entre suas propostas e a sua vida política? Explique.
 - e) A relacionar os assuntos estudados com a vida, família, comunidade e sociedade onde o aluno vive? Explique.
- 2) você trabalha com eles a questão de raça, etnia e gênero?
 - a) Se trabalha, explique como?
 - b) Se não trabalha, explique por quê?
- 3) Você entende ser importante preparar o educando para ter atitudes solidárias, justas e fraternas?
 - a) Se entende que é explique por quê?
 - b) Se entende que não é explique por quê?
- 4) No seu ponto de vista como é possível construir o conhecimento valorizando as peculiaridades da cultura popular?

ANEXO 3

Programa de Pós-graduação em educação

Mestrado

Prezado(a) aluno(a):

Este questionário faz parte de minha pesquisa para o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE – de Canoas/RS. O objetivo da pesquisa é analisar a relação entre o ensino na Escola Fundamental La Salle Esmeralda e a formação da cultura do povo da Vila Esmeralda.

Para isso preciso da sua colaboração. Solicito a sua gentileza de preencher este questionário.

Não há necessidade de se identificar.

Muito obrigado por sua ajuda.

Prof. Élio Valandro

1. Dados pessoais

Qual é a sua idade: _____ anos

Qual a profissão de seu pai? _____

Qual a profissão da Mãe? _____

Seu pai nasceu em que cidade? _____

Sua mãe nasceu em que cidade? _____

Quantos irmãos e irmãs você tem? _____

Onde vocês passam as férias?

() Em casa

() Na casa de parentes na cidade de _____

() Na cidade de _____

Você frequenta:

() Igreja. Qual? _____

() Grupo de jovens?

() Associação de Moradores?

() Time de Futebol?

() Outros grupos. Quais? _____

O que você faz nos finais de semana?

2 Suas opiniões

Na sua opinião, as aulas na Escola Fundamental La Salle Esmeralda ajudam você a: (Se quiser pode marcar mais de uma resposta)

Refletir sobre as ações que você decide tomar? () Sim () Não () Não sei.
Você pode dar um exemplo?

A saber por que existem pessoas ricas e outras pobres? () Sim () Não () Não sei
Explique

A escolher aquilo que lhe ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida pessoal ? () Sim () Não () Não sei
Explique

A escolher aquilo que lhe ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida profissional?
Sim () Não () Não sei
Explique

A posicionar-se diante da política, refletindo sobre as propostas dos candidatos nas eleições e observando se há coerência entre suas propostas e a vida política?
Sim () Não () Não sei
Explique

A relacionar os assuntos estudados com sua vida na família, na comunidade e na sociedade? Sim () Não () Não sei
Explique

3 - Cite três fatos que você aprendeu ou comentou na escola que existem, aconteceram ou acontecem na Vila Esmeralda.

Fato 1: _____

Fato 2: _____

Fato 3: _____

4 - Quando você percebe que alguém precisa de ajuda.

() Você se dispõe a ajudar? Por quê? _____

() Você deixa que se vire? Por quê? _____

() Depende de quem é essa pessoa? _____

5 - Se você percebe que um(a) colega está com dificuldade na aula:

() Você ajuda e deixa que ele ou ela mesmo faça a tarefa? Por quê? _____

() Você faz a tarefa para ele ou para ela? Por quê? _____

() Isso nunca me aconteceu.

6 - Você prefere fazer as tarefas de aula:

() Com meninas () Com meninos() Tanto faz

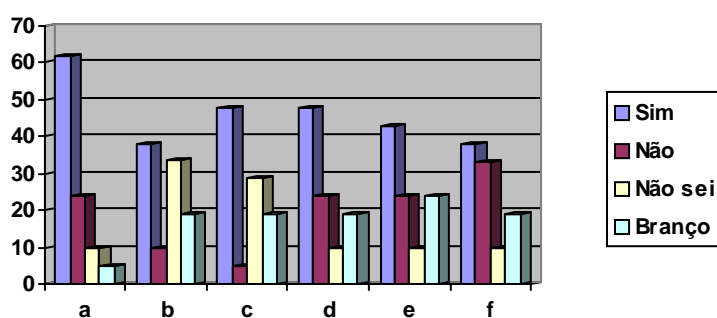
Por quê? _____

() Com colegas de cor () branca () negra () Tanto faz

Por quê? _____

ANEXO 4

Figura 9

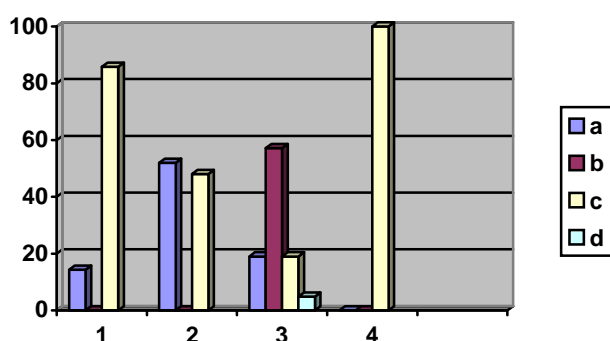


Na sua opinião, as aulas na Escola Fundamental La Salle Esmeralda ajudam você a:

- a) Refletir sobre ações que você decide tomar?
- b) Saber por que existem pessoas ricas e outras pobres?
- c) A escolher aquilo que lhe ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida pessoal?
- d) A escolher aquilo que lhe ajuda a ser melhor e mais preparado(a) na vida profissional?
- e) A posicionar-se diante da política, refletindo sobre as propostas dos candidatos nas eleições e observando se há coerência entre suas propostas e a vida política?
- f) A relacionar os assuntos estudados com sua vida na família, na comunidade e na sociedade?

ANEXO 5

Figura 10



1. Quando você percebe que alguém precisa de ajuda:
 - a) Você se dispõe a ajudar?
 - b) Você deixa que se vire?
 - c) Depende de quem é a pessoa?
2. Se você percebe que um(a) colega está com dificuldade em aula:
 - a) Você ajuda e deixa que ele ou ela mesmo faça a tarefa?
 - b) Você faz a tarefa para ele ou ela?
 - c) Isso nunca me aconteceu.
3. Você prefere fazer as tarefas de aula:
 - a) Com meninos?
 - b) Com meninas?
 - c) Tanto faz?
 - d) Não respondeu.
4. Você prefere fazer as atividades:
 - a) Com colegas de cor branca?
 - b) Com colegas de cor negra?
 - c) Tanto faz?

